UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA

BOOK CARD

Please keep this card in book pocket

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9261
.G64
M8
1924

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.

Form No. 513

GOMES LEAL

A MULHER DE LUTO

PROCESSO RUIDOSO E SINGULAR

POLYANTHÉA

PREFACIOS

DE

BOAVIDA PORTUGAL, FERNANDO REIS

E LUIS CEBOLA

2.ª EDIÇÃO

ILUSTRADA

"Cantando espalharei por toda a parte"

LISBOA

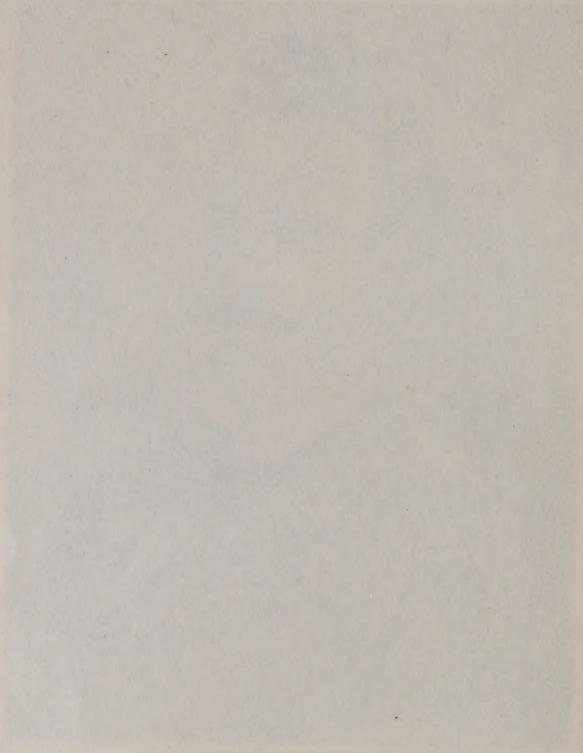
Livraria Central, Editora, de H. E. G. de Carvalho

14-A — Avenida Almirante Reis — 14-C

1924

A MULHER DE LUTO

Gomes Leal



GOMES LEAL

A MULHER DE LUTO

PROCESSO RUIDOSO E SINGULAR

POLYANTHÉA

PREFACIOS
DE
BOAVIDA PORTUGAL, FERNANDO REIS
E LUIS CEBOLA

ULTIMO RETRATO

2.ª EDIÇÃO
ILUSTRADA

LISBOA
Livraria Central, Editora, de H. E. G. de Carvalho
14-A — Avenida Almirante Reis — 14 C
1924

PREFACIOS

DUAS PALAVRAS

Eu conheci Gomes Leal já velho. O mesmo bigode refilão, o mesmo chapeu posto á banda, dos retratos e caricaturas, é certo; mas com sessenta e tantos anos, a penúria antiga chegada á miséria extrema, o fragil arcaboiço um farrapo.

Reconhecê-lo e identificá-lo com o boémio doutros tempos, era ressuscitar toda a crónica duma vida buliçosa, duma alma de eleição, dum poéta de génio, dum patriota que se envolvera com as massas populares na ânsia de lhes prègar um Evangelho que derrubasse os grandes tiranos, para implantar a Liberdade, com entusiasmo egual ao do restrito número de honestos prègadores que hoje deseja, com o mesmo esfiampado Evangelho, derrubar os pequenos tiranos, para fazer a Democracia.

Eu julgo tão necessário mostrar á mocidade o altíssimo poéta como o impetuoso e militante democrata. Do grupo dos intransigentes, com Lomelino de Freitas, Nobre França, João Bonança, Agostinho Fortes, Lemos de Nápoles e poucos mais, Gomes Leal tinha apenas como programa a República, a fazer revolucionàriamente, sem transigir com aqueles republicanos que preferiam dar combate em todos os campos, passando pelo Parlamento. Em toda a parte onde fosse preciso e possivel levar o seu Evangelho, lá estava, sempre adstrito a Lomelino, como em Évora e no Cartaxo. Aqui, o comício fôra promovido pelo pae de Marcelino Mesquita, que, ao ouvir a palavra fluente e ataviada de Lomelino, puxava a êste a aba do casaco, ilucidando: — «Não fale assim, olhe que o não entendem».

Nesta boémia de espírito, chegou Gomes Leal a ser um número certo dos programas das festas democráticas — pequenino, a dizer tremendas apóstrofes, muito vivo e galhofeiro, a perturbar e a despertar as almas. Até os salsifrés se não faziam sem aquele número de honra, onde, pelos formosíssimos versos se chegava a desculpar-lhe o horror da recitação.

Nas comemorações da tomada da Bastilha, lá estava Gomes Leal, com o grande mestre de democratas que é ainda hoje Magalhães Lima — o inflamado e comunicativo tribuno que nunca recusou a sua presença, a sua palavra, a sua pena, a sua bolsa, em se tratando de assuntos de beneficência, de educação e de democracia. (E assim se tem servido dêle muito videirinho republicano, que nas horas de escolha dos mais dignos o não reconhece).

Gomes Leal ainda hoje pode ser apreciado como político. Se os seus discursos passaram, não hão de passar os artigos de fundo que, em seguida a Latino Coelho, escreveu no «Século», á razão de 4$50 e 5$00 cada um.

Esta situação de notoriedade e desafôgo coïncidiu com um periodo de amorismos que tornou feliz a sua vaidade de poéta que julgava dominar todas as mulheres. Havia ali para os lados da Carreira dos Cavalos (ao Campo de Sant'Ana) uma ampla taberna que Gomes Leal frequentava, onde iam estudantes da Escola do Exército e em que servia os frègueses, jovial e louçã, a mulher do taberneiro, uma rapariga bonita, de blusas muito vistosas, sáias de

folhos e muito bem calçada. Para Gomes Leal, vê-la e amá-la foi obra de todos os momentos, escrevendo-lhe apaixonados versos em papelinhos que a furta-delas do marido lhe metia na mão, dizendo-lhe, no mesmo estílo, madrigais galantes. Toda esta amorosa documentação ia sendo vendida aos estudantes. O taberneiro, um dia, êle que parecia não ter dado nunca pelos atrevimentos da frèguesia, apanhando Gomes Leal numa liberdade mais que poética e menos que toleravel, pegou-lhe num braço, pô-lo na rua. Sem resistência e apenas com esta declaração de vencido e conformado, entre sarcástico e cheio de mêdo, o D. Juan ia dizendo :

— Pois sim ; eu vou, eu vou.

E para que á posteridade não passe qualquer suspeita, direi que a taberneira era *coquete* por cálculo comercial — sereia a atrair os homens e a perdê-los.

Ali perto, tambem ao Campo de Sant'Ana, teve Gomes Leal outra aventura, julgada mais que platónica, com uma rapariga de boa família, conhecida pela Carlotinha. Não se lhe tirava de casa, guloso e zeloso, a ponto de que a tão estremecida resolvera passar á posteridade com um livro de versos subscrito com pseudónimo. O livro produziu um certo rumor, porque todos os entendidos foram de parecer que os versos se pareciam muito com os de Gomes Leal.

Além de vários outros, frequentava a casa da Carlotinha o engenheiro Ressano Garcia, homem de posição, talentoso e a quem o dinheiro entrava nos bolsos copiosamente. Gomes Leal não o tolerava e o aparecimento do suspeito de competidor inquietava-o em demasia. A sua especial intuição de poéta não o enganára, pois que, sendo Ressano Comissário da representação portuguesa á Exposição de Paris, entre tres amantes, com respectivas famílias, que lá apareceram a pezar-lhe no orçamento, a Carlotinha foi uma.

Mas tudo isto são anotações ligeiras de factos anteriores a mim. Colhi-os entre amigos e companheiros de Gomes Leal, que com êle os viveram numa camaradagem cuja afectuosidade e maneiras já hoje se não verificam.

*
* *

Vim a conhecer pessoalmente Gomes Leal ahi por 1913. Organizava eu, então, o *Inquérito à vida literária portuguesa*, sendo redactor do jornal *Republica* que o venerando democrata dr. António José d'Almeida dirigia. Na faina de realizar o programa que me impuzera, fui procurar o poéta. Morava então num pequeno quarto, com a luz coada d'alto, na cave esquerda do prédio n.º 72 da rua António Pedro, a Arrôios.

Não se pode imaginar maior miséria. O quarto já era uma esmola, dada pelo belo coração dum homem de quem depois fui amigo, sr. Sampaio e Melo, pessoa não muito abastada e que, mal a situação do país começou a agravar-se com os ecos da Grande Guerra, êle que vivia duns pequenos rendimentos, teve de voltar á sua antiga profissão de farmaceutico, para poder viver.

Gomes Leal acabára de sofrer aquele abalo espiritual que o tornou um católico militante, após a morte de sua mãe. Não deve ter sido estranho a essa transformação o contacto com o seu bondoso hospedeiro, fervoroso crente, cujas palavras de carinho e amparo moral o acompanharam em seguida áquele transe do poéta.

A vida de Gomes Leal era invariavelmente, quase maquinalmente, esta : levantava-se ás 7 ou 8 horas ; ia ouvir missa (quase sempre á egreja nova dos Anjos) ; visitava uma prima, tambem pobre, que tinha nas Avenidas Novas, onde almoçava ; voltava á cave da rua António Pedro, onde tagarelava com um ou outro dos intelectuais que de vez em quando o visitavam ; pela tardinha, recebia um prato de sopa do generoso hospedeiro e em breve adormecia no seu catre. O sr. Sampaio e Melo, por caridade e por admiração pelo grande

poéta, além de lhe dar de comer o que podia, servia-o com verdadeira ternura, nem sequer poupando a esposa a todos os trabalhos de arranjo e limpeza do quarto, como se servisse um hóspede rico e liberal. Benfazejas almas ! Ultimas e desinteressadas dedicações !

Pouco depois, foi morar para um quarto alugado na rua José Estevão, 28, 1.º andar. Pouco previsto e desmemoriado, era raro o dia que se dirigia a casa e que não batesse à minha porta por engano. Minha mãe, que o não conhecia, via-o muita vez ir rua adiante, olhando o número das portas, chegar à nossa e entrar. Perguntando-lhe o que desejava, respondia sempre com o mesmo ar de surpresa :

— Ora essa ! quero entrar. Pois não é aqui a minha casa ? !

— Não é. Certamente está enganado.

— Mas aqui não é o 28 ? !

— Não é : aqui é o 18

— Pois então desculpe, minha senhora. E' a confusão dos 8. Desculpe, E ia descendo a escada.

A velhice e o ar de miséria desculpavam-no. Mas todos os dias se repetia o engano.

Uma noite, andando eu a passear com o saudoso almirante Machado Santos, rua abaixo, rua acima, pelo lado dos números pares, onde estavam as nossas moradas (ele era o n.º 14), vimos um velho muito aflicto, tendo perdido toda a noção da altura em que ficava o prédio que procurava. Reconheci Gomes Leal e, lembrando-me dos enganos com a minha casa, fui levá-lo ao 28. Recordo-me que essa explêndida alma que era o almirante sofreu um mau bocado, por ver uma glória da Pátria, um velho de génio, morrer assim ao abandono, como de resto tem sucedido aos maiores génios, às maiores glórias nacionais.

Passado pouco tempo notei a falta de Gomes Leal e averiguei do seu paradeiro. Passara a morar noutro quarto da rua Renato Batista.

O Parlamento, tarde e mal, muito por influência do então Presidente da Republica, sr. Dr Bernardino Machado, votou-lhe uma pensão. Meses depois, mostrava-me o venerando democrata, no Palácio de Belem, um bilhete de visita de Gomes Leal queixando-se de não ter recebido cousa alguma. A miséria continuava a perseguir o homem, como a ingratidão do tempo lhe persegue ainda hoje a memória. Êle que ha de entrar no Pantheon, mereceu no Alto de S. João uma prateleira municipal, depois de estar condenado à vala comum dos desconhecidos, dos anónimos. Os últimos tempos da vida eguais aos primeiros tempos da morte ! A injustiça ! A miséria !

Como poéta e como desgraçado, Gomes Leal era um bom. Por muita coisa se podia dizer que a sua sensibilidade roçava o exagêro. Na sua vida de boémia, quando tinha dinheiro, era para toda a gente. E quando o toda a gente não aparecia, à hora de se ver principe com uma libra no bôlso, recolhia êle a um gabinete do Campainhas, fazendo cacharoletes com toda a qualidade de bebidas.

Um dia, com sete ou oito amigos, foi para as hortas. O programa era comer passarinhos. Apartados êstes numa gaiola, vá de estimular os apetites, beberricando. E a certa altura, Gomes Leal, olhando os pobres prisioneiros, dirigiu-lhes um hino á Liberdade e á Vida. Quando os companheiros de pândega se aperceberam da exaltação poética e iam prestar toda a atenção, verificaram que iam ficar sem jantar : — os passarinhos tinham fugido. O poéta entendera que seria crueldade devorar a inocência e libertou-os.

Gomes Leal, o democrata de convicção, de entusiasmo, de fé em melhores dias para a Pátria, era um puritano. Tão profundamente honesto, que preferiria morrer de inanição atraz duma parede a ser rico com dinheiro que dignamente não ganhasse. Ainda na rua António Pedro, fui um dia encontrá-lo nervoso, inquiéto. Estimou a minha visita para desabafar e contou-me :

— Veja o que é a maldade dos homens ! F..., que tem tanto de rico como de malfeitor, lembrou-se de me proteger encomendando-me, por 100$00,

um artigo a defendê-lo. Isto é uma vilania. Querem servir-se da minha honrada miséria para passarem por homens honrados. Não ; não transijo ; e ainda hoje não almocei, nem sei como será de jantar. Canalhas !

A sua miséria fizera até com que uns amigos o levassem um dia ao Hospital de S. José, para ser despiolhado, vestindo-o, depois, de novo. Já então todo o dinheiro que apanhava era para beber aguardente. Êste regime de beber, fazia-lhe esquecer, porventura, o regime de não comer.

Uma noite, alguem o encontrou caïdo, cheio de sangue, no Campo dos Mártires da Pátria. (Mais um !) Levado ao Hospital, onde havia pouco estivera, como acabo de referir, foi preciso registá-lo para efeitos de estatística e administração.

— Como se chama ? — perguntou-lhe uma enfermeira duas ou tres vezes, sem obter resposta. Perante a insistência, resolveu-se a falar :

— Que lhe importa ?

— E' do regulamento. Precisamos saber nome, morada, edade...

— Mas isso não è querer saber muito ?

— Será ; mas è o nosso dever aqui. E Gomes Leal, fazendo um esforço para se aprumar, afivelou o seu orgulho e disse :

— Eu sou o grande poéta Gomes Leal.

A ignara criadagem riu do que não comprehendeu

A enfermeira, uma gentil rapariga que isto me contou, enternecidamente pensou aquele orgulho infeliz muito chocada, da maneira como, num país que dizem rico, chegam nêle, até grandes homens, a morrer de fome. Foi isto por fins de 1919, ou princípios já de 1920.

O pouco tempo que daqui foi até à sua morte encarregou-se de consumar a tragédia. Como tinha uma pensão, foi recolhido por um socialista de palavras, que não tardou a mostrar a sua impaciência perante o preço da vida a crescer e a pensão a minguar. Sua mulher, mais atreita a assemelhar os ditos aos feitos, procurava que, pela escacez da verba, o marido não intimasse ao glorioso e desditoso velho mandado de despejo. D. Maria O'Neill, a ilustre escritora de fidalgo coração, chegou a procurar-me, entre outras pessoas, para conseguir uma eficaz intervenção do Administrador Geral do Instituto de Seguros Sociais, em favor do grande poéta. Mas em breve a morte se encarregou de pôr todos á vontade, libertando o socialista do pêso do hóspede e o hóspede do pêso da vida.

Maio de 1924.

BOAVIDA PORTUGAL.

ANALISE PSICOLOGICA DA OBRA

DE

GOMES LEAL

Durante mais de meio seculo se exerceu a atividade poética de Gomes Leal. A sua linha evolutiva desenrolou-se em ondulações de tal guisa caprichosas, que a documentação traz a marca flamante da invulgaridade.

Vasta e complexa, para se lhe fazer a critica, é mister desenredar-lhe a trama, pesquizar-lhe as origens e descobrir-lhe as influencias ancestrais e mesologicas; porquanto, sendo deficiente a apreciação global, só dissecando os componentes, se consegue examina-los á luz do criterio scientifico.

Os fatores primordiais que determinaram a elaboração da obra de Gomes Leal, foram: a hereditariedade neuropatica, a educação maternal, os estudos humanistas, literarios e filosoficos, o alcoolismo e as ideias politicas e sociais da epoca.

Ao iniciar-se a formação da sua personalidade, a mãi lançou-lhe no sólo psico-fisico, já predisposto, os elementos constituitivos duma das suas mais estaveis tendencias. Assim se fixou em adequado substrato anatomico o misticismo que se nos revela, exteriorisado em termos e assuntos, referentes á Biblia do Velho e Novo Testamento e ás religiões milenarias da Asia e do Egito.

Até mesmo, adentro do estadio da completa maturação, quando o espirito do extraordinario Poéta atinge a culminancia, sob o rebelde aspeto de satanismo, o seu verbo inflamado brota opulento d'evocações rituais e liturgicas. N'esse transporte, seguindo-lhe o rasto, para lhe ouvirmos o canto, o seu maravilhoso poder sugestivo põe a desfilar, deante dos nossos olhos deslumbrados, n'um magico onirismo alucinatorio — deuses, profetas, sacerdotisas, fakires, astroterapeutas, em suma, todo o cortejo cinêmatico d'aqueles que julgam ter desvendado os misterios d'áquem e d'alem da Morte.

Veiu depois a leitura dos classicos gregos e latinos a enriquecer lhe o fundo das representações mentais. E tão fortemente o impressionaram, que, através dos seus livros, resurgem muitos personagens e factos historicos d'essas grandes civilisações mediterraneas.

Spinosa, Comte, Bruchner, Haeckel, Moleschot, Hartmann, Strauss e Nordan robusteceram-lhe o espirito para a gestação d'elevados conceitos, rasgando-lhe dilatados horisontes, e levaram-no a buscar, fóra do romantismo, outra nascente onde refrescou e rejuvenesceu a poesia no sentido naturalista.

Goëte, Rabelais e Juvenal deram a têmpera a uma das suas mais salientes modalidades. As *Caricaturas do trottoir* e a *Carvão*, as *Cartas a uma gentil canalha e a um elegante bandalho*, a *Visão do cemiterio*, as *Mentiras senti-*

mentais, as *Gargalhadas no macadam* e as *Ideias do bacharel Macario*, demonstram incontestavelmente a sua facêta satirica inegualavel.

O diabolismo de Baudelaire e o simbolismo de Verlaine encontraram n'ele o humus propicio a uma floração exuberante Todavia, a ação d'aquela escola cujos raises mergulhavam no prérafaélismo inglez, ficou assás esbatida ante a superioridade de Gomes Leal.

O abuso de liquidos alcoolicos explica-nos as maiores desegualdades, as atitudes contraditorias e, porventura, o estupendo imprevisto d'algumas das suas mais arrojadas e bisarras alegorias. Com efeito, no primeiro periodo da sua boemia artistica, á maneira dos sonhadores das paginas vividas de Mürger, antes de se acentuar o alcoolismo, o excitante exaltava-lhe os centros corticais, o quimismo celular hiperativava-se e a produção saía rutilante, expontanea, fluente : ora maviosa como trilo de rouxinol, ora ribombante como um trovão formidavel que reboa ao longo das serranias... E todas as vibrações da substancia cinzenta cerebral penetravam-se, conjugavam-se, coordenavam-se em sinteses admiraveis, encaminhando se para finalidades plenas de luz e harmonia. Outras vezes, porém, o toxico chegava á saturação : e, d'esta sorte, a celula nervosa reagia debilmente, vindo a composição frouxa, esquematica, a claudicar n'um conjunto aritmico, em desnecessarias transposições, pobresa de rima e dissonancias.

Por fim, a intoxicação apressou-lhe a involução do encéfalo, processo patologico que se agravou após a morte da mãi.

Com o enfraquecimento intelectual, as ultimas estratificações psiquicas tornaram-se cada vez mais tenues e as mais antigas irromperam no campo da consciencia, como um rio caudaloso que ultrapassa o dique. Impotente para lhes resistir, teve de aceitar o seu imperio. As primitivas imagens, latentes desde a sua infancia, agora triunfavam, organisando-se n'um sistema preponderante, acompanhado d'um agradavel estado afétivo.

N'esta fase regressiva, as recordações dos tempos da meninice eram amparo e conforto da sua miseria.

A mentalidade portentosa de Gomes Leal sucumbia. O condor, envelhecido, fitava o sol, sem poder voar! Converteu-se. E ainda n'um reverbero d'astro que tomba no ocaso, escreveu a sua profissão de fé :

MISERÈRE MEI!...

Les Mères! Les Mères!

FAUST.

A's risadas entrei n'uma egreja ás matinas.
— Conservava-se ateu meu coração corruto.—
Eis vejo sobre o altar o estranho ser de luto,
rasgado o coração por sete espadas finas.

Chorei. Prostrei-me em terra.—Essas fórmas divinas
não as pude fitar de rosto calmo e enxuto!
Era a mão maternal... era o braço impoluto..
que afastavam meus pés das ervas das ruinas!

Era o bafo de mãi, a indulgencia, o carinho,
era a asa que afaga o implume passarinho,
a mão que enxuga a testa ao menino, a dar ais...

O' Mãi triste! O' Mãi terna! O' Mãi dos olhos castos!
acolhe esta alma em pranto, hirta ao frio, de rastos,
— qual triste engeitadinha á porta de seus pais!

A religiosidade aumentou com a decadencia do cerebro que, exgotado, deixou de combinar apreciações de colorido original, para servir-se, de preferencia, das reminescencias que lhe haviam gravado as invocações á Virgem, de Paulo Verlaine e as parafrases do Evangelho, versificadas por Harancourt.

Ingressado na era das renuncias e das maximas incoerencias, refundiu o *Anti-Cristo* (1) onde fustigára desapiedadamente a horda dos escribas e publicanos que têm falseado a puresa do Cristianismo.

Este poêma, de profunda cogitação, celébra as gloriosas conquistas da Ciencia. Poêma de excécional valia, pelas altas abstrações, juisos seguros, fórmas ajustadas aos pensamentos, surpreendentes metaforas, fulminantes apostrofes, curso logico das ideias, humorismo subtil, intuitos renovadores da moral humana e tudo concatenado n'um equilibrio perfeito, é um dos monumentos mais solidamente individualisados da literatura portuguesa.

A espaços, riscando a penumbra, se divisam, embora inferiores, outros trabalhos — *A morte do Mau Ladrão*, *Palestra com Portugal* e *D. Maria Pia* — em que raramente aparece a sua feição lirica que as seguintes estrofes ainda conservam:

Meu Portugal! eu já cantei plangente
teus rouxinois na balsa verdejante...
Cumprimentei teu sol, Pachá do Oriente,
reclinado em sofá azul brilhante.
Já te cantei, no bosque, ao sol poente.
De manhã, na trapeira de estudante.
Mas agora, ao luar do teu outono,
só pranteio teu mal, teu abandono!...

Ó piedosa Maria! Ó pálida italiana!
estou recordando agora a loira mocidade,
em que minha alma em flor, cheia de febre insana
do Ideal, da Justiça, o Amor, a Liberdade,
pretendia arrasar toda a Malicia Humana.
E tu, Lirio Real, de graça soberana,
— florias, a sorrir, as ruas da Cidade.

Idealista, assimilou com entusiasmo os principios basilares da Revolução Francesa que andavam preparando, desde os enciclopedistas, o advento das republicas em todo o mundo.

A ideia de Democracia, que estava tomando entre nós notavel incremento, teve em Gomes Leal um paladino heroico.

Desenvolvendo-se n'um regimen politico contrario, cultivou-a apaixonadamente até ao sacrificio do cativeiro.

A sua reação mental, sendo reforçada a parte central do reflexo pelo amor da Patria, concretisou-se nos ardentes panfletos — a *Traição*, o *Hereje*, o *Estrangeiro Vampiro* e a *Troça á Inglaterra*, que provam o seu carater, esmaltado d'abnegação, sinceridade e coragem.

N'este genero ele foi um lutador gigante, que sempre inexoravelmente defendeu o patrimonio e os direitos do Povo Luso, em versos impereciveis e modelares:

---

(1) 1.ª edição — 1884.
2.ª » — 1908.

O' infamia ! O' infamia ! — O' seculo maldito,
em que se vende tudo, a Mãi, a Patria, o Amor...
ó veneno subtil, sordido e corruptor,
que Satanaz cuspiu no poço do infinito !...
.....
Cavaleiros do Bem, que vindes das florestas
da Idéa... e jurais guerra á Podridão e ao Crime,
correi sobre este charco a toda a rédea solta,
vós, justos campeões, puros como os arminhos...
— e agitai pelo ar a espada da Revolta !
— e afiai os punhais nas pedras dos caminhos !
.....
O' Mãi Patria ! O' Mai Patria ! — acaso é tão mesquinho
o homem, ou subiu tão alto nas espheras,
que despreza o paiz florido do seu ninho,
e o sol original das suas primaveras ?...

Identico fenomeno se operou no seu psiquismo com as aspirações socialistas, postas em marcha por Bénoit Malon e Karl Marx, n'um movimento de larga amplitude.

Gomes Leal, n'uma intuição luminosa, previu nitidamente o explodir dos atuais acontecimentos revolucionarios, cujo principal objectivo consiste em mudar a situação economica da sociedade, cantando

A CANALHA

Eu vejo-a vir ao longe perseguida,
Como d'um vento livido varrida,
Cheia de febre, rôta, muito além...
— Pelos caminhos asperos da Historia —
Emquanto os Reis e os Deuses, entre a gloria,
Não ouvem a ninguem.
.....
São os tristes, os vis, os oprimidos.
Em Roma são marcados e batidos,
Passam cheios de vastas aflições.
Nem das mesas lhes deitam as migalhas,
Morrem sem nome, ás vezes, nas batalhas,
E andam nas sedições.
.....
São os parias, os servos, os illótas.
Vivem nas covas humidas, ignotas,
Sem luz e ar; arrancaram-lhes as mãis.
— Passam curvados nas manhãs geladas.
E, depois de já mortos, nas calçadas,
Devoraram-nos os cães.
.....
Não raiou inda o dia da Justiça.
Mas, breve, talvez, se oiça a nova missa,
e a Liberdade emfim junte os seus filhos.
Vão talvez vir os tempos desejados !
— E, então, por vossa vez, ó reis sagrados,
Saude aos maltrapilhos !

O lirismo suavissimo das *Claridades do Sul* e da *Historia de Jesus* despertando a emoção que deleita e arrebata para as regiões indefinidas do Sonho; a ironia alada do *Fim do Mundo* e do *Mefistofeles em Lisboa*, provocando o riso amargo que se projéta causticante sobre as existencias amorais, grotescas e desordenadas; o sarcasmo demolidor do *Anti-Cristo ;* o odio candente da *Traição ;* a repulsa implacavel do *Estrangeiro Vampiro ;* o céticismo fatídico do *Hereje* ; a revolta justiceira da *Canalha ;* o amor imortal da *Mulher de Luto* e a lagrima piedosa da *Fome de Camões* são notas bem sonóras da sua extensa gama sentimental.

Quem só o conheceu nas horas ruidosas de blasfemia e d'insurreição, não soube quanto ele soluçou de pena, de ternura e de magua na

MISERIA OCULTA

Bate nos vidros a aurora,
vem depois a noite escura...
E o pobre astro que ali móra,
não abandona a costura !

Para uns a vida é d'abrolhos !
Para outros moita de lyrios !...
Bem o revelam seus olhos,
pisados pelos martyrios !

Miseria afugenta tudo !
Miseria tem dons funestos !
— Quem é que gába o veludo
d'aquelles olhos honestos ?...

Ninguem seus olhos brilhantes
enxerga n'essas alturas ..
E aquellas fórmas tão puras,
e aquellas mãos elegantes !...

Sempre á costura inclinada,
morra o sol, ou surja a lua,
nunca vi descer á rua
aquella loira encantada !...

Aquelle lyrio dobrado
porque assim vive escondido ?
Eu bem sei ! — não tem calçado,
e é muito usado o vestido !

Por isso não tem porvir,
morrerá virgem e nova.
E aguarda-a bem cedo a cova...
que eu bem a oiço tossir !

Miseria afugenta tudo !
Miseria tem dons funestos !
Quem é que gaba o veludo
d'aquelles olhos honestos ?...

Pobre flôr, desfallecida
tão nova, e ainda em botão!...
Como teve estreita a vida,
— terá estreito o caixão.

O TRISTE MONGE

Em uma cerca d'arvores frondosas
d'um convento d'irmãos hospitaleiros,
passeia um monge, ás horas religiosas,
ouvindo os rouxinoes nos castanheiros.

E o jardineiro passa... e diz, olhando
o monge entregue a soluções divinas:
— Que bella vida a d'este Venerando!
— Comer, beber, orar, cantar matinas!...

Mas n'uma rua de álamos fechada
— onde não entra o vão rumor da gente —
ante um retrato de mulher amada,
o monge chora, silenciosamente.

Passam na rua, em passo lento e incerto,
as solemnes e hirtas procissões.
E o monge passa, no seu livro aberto
lendo psalmos latinos e orações.

E o Vulgo diz, ao vê-lo: «Bello estado
o d'este monge pallido e tranquillo:
— Cantar psalmos ao povo prosternado!
— Depois das refeições, fazer o chylo!»

Mas n'uma ermida gothica e fechada
— onde não entra o vão rumor da gente —
ante um retrato de mulher amada,
o monge chora, silenciosamente.

Do seu escuro e hostil confessionario,
d'onde sai um catholico terror,
fulmina imprecações o Solitario,
contra o pecado lyrico do Amor.

E a penitente diz, lavada em pranto:
« — No vosso rosto calmo e socegado,
bem se lê que não tendes, monge santo,
assim como eu, um coração varado!...»

Mas, n'uma cella lúgubre e fechada,
— onde não entra o vão rumor da gente —
ante um retrato de mulher amada,
o monge morre... silenciosamente.

A SUPLICA DE OPHÉLIA

Aquellas apparições alvas e sangrentas que ali surgem, pertencem ao côro tragico das Abandonadas. Escutemos a mais vaporosa d'ellas.

G L.

OPHÉLIA (de mãos postas, ao principe Hamlet)

Como se dobra o canavial gemente,
ao rijo bafo do Aquilão, que o opprime...
minha alma dobra, miserandamente,
em vão pedindo ao teu desdém algente:
— Ai, não me abátas, como o vento o vime!

Se és o carvalho que, qual rei, levanta
no bosque, a rama para o Azul sublime,
que o raio affronta e o vivo sol quebranta,
— porque desdenhas a rasteira planta?...
— porque despresas o oscillante vime?...

Tens verde a copa e o tronco magestoso.
A seiva a flux, força e vigor exprime.
Quanto mais forte, pois, mais generoso!
— Proteje e ampara o canavial choroso!...
— Estende a sombra sobre o fragil vime!...

Olha que eu sou o canavial gemente,
que oscilla e treme... e o teu desdém opprime!
Ouve a minha alma inconsoladamente,
em vão pedindo á tua mão potente:
— Ai, não me quebres! Que mal faz o vime?...

e em muitas outras poesias onde se espelha a sua bondade infinita, hombreando galhardamente com os supremos cultores do lirismo da nossa terra.

De emotividade fácil, n'um relance, passava naturalmente, sem esforço, da solenidade imponente da epopeia á singelesa dulcissima da tróva.

Era tão abundante o seu manancial d'inspiração, que ás vêses a torrente, impossivel de lhe ter mão, jorrava em catadupas, impetuosa e tumultuaria!

Documentam o seu genio a precocidade, a imaginação criadora e fecunda, as caracteristicas esteticas inconfundiveis.

Pelo inédito do jogo psico-sensorial, da musicalidade e policromia da expressão e engenhosos paradoxos, ele é o mais estranho e, talvês, o unico inimitavel de todos os poétas nacionais.

Maio de 1924

LUÍS CEBOLA

GOMES LEAL E A SUA OBRA

Foi ha anos que eu publiquei uns artigos ácerca de Gomes Leal e da sua obra, e ha tantos que já não me recordo em que jornal foi. O insigne poéta, dos maiores que têm existido n'esta maravilhosa terra portuguesa de eximios cantores, deu-me a honra de transcrever uma parte d'esse meu insignificante trabalho, n'um livro seu, em prosa, intitulado «*A morte do Rei Humberto*» e *os Criticos do «Fim d'um Mundo»*.

N'uma nota, elogiando o meu estudo, que não tinha, aliás, outra pretensão maior, senão a de procurar a verdade sobre a indole do poéta e grandiosidade do seu éstro formidavel, e louvando-o com aquela gentileza tão peculiar ao seu feitio gentil e cavalheiresco, prometeu publical-o, na integra, n'outro logar. Mas, não quizeram os fados que a sua promessa fôsse cumprida. Ou por esquecimento, ou por impossibilidade de o fazer, mais tarde, o certo é que ficou assim truncado o que escrevi, com a agravante, agora, para mim, de não saber onde ir procurar o resto.

Eis a razão de ser forçado, pelo imperio das circunstancias, a juntar uma parte nova áquela que o grande Gomes Leal inseriu no seu livro, lembrando-me que se lhe agradou é porque algum merecimento lhe achára. Tanto mais que eu, por meu turno, não engeito, mesmo ao cabo de longos anos decorridos, nem uma palavra do que então disse. E o caso é que relendo alguns dos seus belos versos, para vêr se as minhas impressões d'outrora teriam qualquer cousa de exagero ou de menos justo, a minha admiração de novo se extasia, considerando-o, ainda, tão extraordinario lyrico, como infortunado fôra na vida. De proposito friso o facto, talvez raro na analyse d'uma obra literaria, de satisfazer, inteiramente, quem a escreveu e o auctor criticado, pois as criticas quando não são de completa louvaminha não agradam, em geral, senão a quem as faz. E muito mais ainda quando envolvem quaisquer responsabilidades de analyse, como aconteceu ao que escrevi.

Ha, porém, outro ponto a observar, tambem. Quero referir-me á singularidade de ter de se completar um trabalho escrito d um jacto, com calôr, bastantes anos depois, quando os olhos de quem critica forçosamente evolutiram, com a idade. Não foram, porventura, lidos com outra noção da vida e do tempo. esses lindos versos, tão lindos e originaes que não poderão, jâmais, ser imitados?

Decerto que sim. Mais ainda; não havia sido outro o ambiente em que eu os lêra, concorrendo, ao mesmo tempo, a minha amizade pelo ilustre vate, para d'algum modo admirar, conjuntamente, o poéta e o homem? Inegavelmente que esta coincidencia era digna de reparo!

Pois bem, não.

Sendo como é uma verdade que Gomes Leal cresceu no conceito da multidão, *post-mortem*, ao contrario do que tem sucedido a outros escriptores ou artistas, o motivo principal do facto deve residir no valor da sua obra. Não pode, então, causar estranheza que eu o veja hoje, com os meus olhos mais refletidos e menos crédulos, tal como o comecei a admirar.

D'onde concluo, sem modestia, que a minha pena, cedendo aos dictames da consciencia, não se deixou iludir por opiniões estranhas, procurando a certeza como os alquimistas das velhas éras procuravam a pedra filosofal. Ora, eu disse e repito-o agora, que no poeta Gomes Leal dois enormes predicados sobresaiam, os quais eram,— a sua assombrosa inspiração, e a sua inegualavel fantasia.

A sua inspiração lançada em borbotões de genio, constituiu, até, a sua maior força. E, mesmo mais do que força, deu-lhe um cunho incomparavel de originalidade que para todo o sempre o ha-de tornar lembrado.

Poderão desaparecer da memoria dos portugueses, nas gerações vindouras, outros poétas contemporaneos; mas, os que iluminaram o seu caminho com centelhas de genio, —isso nunca!

Pela fantasia, é egualmente incontestavel que nenhum outro como ele foi capaz de produzir tão interessante aliança entre o belo e o horrivel, o inverosimil e o natural, de modo a despertar nos corações a alegria e o horror, o amor e o odio, n'um curioso amalgama de sensações diferentes.

Pena é que a obra de Gomes Leal seja muito desegual! diz-me alguem...

Comtudo, essa mesma desegualdade que salta á vista do mais inexperiente, parece-me, de resto, um outro importante assunto a discutir. E' certo que se chocam, nos seus livros, as belezas da mais pura agua com as ninharias de baixo quilate. E tanto é assim que o vêmos, de repente, subir ás culminancias do belo, em rajadas de subtil lirismo, semelhando não um poéta que cantásse, blasfemásse, imprecásse a dôr e a maldade em gritos fortes, mas um ente sobrenatural exprimindo, como um deus, a sua colera ou a sua bondade, por meio dos varios elementos de que a Natureza dispõe, em casos taes: o vento, o fogo, o raio e o trovão, — e depois cair, extenuado, em cousas de pouca monta.

Dir-se-ha, até, que em linha recta descende a sua imaginação d'aquella fantastica flora oriental, das *Mil e Uma Noites*, extravagante e exotica, como uma autentica revelação d'um desconhecido mundo *sui-generis*, muito embora se saiba que das bandas do oriente é que nasce o sól e as civilisações nasceram como sóes iluminantes do progresso.

Em seguida, oh! em seguida, ahi volta, consolador e afavel, a acalentar as nossas esperanças em melhores dias sonhados, o mesmo claro sól do seu éstro poderoso.

N'estas ocasiões, na sua lira, tangida por mãos ocultas de impetuosos tritões, ou por encantadas e amoraveis fadas bemfazejas, sente-se bem o prepassar dum inefavel sopro divino.

Quero dizer, é acima das nossas cabeças, quasi a tocar nos altos céus, que vêmos, então, librar-se em vôos d'aguia, a sua formosa inspiração, como um cysne sublime, sem egual, bem diverso de todos os outros que hajam cantado eguaes sentimentos, tão harmoniosamente como murmurios de agua, cristalina e fresca, serpeando entre delgados regatos em luzidios fios de prata. Qual a razão? Já o disse. Porque ele, como ninguem, se pode orgulhar de ter attingido os mais famosos rasgos de sumptuosidade e de maravilha nos seus versos!

Não ha duvida que constantemente assim não podia ser. Pelo que se chega á conclusão que as suas desegualdades se vincam, como nos baixos relevos, para darem motivo á sua mesma grandeza.

*

* *

Alguem, um dia, querendo definir Gomes Leal, explicou:

— Um poéta de genio que nunca teve talento!

Realmente, esta definição semelhante a um paradoxo, é das mais felizes que conheço.

Ele não tinha talento porque tinha genio; e se o genio é esse *quid* indefi-

nivel que certas almas eleitas possuem e que as faz, em dados momentos, subirem ás infinitas alturas onde a nossa imaginação creou a mansão do Deus do santo amor e da perfeição, não havia possibilidade de reunir os dois atributos, cuja gradação é diversa e assaz evidente. Assim, o genio deve ser inconsciente, porque ainda não é Deus, e por isso mesmo se revela, pelo seu excesso de personalidade terrena, uma relativa imperfeição. E' d'esta sorte que o inconsciente se engrandece aos nossos olhos, furtando ao cerebro o condão de poder passar pelo crivo da auto-critica a expressão do pensamento.

Mas, pergunta-se: não tem esse mesmo inconsciente imortalisado tantos enormes vultos, em todas as épocas? Não foi Verlaine, no dizer de Max-Nordau, um megalomano de genio inconsciente que dotou a França com algumas das melhores poesias do magnifico escol lirico francez? Quem enalteceu, contra o proposito de Cervantes, esse celebre D. Quixote, transformando-o, como n'um caleidoscopio soberano, de ridicula figura d'uma ridicula cavalaria andante, em tipo ideal da anciada justiça? Quem é que move os braços, e dá atitudes, e dispõe géstos inenarraveis a privilegiados actores, na scena, quando menos o supõem, como sucedia com Antonio Pedro, a ponto d'ele proprio apenas poder definir a sua intuição soberba pela fatidica palavra: *calhou?*

E' que, na verdade, o fogo sagrado que anima taes creaturas, e que é de uso deferenciar com o nome de intuição, pela vaidade humana que pretende subjugar pela compreensão o que é incompreensivel, não é nem nunca será uma acção normal. Chamemos-lhe anormalidade, e ter-se-ha demonstrado, aos tempos futuros, a nossa boa vontade de acertar, pelo menos emquanto os fenomenos de leis entrevistas, como dizia Hugo, não fôrem mais do que apercebiveis sintomas que as sciencias ocultas tratam de desvendar, para os tornarem um pouco mais visiveis.

E as vocações o que são? Simples aptidões naturaes para determinados mistéres. O talento é que as fortalece; e o talento, como a palavra o indica, é a força da vontade.

Teorias, de pouco valem sem a pratica, eu bem sei. No entanto, das antigas teorias abstrusas, é que brotou a verdade actual, e talvez por isso é que, ainda com o sentido de explicar o que não se conhece, alguns atiram para cima do magnetismo animal o porquê das ignotas forças psichicas da Humanidade.

*
* *

D'este modo caimos, tambem, na decantada volta-face do espirito de Gomes Leal, tão explorada ultimamente. Como sabem, o poéta satanico e hereje, transmudado em puro christão-catolico, foi dado como convertido. Se ele combatera, durante anos seguidos, e denodadamente, os misterios da Egreja, como é que se voltou, tão rapido, a favor da mesma Egreja? Todavia, já outro tanto sucedera com Anthero do Quental, como ele proprio confessou no seu magistral soneto que principia assim:

«Na mão de Deus, na sua mão direita
Repousa, afinal, meu coração...»

E, recentemente, não se convertera, tambem, como se disse, ao catolicismo, outro maximo poéta português, que foi Guerra Junqueiro?

Que estranha metamorfose se opéra no espirito dos grandes homens para, tão facil os fazer, mudar de crença?

Seria o receio do além?

Teria sido o temor da morte?

Não se sabe; entretanto, em meu conceito, julgo que cada caso deve ter o seu estudo especial. Nem em todos identicos motivos servem de fundamento.

Em Gomes Leal, por exemplo, não teria havido outra principal causa,

senão a irregularidade do seu genio. Pois, é bem de vêr que individuos assim dotados, não podem assumir as responsabilidades dos seus impulsos, como qualquer outro simples mortal menos tocado dos dons providenciaes da bem-aventurada anormalidade. Acrescendo, mais ainda, a razão de não ser o insigne poéta, nem um filosofo prescrutador de principios fundamentaes da vida, nem, sequer, um raciocinador capaz de combater, dentro de si, com o seu eu positivo e consciente, as estouvadas impressões, repentinas, de ignorada procedencia.

Ao menos, se ele fosse um sabio, documentado pela sciencia haurida dos compendios! Mas qual! O Gomes Leal poéta herdeiro do imortal Camões, no éstro e na desgraça, no genio poético e na bohemia, não alicerçou o seu espirito em doutrinas, principios, teorias ou idéas. O que disse de novo, adivinhou-o; o que cantou de surpreendente e magnifico, foi uma voz intima que lh'o segredou ao ouvido!

Em ligação com esta idiosincrasia tão natural n'um eleito genial das fagueiras musas, ponha-se o triste facto da morte de sua mãe que era todo o seu amparo, todo o seu enlevo, toda a sua melhor e mais firme protecção, apesar de velha e pobre, — e desvendar-se-ha, por tal fórma, a meu vêr, uma ponta do enigma. Do enigma? Talvez que antes fosse uma simples e passageira fraqueza...

Aquela creança homem podia lá afazer-se a tamanho infortunio, sem uma terrivel comoção, e depois de tantas noutes de desordenada bohemia, de imensas vigilias curtidas á luz do seu candieiro, compondo versos inimitaveis, que ora lhe saiam d'um jacto, ora arrancava, a esforço, do coração já cançado de sofrimentos, pelos altos e baixos da sua existencia de pobreza?! E a sua educação em pequeno? E o seu alcoolismo? E as contrariedades que desde longa data vinha suportando, quando mais não fosse pela privação de contentar os seus desejos e satisfazer os seus caprichos, n'esta terra de Portugal onde os versos não dão fortuna a ninguem?! Ah! o poéta era já portador, n'essas negras horas da sua maior desdita, d'um ajoujante fardo de dôres acumuladas, dia a dia, pela avareza dos outros, pelo egoismo do maior numero: — ele, que era incapaz de ser aváro nem egoista! —Não admira, portanto, que tivesse fraquejado o seu espirito em tão crudelissimo momento.

A sociedade caiu-lhe, em cima, de chofre, invectivando-o, quando a culpa maior, do facto, era, inteiramente d'ela, pois em tempo nenhum, e em nenhum tempo, se deve deixar entregue a si proprio, isto é, ás suas fracas forças, alguem cujo valor intelectual bastava para glorificar uma raça.

Hão-de ter notado que, afinal, essa sociedade fingidamente meticulosa e inflexivel, é, ao mesmo tempo, espantosamente estupida!

Foi esta, na realidade, a unica fraqueza de Gomes Leal. Mas, como, em geral, os casos mais discutidos são aqueles de menos importancia na influencia dos homens sobre o pensamento e acção do meio social em que vivem, assim o maravilhoso poéta tendo legado á posteridade uma obra grandiosa, de sadia revolta e de fecundante estimulo, acabou por ser combatido, talvez mesmo por aqueles que nunca o leram, só pelo crime, que lhe fôra imputado, de ter rezado uns padre-nossos e ter ouvido umas missas.

Que diabo! Seriam esses padre-nossos e essas missas susceptiveis de actuar, mais fortemente, na sociedade, no presente e no futuro, do que a excelsa obra de beleza e de amor que o poéta deixou?

Por certo que não. Terá alguem a coragem de afirmar que Anthero não continuou a ser o auctor admirado dos *Sonetos*, depois da sua conversão? E Junqueiro não passou, unicamente, á posteridade com os seus versos de satira ao Altar e ao Trono, que não com a sua chamada conversão, á hora da morte, á Egreja que tanto contundiu?

Porque a verdade é esta: uma obra de genio não se desfaz com um acto de fraqueza do espirito, com os pés para a cova, não dando, esse facto, nem ensejo para denegrir a quem antes se elogiou, nem, tão pouco, para incensar a quem anteriormente se havia repudiado. D'onde se infere que taes conversões

não são, puramente, uma conquista, porque, no fim de contas, e bem vistas as cousas, não se lhes pode atribuir outro aspecto senão o de uma ordem do Destino.

Os homens são tal qual são, — como a Natureza os dotou, como a educação que receberam, como o meio ambiente em que vivem, e como a raça a que pertencem. Ha, é certo, quem pretenda responsabilisal-os pelo que praticam fóra da bitola das praxes e das nórmas convencionaes em que as sociedades estão moldadas; e, n'esse intuito, apela-se para o livre arbitrio. E o que é o livre arbitrio? E', nem mais nem menos, do que a expansão da vontade propria. Porém, dir-me-hão — quem é que nas sociedades actuaes possue tamanha força, se qualquer de nós, além dos quatro avós que pesam, directamente, sobre as nossas cabeças, temos, por via de regra, uma infinidade de mais longiquos antepassados de quem somos os legitimos representantes? E do que sobra, muito ou pouco, d'esta tára hereditaria, não véem a regra e a conveniencia social, logo á nascença, apossar-se, solertes e decididas, catalogando o individuo e prescrevendo-lhe maneiras, obrigações e deveres? Como é que se exige liberdade de pensar, quando a escola, a familia e a oficina são, de resto, tal qual estão creadas, ontros tantos algozes da individualidade?

Eis ahi, quanto a mim, a necessidade imperterivel de se modernisarem as exigencias sobre as pseudo-claudicações d'aquelles que um dia, por modo diferente do que até então pensavam, entraram a pensar. Sim; deixal-os com os novos pensamentos, porque a sua acção passada e a sua obra impoluta, são garantia bastante para o respeito dos vindouros. Só elas ficam como atestado eficaz do esforço do obreiro.

* * *

Ora, estas minhas considerações a proposito da apregoada conversão de Gomes Leal á Egreja de que fôra um audaz adversario, servindo para verberar a brutalidade da noticia, serve, ao mesmo tempo, para rememorar a sua acção passada, que ele com essa conversão não poude demolir. E serve, já agora, implicitamente, para pôr em confronto a grandeza d'uma e a inferioridade da outra. Isto é, o poéta que cantou as suas maguas, as suas queixas e a sua rebeldia, creando rebeldes e fomentando revoltas, é forçoso que continue a ser, para todo o sempre, porque nunca foi outra cousa, senão o poeta sublime da *Traição*, do *Hereje*, de algumas paginas lindas do *Anti-Christo*, das *Claridades do Sul*, e de tantos livros, emfim, onde a sua alma de idealista se desenha nitida como uma alma de justo, ensinando os nossos corações a amar, a crêr; e a lutar pela felicidade terrestre.

Foi um louco que cantou, é o que ele foi, desprezando a vaidade, amaldiçoando os maus, causticando os vicios, com um imenso destemor da omnipotencia dos ricos, que tudo julgam poder vergar ao seu dinheiro. E foi mesmo como um rouxinol adoravel, desprendendo, sobre as balseiras do ideal, o seu canto mavioso,—pobre poéta bohemio, quasi um pária! que ele intentou com a publicidade dos seus versos libertar o mundo da tyrania. De resto, se não o conseguiu, concorreu com tanta eficacia para isso que é dever confessar que na Historia de Portugal o seu nome ha-de figurar como um dos mais generosos e intemeratos paladinos das liberdades populares. Porque Gomes Leal foi, acima de tudo,— o poéta da Revolta.

Até que, mais tarde, novas gerações enchendo os peitos com os seus anseios e estimulados os braços com os seus incentivos, venham prosseguir na obra encetada, para que Portugal progrida entre as nações mais civilisadas do mundo. Exactamente como anos depois de escritos os *Lusiadas*, foi ainda a gloria de Camões, seu irmão mais velho, que prodigalisou á raça lusa o ensejo de se inspirar na sua genial inspiração, para continuar, aguerrida e forte, e eternamente, a gloriosa faina dos antigos avós descobridores dos mundos distantes de além mar que:

«Por mares nunca d'antes navegados,
Passaram inda além da Taprobana.. »

*
* *

O que eu disse, ha tempos, e que Gomes Leal transcreveu foi o seguinte:
Não conheço poéta português de maior inspiração.

Tambem não conheço, por isso mesmo, poéta mais difficil de criticar.

A poesia de Gomes Leal, umas vezes ascendente ás culminancias do genio, outras descendo ás pequenas cousas, mas sempre original, brota tão viva e expontanea, tão irregular e extravagante, aos jórros impetuosos, que em vão procura a critica detel-a para a catalogar, e logo o poéta nos foge das mãos, como uma borboleta em voejos freneticos.

D'ahi, perguntamos ao lêr as paginas magnificas d'este arrebatado poéta, se elle é apenas um mistico, se um satanico, se um amoroso, se um contemplativo. Eis o que é difficil dizer.

E' tudo isso, e não é nada d'isso simplesmente: pois, ao encaral-o em qualquer unico prisma, encontram-se-lhe iriações de outros generos que lhe perturbam o caracter especial d'um só feitio.

E' um original: é o que elle é.

Mas, tambem a sua poesia, parecendo complexa á primeira vista, dir-se-ha puramente portuguesa se atendermos ao fundo lirico que ella contém, esse lirismo cavalheiresco e religioso proprio das nossas almas, e, então, não temos duvida em classifical-a de genuinamente nacional. Examinem-se, por exemplo, os seus pamfletos, — *A Traição*, *o Herege*, *o Renegado*, *o Protesto d'Alguem*, n'aquilo que eles tem de alheio á agressão pessoal: isto é, o que o coração do poéta ditou acima dos *faits-divers* da politica, e digam-me se essa poesia não traduz o nosso sentimento de meridionaes. Reparem mais, nos varios publicos de estesias diversas que eles conglobaram em volta, n'uma unica admiração, e ahi têm impressa, n'essa sedução á nossa meridionalidade, o verdadeiro caracter, a meu vêr, de Gomes Leal.

Pois tão variados publicos só uma cousa tinham que os unisse: o sentimento *sui-generis* da mesma raça.

Porém, ha um outro facto que parece atropelar esta afirmativa, e é quando, ao folhearmos as *Claridades do Sul* e o *Anti-Christo*, em muitas d'essas paginas deparamos com o criterio filosofico alemão, a imperar em subtilezas de raciocinio, qualidade contraria ao nosso sentir.

Pois, na juxtaposição d'este feitio, metodico e frio, com a sua outra maneira quente e desconexa das mais paginas, melhor resalta, ainda, a sua origem lirica e portuguêsa de lei.

*
* *

Já Hennequin, o critico scientifico, cujas teorias serviram de traço de união entre a critica, por assim dizer mesologica de Taine, e a critica anatomica de Nordau, assentando as bases do seu estudo na analise da fórma e na desconexão entre poétas existentes no mesmo *meio* e na mesma época, ensinou este processo de filiação: e é assim que nós descobrimos, comparando o effeito dos diversos trabalhos de Gomes Leal, em varias categorias de publico, o seu feitio especial.

Fica então assente que este poéta é, sobretudo, um lirico, — quer dizer, um amoroso, sem, todavia, cantar só a Mulher, porque cantou cousa maior, — a Natureza.

Gomes Leal é um panteeista. Os seus outros feitios, que são tambem preciosos de interpretação, o satanismo ou o diabolismo, a filosofia da duvida e o materialismo, todo o cepticismo, emfim, de muitas das suas paginas, são

divertimentos do poéta, assaz assimilador, porque é português; e, como os senhores sabem, uma outra caracteristica d'esta raça portuguêsa é a assimilação.

Isto é, o português quando quere, torna-se inglês, alemão, russo, francês, sem comtudo perder a qualidade maior do seu temperamento, — o amor.

Ao mesmo tempo, as invasões sofridas na Peninsula, e o cruzamento das raças, trouxeram germens diversos que a raça portuguêsa enxertou, e d'ahi nascem as tendencias para especiaes cultivos de arte, como em Anthero do Quental o germanismo, em Almeida Garrett e em Guerra Junqueiro o cunho artistico e satirico dos gaulêses, e em João de Deus e Gomes Leal o aventuroso amor.

D'ahi, talvez que seja tambem um pouco cabida a critica anatomica de Nordau, sem o *parti-pris* da degenerescencia em tudo e todos, para não redundar a analise geral n'uma mistura de doidice, entre o delicioso Musset e o grave Hugo, com o erotico Verlaine e o allucinado Baudelaire; mas, unicamente, para a anatomia do poéta no seu organismo, apresentando o que elle tenha de comum com o do povo estrangeiro a que um cruzamento o juntasse. E' verdade que o tipo em si importa pouco á vida da Humanidade, e simplesmente a acção moral da obra de arte, no presente e no futuro, deve ser vista, pela ligação cada vez mais acentuada no ideal das gentes em se aperfeiçoarem pelo Bem e pela Justiça.

Depois, a loucura individual d'um cerebro que produziu grandes feitos, devido á sua mesma loucura, tambem nada adianta, pois já o dizia Espronceda, com enorme razão, que nós temos todos um pouco de poétas e de loucos.

No emtanto, Nordau, o alienista, já trouxe vantagens, as quaes foram estabelecer o equilibrio que se vê agora recomeçar entre a linha real e imaginaria da arte, quando as escolas decadentes pretendiam levar-nos, apenas, á irrealidade, apartando os cerebros das coisas terrenas, o que fatalmente transportaria ao desequilibrio completo da literatura.

*

* *

Mas, áparte o *veredictum* da sciencia, nós vimos que o temperamento especial de Gomes Leal é o lirismo, e eu encontro na poesia portuguêsa, d'este seculo que está a findar, tres qualidades de poétas: liricos, filosoficos e artistas. João de Deus e Gomes Leal são liricos; Anthero do Quental é filosofo; Almeida Garrett e Guerra Junqueiro são artistas.

Ora, estas tres qualidades de poesia parecem transportar-nos, egualmente, á raça semita, á raça goda, e á raça arabe, de quem nós temos em Portugal muito sangue espalhado.

Vejam a poesia de João de Deus e hão de encontrar a religiosidade dos semitas, assim como existe a mesma porção de semitismo em Gomes Leal; e aqui deparamos com um facto curioso: a enorme quantidade de publico português que a poesia d'estes dois poétas avassalou, sem, comtudo, existir, em qualquer dos dois, o menor intento de *épater;* o que mais me convence, dada a nossa procedencia semita em maior escala, que elles o são tambem. E, então, a simpatia dos mesmos temperamentos a seleccionar-se. E' que, tanto um como o outro, entoando uma quadra á formosura da Mulher ou á beleza da Natureza, entram, directamente, pelo sangue, nas nossas almas, sem artificios d'arte nem locubrações de raciocinio; porque as sentimos como eles, e o sentimento, como lhes disse, é nossa tára vital. São simples, ingenuos, amorosos, e parece que dispõem d'um magnetismo assombroso que nos domina. Depois, talvez assim seja um pouco tambem, porque as suas almas, portuguêsas de velha origem, respiram á nossa vista aquele condão dos semitas de quem descendem literariamente, — o condão magnetico das profecias que o tempo vinha a realisar.

Assim, os profetas da Judéa eram videntes; e esses profetas não dis-

punham d'outro magnetismo do que a palavra rimada e cantada em lindas estrofes de amor, de indignação, de resignação, de consolo, e de esperança !...

Em Gomes Leal ha um tanto d'este mesmo magnetismo, oriundo da sua alma, sem artes e sem enfeites.

E', no nosso tempo, um descendente poético d'aquelles graves patriarcas de longas barbas, amplas tunicas e olhos ardentes, cujas palavras, melodiosas e serenas, encobriam uma idéa arrojada e impetuosa.

E' hoje um poéta, como outr'ora seria um profeta.

*

* *

O germanismo influenciou na poesia portuguêsa, e Anthero do Quental é o grande representante, na gente latina, d'essa hegemonia.

Veio com os compendios de Schopenhauer e de Hartmann, dois pessimistas; veio com a metafisica de Hegel; com o romantismo de Goëthe, aberto com o seu lendario *Fausto;* com as comedias alegres e conceituosas de Schiller; com a profundeza de Heïne, — um mundo inteiro que se abria aos olhos do Ocidente, para o conquistar, e nós tinhamos, em Portugal, alguma tendencia para ele que os avós godos nos deixaram.

Anthero do Quental, um santo de bondade e um genio, arvorou o pendão da nova escola, e a poesia portuguêsa sofreu uma remodelação tanto maior quanto o insigne Anthero, erguendo-se, talvez, acima da estatura de Goëthe, pelo menos para nós, deu, n'essa filosofia, os impulsos verdadeiros do seu coração. Os *Sonetos* ficam como um monumento da época, semelhante ás piramides do Egypto ou ao colosso de Rhodes; mas, ninguem mais poude egualar Anthero, e ele permaneceu sósinho, no elevado logar que alcançou, por isso mesmo ainda mais extraordinario.

Depois, a França que já tinha captivado o espirito artistico de Almeida Garrett, modelou a orientação de outro poéta — Guerra Junqueiro, — um, romantico, explorando a lenda, outro, naturalista, desenhando o feio do corpo e da alma. Porque em ambos transpira o mesmo sentimento satirico e amaneirado, posto em fórma muito concisa, requintada e regularissima, de uma regularidade de artistas eximios.

Tambem isto sucedeu porque havia nos dois o germen arquitetonico dos arabes, a sua predilecção pela sublime arte esculptural da Grecia, que eles nos deixaram, não só no sangue, mas nos olhos e nos ouvidos, ensinando na Peninsula tudo o que de mais seductor os gregos tinham na Arte, e de mais profundo na Sciencia.

Assim, d'estas tres qualidades de poesia do seculo XIX, é claro que a mais natural, para nós, devia ser a primeira, — a poesia lirica, cavalheirosa e aventureira, fogosa e vibratil, como compete ás nossas almas sentimentaes e heroicas, porque as outras falam mais ao raciocinio e ao gosto, e muito menos ao extasis religioso e vago dos nossos sonhos d'amor.

É que as invasões dos godos e dos arabes tiveram de bom o cruzamento viril das suas raças com a nossa raça, mas o que não poderam foi apagar, por completo, o lirismo semita que o catolicismo nos tinha deixado, tão proprio de quem, antes d'ele, já sonhava idilios fantasiosos, quasi biblicos, adivinhadores d'uma nova religião de misterios.

*

* *

Na vasta obra de Gomes Leal vêem-se todas estas influencias. As *Claridades do Sul* têm o predominio da escola alemã; mas, caso singular, como o poéta era essencialmente um semita, a metafisica de Hegel, retemperada pela unção lirica do seu semitismo, produziu uma duvida flexivel, quasi in-

fantil, muito ingenua, sem o fragor antheriano, porque Anthero tinha especiaes disposições para a abraçar, sendo, como foi, um concentrado e um subjectivo, ao passo que Gomes Leal é impetuoso e objectivista.

Baudelaire e os satanistas tiveram mais vibração na alma do poéta; e *A Bella Flôr Azul*, o *Luthero*, emfim, muitas poesias das *Claridades do Sul*, resentem-se do diabolismo alucinado das sciencias ocultas, porque o poéta, a meu vêr, começando a sentir o fracasso dos seus castelos imaginarios, pela pratica feroz da vida, e rodeado por uma pleiade em que o ocultismo se adaptava melhor, entendeu que o seu Messias louro, gravado no seu coração (que é como quem diz, — a esperança), ficára esmagado e morto, de vez, pela soberania do Mal,—o velho Satan barbaro e impiedoso, isto é, o Interesse, o Egoismo, e a Riqueza exploradora

Era essa a verdade da vida, eu sei, tão acabrunhante que estiolava os mais alevantados desejos do espirito; porém, o que seria do futuro, se nós o não acalentassemos com carinho nos nossos peitos?

Pois tambem ahi, no satanismo, aparece, facto interessante, o semita d'olhos de fogo e magia na palavra, revestido d'uma toga que lhe não assenta bem, rompendo-a, até, em rasgões de luz, com a sua inspiração de meridional.

Vê-se, então, que o poéta, bondoso por natureza, foi na corrente do seu tempo; mas, felizmente, o seu temperamento não se deixou dominar, e antes foi ele que dominou a corrente.

Para ser um verdadeiro satanico, era preciso ser um artista paciente e meticuloso, qualidade que se não adoma a um éstro vulcanico, como Gomes Leal possue.

Portanto, a escola baudeleriana dos satanicos (os *hachichistas)* aqueceu-lhe, apenas, a inspiração, dando-lhe videncias, como se encontram nos quatro sonetos sobre o *Som e a Côr*, onde o poéta previu os simbolistas, e *até a theoria de Tyndall* — como ele proprio, uma vez, retorcendo os bigodes, conforme seu costume, de grande flôr ao peito, olhos claros muito brilhantes, testa ampla, as faces largas e a boca entre-aberta n'um sorriso de bondade, todo o cunho, emfim, da sua original figura de poéta originalissimo, me disse, quasi infantilmente:

— *Até a theoria de Tyndall!*

*

* *

No *Anti-Christo* ha a influencia do Materialismo.

E' uma epopêa de combate da Sciencia experimental contra a Fé e contra a Crença.

Mas não poude, de egual modo, Gomes Leal, encobrir ahi a sua origem. O idealista e sonhador, fazendo materialismo, estereotipou, é certo, a idéa do seu tempo, mas o que não conseguiu foi tornar essa epopêa n'um evangelho de materialidade. Porque, ao analisarmos hoje o livro, encontramos maior ardor e mais alma na *Celeste*, a figura que simbolisava a Fé, ensinando, bondosamente, as creancinhas a lêr e a amar, do que no ceptico *Anti-Christo*, o iconolasta e o revoltado, uma especie de *Fausto* da escola dos donjuanistas.

Mesmo quando ele grita em prol da Sciencia metodica contra a Crença sem metodo, parece que o faz de modo a lêrmos, nas entrelinhas das suas falas, outra fé a pretender ocultar-se, surrateiramente, nas dobras d'uma indignação raciocinada que, afinal, não é a verdadeira indignação, pois tanto ela como o amor quando vêm do cerebro não seduzem

A *Celeste*, sim! N'essa bela creação de mulher crente é que o poéta vazou todo o calor da sua alma, porque se coadunava mais com os transportes do seu coração a que ele em vão quiz pôr um dique, baseado nos documentos da filosofia materialista que se encaminhava direita aos olhos pelo livre exame. Então, o proposito preconcebido de examinar aparece em todo esse livro, muito contrario com o seu sentir individual.

Isto é, a *Celeste* que estava talhada para ser uma figura secundaria, passou, implicitamente, pela sua correlação com a alma do poéta, ás culminancias do primeiro plano, facto que se não dá no *Fausto* de Goëthe, onde a *Margarida*, mulher amante e sentimental, corre encoberta, quasi, por um véu de penumbra, em todo o poêma; emquanto que o *Fausto*, travestido da personalidade, fria e raciocinada, do sabio Goëthe, é quem se apresenta, egual a uma monografia, o unico dominador e inspirador da acção.

Ora, nós hoje que examinamos as obras passadas sem o calor da época que as envolveu, fugimos ás palavras para perscrutarmos o ámago, dado que o sentimento e a idéa é que nos convencem e nos vencem, porque se alheiam, sempre, a esforços de momento, quando o autor é, como Gomes Leal, d'uma individualidade intensa.

Certo que marca uma época, esse livro; mas, demonstra, tambem, qual o temperamento original do poéta e, para prova do que afirmo, comparem, os senhores, a indignação, por assim dizer pautada, do velho *Anti-Christo*, com a indignação quente e apaixonada da *Traição* e dos *Fuzilamentos de Hespanha* e de outros mais dos seus admiraveis pamfletos.

Depois, digam-me, o que mais os interessa hoje, se o facto em si, posto em moldes poéticos, se a essencia contida n'esses moldes, com tanto ardor e fogo quanto o poéta sentiu arder-lhe, lá dentro do peito, a chama da indignação.

A Indignação e o Odio são o reverso da medalha do Amor.

Não se odeia quando se quer, — é a conclusão a tirar d'ahi; nem a indignação póde ser enclausurada em regras filosoficas contrarias, demais a mais, á estesia d'um individuo; e eu estou em dizer que esses pamfletos de Gomes Leal, lidos com sofreguidão por um publico sedento de justiça, fizeram mais á causa republicana, em que se filiaram, do que toda a politica dos jornaes d'esse tempo, da mesma maneira que ess'outra epopeia de revolta intitulada *Les Châtiments*, do soberano Hugo, abalou mais o trono de Napoleão III do que todo o combate dos republicanos francezes.

*
* *

Mais tarde, ha poucos annos, tambem o poéta soffreu uma influencia de que se não livrou, egualmente, Guerra Junqueiro, cujo testemunho está nos *Simples* e em Gomes Leal no *Estrangeiro Vampiro*. Refiro-me ao Simbolismo que, em França, fez época, guindando a glorias imerecidas os Mallármés e os Moréas, mas que em Portugal não levou tempo a demolir.

O *Estrangeiro Vampiro* não teve a voga dos outros pamfletos de Gomes Leal, se bem que a pontaria se dirigia ao mesmo alvo — a politica — e, no emtanto, esse pamfleto tem pedaços magistraes, d'um fulgurante brilho. A balada do *Cavaleiro Andante* é, por exemplo, um d'esses pedaços.

Mas examinem com attenção, e hão de ver que até no Simbolismo lá está o semita com o seu estro misterioso a tanger queixumes, o amoroso a indignar-se, o lirico a sobrepujar a nova escola, tal como sucede em toda a sua obra.

E porquê?

Porque o simbolismo, como as escolas decadentes, visando apenas a fórma, embrulhando a orientação, confundindo pela irrealidade, não podia ser o ideal d'um grande poéta, e d'ahi o insucesso ser flagrante. O folheto (que era um folheto o *Estrangeiro Vampiro)* não passou ao conhecimento do grande publico onde Gomes Leal tem o seu nome vinculado pelo seu valor e pela sua qualidade de grande poéta português.

Mais uma vez, então, nos veiu demonstrar esse facto que a alma ardente d'um povo sentimental não se atêm a ninharias de requintes exteriores, as quaes, a meu vêr, só devem ser dadas quando não desmanchem o fim principal que é a idéa, se isto é possivel; e toda a obra d'Arte deve ter esse fim logico e salutar.

Nas *Serenadas do Hilario no Céu*, ahi está uma prova d'isto. E' um sonho de poéta chorando na sua lira a morte do ultimo bohemio coimbrão. Pois bem! é esse sonho que nós visionamos, doido, apaixonado, ardente em viagem pelo céu, iriado pela luz dos astros, aureolado pela candura dos olhos meigos dos anjos, n'uma fantasia graciosa. Novamente, o cantor, ingenuo e impetuoso, gravou n'aquellas paginas o seu feitio, e nós lêmos, cheios de assombro, os versos lindos da balada á *Rainha de Kachmir*.

Ah! mas superior, ainda, é a *Historia de Jesus*, obra de um jacto, sem influencias, nem escolas, e sem requintes, mas de tal modo erguida, n'um bloco de perfeição, que eu não conheço em toda a literatura estrangeira cousa identica!

A *Historia de Jesus* só poderá comparar-se ao *Cantico dos Canticos*, da poesia da Judea, porque é sua irmã gemea. E' a confissão da alma de um poéta, é mesmo o documento da sua originalidade.

Não é racionalista, nem materialista, nem pertence ao positivismo, nem á metafisica, porque é mais do que isso, — é a poesia verdadeira, magnetica e profetica de um verdadeiro semita.

Eu que não sei qual foi a educação do poéta, por ali adivinho-a; o leitor que não conhece a poesia da Judea, nem os seus campos silenciosos e vastos, nem o seu ar sereno e ungido, nem a fisionomia e a alma d'esse povo, sonhador e vidente, adivinha-a, tambem, na fluidez d'aquelas quadras maravilhosas, onde a figura delgada e mistica de Jesus, e os olhos, suaves e enternecedores de Maria e de Magdalena, passam á nossa vista, n'um extasis religioso.

Pela *Historia de Jesus* descobre-se a existencia d'uma adoração no espirito de Gomes Leal: e já não digo — entenda-se bem — uma adoração sacramental da Egreja: mas, superior a isso, um entranhado amor pelo Bem, um coração todo bondade, que a leitura, decerto, da literatura judaica, aperfeiçoou e seduziu.

Não! que a alma do poéta ou do escriptor, por mais que se queira encobrir, ou que as influencias de momento a desnorteiem, sempre transparece.

*

* *

No *Fim d'um Mundo*, o ultimo livro de Gomes Leal, onde a par da reedificação de antigos trabalhos, ha poesias modernas, tem a critica dois factos a observar. O primeiro, é a evolução do seu belo espirito que nem sempre arranja moldura artistica para o apresentar, condignamente, á altura do seu valor, pela razão mesma da sua grandeza e da sua impetuosidade; e o segundo facto, é o feitio satirico do poeta, expresso em muitas paginas d'esse livro que denomina, n'um sub-titulo, *Satyras Modernas*.

Quanto á sua evolução vêmo-la acentuada, firme e progressiva, comparando, até, os trabalhos antigos, agora reeditados, com as antigas edições, pois o poéta modificou tudo que não traduzisse um ideal mais largo. Assim, os seus pamfletos, dirigidos pela indignação d'um momento e que levaram a chancela d'um partido politico, cujo programma era, no seu tempo, a maior conquista dos povos, hoje, com essas modificações, foram elevados a categoria mais alta, de reptos contra o despotismo, em nome da Humanidade ultrajada. Isto é: taes pamfletos, que tinham nascido d'uma orientação mais pequena, cresceram, agora, pela evolução tambem crescente do espirito de Gomes Leal, porque a essencia que eles continham, dimanada da alma do poéta, era demasiado grande para se atêr a formulas de ocasião.

Ora, a literatura deve sempre evolutir, mas não perder, nunca, pelo fundo, o nosso sentir individual, muito embora, caminhando n'um ideal de perfeição, nos juntemos, em espirito, ao ideal da Humanidade inteira, pois que é esse o fim da arte, como o explica claramente Tolstoi no seu luminoso livro *Que é a Arte?*

D'ahi, a razão do que afirmo, de ser Gomes Leal, como foi João de Deus, poéta português, velho português de sangue semita tão espalhado em terras de Portugal; e quando um, o poéta morto, cantou a Feminilidade, o outro, Gomes Leal, ainda felizmente vivo, canta todo o amor, apesar de estravagante e fantasista, porque a sua imaginação misteriosa tem o seu tanto de Pöe pelo sonho, e o seu tanto de Dante pela religiosidade.

Mas, áparte as adorações literarias de cada um d'elles, o seu cunho nacional é o mesmo, divergindo apenas João de Deus pela sua predilecção pelo monoteismo, exposto na sua obra, n'uma serenidade de patriarca, e Gomes Leal pela sua idiosincrasia pantéista, mais ou menos traduzida n'uma formula artistica que ele explica na *Autopsia Final do «Fim d'um Mundo».*

«A maxima Beleza ligada á maxima Singeleza.»

*
* *

Isto que ahi fica, já obteve a consagração dos factos.

Passaram as épocas, cada uma com a sua face social, e passaram as escolas literarias e filosoficas em cujo altar Gomes Leal, e os poétas seus coèvos, sacrificaram; e, quando de muitos, apenas resta a simples recordação d'um nome, d'ele ficou uma obra inteira, uma grande obra, vasta e brilhante, a atestar o seu valor. Podia, é claro, o brilho do seu éstro ter ficado embaciado pelo mesmo pó que levou para o esquecimento taes escolas, por isso que o culto da ocasião, jungido a formas, é, sempre, de duração efemera. Porque a obra de arte que a ocasião enaltece, cae e desaparece com o desaparecimento do ambiente em que essa mesma ocasião viveu, e, o que é mais, torna-se incompreensivel. Senão, repare-se, olhando para traz, quantos dos inumeros cultores das letras portuguezas, dos varios tempos, e das variadas escolas que em sucessivas ocasiões se foram tornando celebres, são hoje conhecidos do povo, e perante os quaes é licito esperar que a nossa recordação ajoelhe em ferveroso preito? Poucos, muito poucos. No emtanto, o seu labor seria aturado, e as cronicas rezam que tiveram relevo e notoriedade.

Porquê foi?

Porque a sua vida demasiado curta, foi ainda assim extensa, em demasia, para afrouxar os liames com que, n'um momento, o acaso ligou esses nomes á consideração, relativa, da sua época, uma vez que só de relatividades se tratava. Um dia os robusteceu; outro dia os aniquilou.

*
* *

Tal não sucedeu com Gomes Leal.

Embora na sua trajectoria fosse como uma borboleta sugando o mel das flores das sucessivas escolas e filosofias do seu tempo, o certo é que acima de tudo colocou a sua individualidade.

Por isso, no ateu do *Anti-Christo*, é, como já disse, o mesmo lirico da *Historia de Jesus*, poéma da crença christã, aureolado de misticismo e de candura, e ainda o mesmo da *Mulher de Luto*, poema do Espiritismo, quando estavam em voga as sciencias espiritistas. Nunca foi, portanto, senão ele; nem profundo, nem erudito, porque não o podia ser, por causa da individualidade do seu grandioso éstro e pelo impeto formidavel da sua inspiração. O que é, todavia, bastante interessante, é aquela unidade de espirito de rebeldia que vinca toda a sua obra, e lhe dá um cunho curioso de clarividencia.

Vêr longe, não se deixar prender, totalmente, pelo imperio dos factos, é tarefa dificil para muita gente, e só propria de espiritos raros. Na maior parte dos casos, os homens prostam-se deante dos dias que passam e que os envelhece, deixando-se vencer por eles, como forças misteriosas contra as

quais não podem lutar, — salvo quando um superior espirito de rebeldia anima as suas intenções. E é, afinal, por esse espirito rebelde que eles se tornam, tambem, constantemente novos. Atraz de uma idéa vêm outra idéa, em seguida a uma teoria outra teoria; mas, o segredo d'aquelles que procuram a verdade em cada uma d'elas, consiste na descoberta do fio espiritual que as concatenisa, sem se deixarem, jamais, envolver nas emaranhadas e supersticiosas teias das formulas transitorias.

Realmente, se perguntarem a qualquer pessoa que valia pode ter, para a emancipação do homem, a descripção veridica d'um ligeiro caso a que o vulgo chama ocorrencia, e no qual se patenteiem sentimentos e vontades, como a sua época os concebe, essa pessoa dirá, abertamente, que nada vale. E, entretanto, o mesmo élo espiritual que prende o dia de hoje ao dia de ámanhã, nas sociedades cultas, é que vêm, desde o inicio dos seres, dando uma certa logica á forte acção humana, na terra

Do que se infére que nenhum facto, na vida, é para desprezar; e, d'ahi, a razão maxima de se viver, na actualidade, mais intensamente, do que viviam, ainda ha pouco, os nossos paes.

Quem nos havia de dizer, ha meia duzia d'anos, que com um meio seculo, apenas, de existencia, começava, por toda a parte, a ruir, com fragor, o edificio das monarquias liberaes, que o liberalismo creou, como a ultima palavra das regalias individuaes dos cidadãos? Quem diria, até, que um novo mundo de revindicações, ainda envoltas, recentemente, nas dobras de aspirações utopicas, estalaria vibrante, n'essa gélida Russia dos czares, mergulhando na vala do passado as rijas ambições e os inflexiveis preconceitos que eram esteios da sua velha civilisação? Oh! quem suporia que os filosofos e os poétas que animavam essas sonhadas reivindicações com o seu belo espirito de revolta, fossem tão cêdo ouvidos?!

E' indubitavel que cousa alguma se perde, n'este mundo, do que se pensa, do que se diz, ou do que se sofre. Quando um grito de revolta é lançado, sincero e sentido, logo um ouvido atento o recolhe, e o grava no peito, para o transmitir á desgraça que o cataloga no seu imenso livro de dôr e de martirio. D'esse grito brotam, depois, outros, e tantos que acabam por encher os ares. Tal como nas ondas artesianas, que transportam o som á distancia, para o deixarem gravado em local apropriado, assim entre os corações sofredores existe uma transmissão invisivel e um receptaculo famoso, no qual todas as dôres, as imprecações e as raivas, encontram sempre guarida.

E porque é assim, é que os verdadeiros poétas vão buscar á sensibilidade, mais do que á razão, o sentido das suas queixas.

Ah! meus amigos! tambem se assim não fosse, não valia a pena haver poétas!

*
* *

Sabe-se, de resto, que o homem sempre aváro da sua fama, nunca está contente com a sua obra. O que julga bom n'um dia, acha mau no dia seguinte. D'ahi, a renovação, em todos os seculos, do idealismo creador dando logar, mais tarde, ao negativismo demolidor. Voltaire e Rousseau foram os esforçados paladinos da demolição, do seculo XVIII. As suas palavras abalaram, como mortiferas granadas, os alicerces d'um velho edificio. E mercê do esforço de muitos e indomaveis combatentes, desde o periodo filosofico até á derrocada final, a Revolução de 93 poude sair vencedora, adquirindo fóros de purificante e benefica, apezar de todos os seus horrores.

Desde então para cá se avançou imenso! Mas, é inegavel que certas conveniencias procurando arrumar-se fôram, subrepticiamente, transformando obrigações e deveres, direitos e garantias, em simples formulas e normas convencionaes.

Que significa isto? Que, no fim de contas, dêm-lhe as voltas que quizerem,

só uma cousa ha de imortal e de invencivel, — que é o espirito de revolta, sempre eterno, da Humanidade, contra as supremacias e contra as preponderancias que não sejam moraes e o sentimento não possa justificar.

Por isso, a maior força dos poétas como Gomes Leal, considerados rebeldes, não procurando na arte senão o ouropel para vestimenta das suas idéas, e nem reconhecendo nas filosofias mais do que a concretisação d'uma rebeldia dignificadora, reside, exactamente, na obtenção, por um dom do destino, da mocidade d'esse mesmo espirito revoltoso, tendo por apanagio a bondade, a beleza e a perfeição!

Querem, porventura, maior rebelde do que foi Christo, e filosofia mais revolucionaria do que a d'ele, apezar da candura que a sintetisa, e da brandura das suas palavras brandas e serenas?!

Eis o simbolo maximo do sublime espirito de revolta que em todos os tempos tem animado o homem no caminho da sua redenção.

*

* *

Parece-me, emfim, que tendo falado bastante do poéta e da sua obra, não falei quasi nada do homem que conheci pessoalmente, e cuja pureza de caracter me foi dado avaliar em varios momentos felizes da minha vida. São ligeiras notas que vou contar:

Uma noute, tratava-se de reclamar contra a pretensão de certos actores portuguêses de conseguirem do governo a proibição da vinda de companhias estrangeiras, ao theatro português. Era no Ateneu Comercial a reunião dos protestantes. Gomes Leal, no auge da sua popularidade e da sua gloria, com aquela mascara de dandismo atrapalhado que tanto caracterisava a sua figura inconfundivel, saiu-se, ao cabo d'um retumbante discurso, com esta *boutade*:

— Meus senhores! o que essa gente quer, é cavalgar a besta do Absurdo com acicates de ouro...

A frase fez carreira.

Os zoilos diziam que Gomes Leal só frequentava tabernas, onde, aliás, não era dificil encontrar, entre os frequentadores populares, admiradores seus. Mas, ele tambem frequentava salões Por exemplo, os da sr.ª Duqueza de Palmella a quem visitava e estimava devéras, senhora de incontestaveis dotes de talento e fidalguia, que o recebia com requintes de afabilidade e admiração, eram seus conhecidos. E, até, se cita aquella sua frase tipica, n'um baile, em casa de D. Thomaz de Mello, amigo de literatos, cavalheiro e gentil-homem como os que o foram, n'esses idos tempos de fidalguia de sangue que não voltam mais. A fumar, o poéta deixou cair, sem reparar, a ponta do seu charuto, acêso, sobre a cauda dum vestido da senhora que se sentava a seu lado. Começou a cheirar a chamusco, e ao acudir-se á infeliz senhora, alguns reprovaram a Gomes Leal a sua desastrada conduta. Ao que elle, entre risonho e contrito, desfazendo-se em mil desculpas, redarguiu:

— Que querem! é sina minha! Quando estou ao pé de senhoras, incendeio-as sempre!...

Infeliz e genial poéta! De ti se pode dizer, egualmente, o que Castilho, com inteira verdade, disse de Camões:

«Foste grande na dôr como na lira!...»

FERNANDO REIS.

Capa da 1.ª Edição Desenho de José Leite

MULHER DE LUTO

A' MEMORIA DE MINHA IRMÃ

A ti, Sombra gentil, que talvez com deleite
cruzas ligeira o Céo, — como aza de andorinhà —
sobre os rios azues e as bahias de leite
dos astros da noitinha ..

a ti, que tanta vez desfólhas, nas caládas
noites, com tuas mãos rosadas e setíneas,
n'este meu coração, crivádo de facadas,
punhados de glicíneas...

a ti, Biblia, ideal encadernada em rosas,
estatua do Pudôr trazendo um lyrio ao peito,
que róças tanta vez tuas tranças sedosas
nos sonhos do meu leito ..

a ti, que tanta vez, pelos bosques de myrtos,
ou nos lagos do Céo religiosos e calados,
talvez te lembre a hora em que os teus dedos hirtos
me apertáram, delgados...

a ti, de quem eu vi ternas pupillas pretas
filtrarem, ao morrer, um pranto solitario,
como outr'ora a Jesus choraram as violetas
na noite do Calvario...

a ti, cuja saudade, egual a espadas finas,
machucou no meu peito a alegria e o confôrto,
como um ai de Jesus fez dobrar as boninas
orvalhádas do Hôrto...

a ti, a cuja morte, alegrias doiradas,
esp'ranças e visões fugiram báças, múdas,
como dos seus pombaes as pombas assustadas
pelo archôte de Judas...

a ti, pluma subtil do peito d'alva pomba,
cortando aéria o Azul — laranjal de chiméras —
talvez te lembre a hora em que o sol meigo tomba,
osculando as anthéras ..

a ti, que tanta vez — em túnica de neve —
róças por minha febre a trança de velúdo,
e sinto, mansamente, o passo aério e leve,
á lampada do Estudo...

a ti, a ti dedico, astro dos céos risonhos,
este livro do além, escrito em largas vélas,
afim de que te lembre e te recorde os sonhos,
fiádos ás estrelas...

afim de que recorde este livro de penas
os dramas e as visões dos romances que amámos,
do violino os ais, e o céo todo açucenas,
para onde tanto olhamos!...

afim de recordar-te, a ti, cheia de palmas,
de goivos, de cecens, de escabiósas abertas,
as nossas convicções d'outr'ora, de que ha almas
em estrelas desértas...

afim de recordar-te os colóquios amigos
sobre as almas leaes dos Castos e dos Justos,
quando a lua branqueava os pinheiros antigos,
e a fonte entre os arbustos...

afim de relembrar-te o pavôr das baladas,
recitadas ao alvôr do crescente, nos campos,
quando ladrava o cão, da noite nas caladas,
á luz dos pirilampos...

E sobretudo — emfim — lembrar-te o sonho etério
em que tu me trouxéste uma penna côr d'ouro,
mandando-me escrever sobre o sacro mystério
das Almas e o seu côro.

Cumpro hoje esta missão. — A's almas que a vil Parca
estrangulou, sem sol, sem Deus, sem confiança,
hoje trago aos seus ais, como a pomba da Arca,
um ramo cor da Esp'rança.

A's almas que a Revolta enegreceu as azas,
com as unhas rasgando o magro peito intenso,
queimo n'este incensorio, em cima d'estas brazas,
o Amor, como um incenso.

A's almas ao abandono e agarrando-se á héra
de um rochedo feroz, com hirta mão aduncа,
trago um céu de esmeralda onde se lê Espera !
em vez do amargo Nunca !

E ás desoladas mães e ás amantes transidas,
goivos fataes da hystéria, almas que uivam de tédio,
trago um oleo com que unjo as palpebras doridas
dos prantos sem remédio.

Uivantes batalhões d'almas, mostrando as chagas,
nos seios núa, que rasga a Espada da Saudade...
eu trago ao vosso mal das noites aziagas
o meu mel da piedade !...

Uivantes batalhões d'almas desesp'rançadas,
carpindo sem cessar nos lividos rochedos,
alevantae ao Céo as mãos alucinadas,
vossos tragicos dedos !...

Desgrenhadas visões das paisagens funéreas
as retorcidas mãos da febre erguei aos céos,
alçae as magras mãos, que afilaram hystérias,
porque o Amor *é Deus.*

Elle dará a todo o ensanguentado bando
o frenesim do amplexo e os beijos sideraes.
Dará a uma o filho... a outra o noivo brando...
morto nos hervaçaes.

E tambem, doce irmã das longas tranças pretas,
a mim me fartará dos teus róseos carinhos,
que faziam inveja aos lyrios e ás violetas,
e ao olhar dos passarinhos ..

Toma pois este livro, ó jamais Esquecida !
Acolhe-o, pois que é teu — Só tu o inspiraste,
nas noites em que pende a lua enternecida,
qual camélia na haste...

Léva o para as regiões enigmaticas e bélas,
em que chorem d'amor as relvas que tu pises...
— E possa ele sarar tambem lá, nas estrelas,
os ais dos infelizes !...

PROCESSO RUIDOSO E SINGULAR

Que o Espiritismo seja um thema de controvérsia e questão ainda, em Sciencia, comprehende-se, visto que todas as cousas lhe devam ser submettidas, e que ella não déve proceder nunca d'espirito leve, mas sempre arrimáda aos méthodos experimentaes e positivos : agora que a Egreja excommungue solenemente — como na presente obra se narrará — o sacerdote que o prégа ou o professa, quando toda a região christã é intrinsecamente baseáda em factos anormaes, sobrenaturaes, e de telepatia — é que é absurdamente ilógico, e repugna ao húmano critério.

Tem o Catolicismo, desde longa data, resvalado em semelhantes contradições metafísicas.

O sacerdote excommungado — que adeante narrará elle proprio as suas memórias — com a vehemencia e a energia que dilatados annos de torturas moraes explicam, e mesmo atenúam a rispidez e acrimónia das invetivas, foi porém mais do que um sacerdote maldito, foi um homem em quem pezou a *mais grave acusação que póde incidir sobre uma consciencia humana,* e o que deu logar ao mais escandaloso processo que se haja instaurado na face da terra.

É este processo ruidoso e insólito, do qual o réo innocente, iniquamente agravádo se pretende justificar, e briosamente se justifica n'estas *memorias*, que é o assumpto do poema.

Tendo tido noticia em Madrid, onde me encontrava, por occasião das festas excecionaes que ali se fiséram, quando foi do casamento do rei Affonso XII com sua prima D. Mercedes, tendo tido noticia, n'uma sala onde casualmente me achava, do facto— incidentalmente recordado — de um padre *espiritista* condenado ás galés, d'onde saira recentemente, mas vergando ainda sob a acusação de um crime abominavel, cujo sacerdote na actualidade residia n'uma villa de Aragão : para ali me fiz transportar

passados dias, e d'elle obtive espontaneamente, a narrativa oral, mais tarde por elle escrita e assinada.

Circunstancias melindrosas, de existirem — vivas ainda — pessoas de familia incriminada, e incriminadas de factos gravissimos, me obrigáram a que alterasse os nomes d'essas pessoas, e mesmo de certas regiões e localidades. Mas os factos ocorrêram *veridicamente* e *autenticamente* como elles se descrévem, na sua tragica sucessão, e com toda a espontanea e delicada sinceridade de quem os descreveu, os quaes nada mais fiz do que dar-lhes a forma mnemónica da rima.

O autor d'estas memórias, acusado primeiro de um sacrilegio repulsivo, e mais tarde d'uma d'essas criminosas e execraveis abominações que deshonram uma vida inteira e para sempre enlaivam e desprestigiam um nome, viu-se de repente cercado de incidentes tão nebulosos e enigmáticos, que o coagiram a não poder provar a sua innocencia ante os tribunaes civis, visto que, pela sua abjuração, elle nada já tinha a deslindar com os ecclesiasticos.

Condenádo ás galés e ás torturas mais cruciantes dos presidios, dos hospitaes, das enxovias, e até dos manicómios, este homem depois de tantos transes, cumprida por fim a sua pena, é novamente chamado á barra, por um tribunal mais terrivel ainda do que os *francos-juizes* da Edade Média, — um tribunal da familia ainda não saciáda de vinganças odientas, — e eis que n'ele esteve prestes a ser condenado á morte mais barbara e afrontosa, se o não salvasse — quando ele menos o esperava já — uma intervenção mysteriosa e anormal.

No proprio palacio, testemunha muda de scenas tão passionaes e invulgares, de que o tentáram espoliar, por avareza e cupidez, os Láras, os sinistros Láras de sangrenta historia, tios da radiosa Mulher que vivifica todas estas páginas, n'esse proprio palacio melodramatico, e já escalavrado e desmantelado pelos vendavaes do tempo e os desgostos dos seus possuidores, me entregou ele estes papeis, rogando-me que os publicasse, caso que os Láras quizessem fazer suprimir uma outra cópia que tracejára, e que elle ingénuo... depositára um dia em mãos que crêra segúras.

Depois da sua morte, taes memorias desappareceram, por criminosa culpa d'aquelles que tinham interesse no seu desapparecimento, e por isso nós as entendemos dever ressuscitar hoje. Ressuscita pois o desagrávo d'uma alma limpida e réta, que faz, ella propria, a historia do seu singular processo.

A alma dedicada e pundonorosa de D. Leandro de Aguilar, que viu, é certo, ante um tribunal infame, esclarecida a sua inocencia, por uma circumstancia única e que já chamámos *anor-*

mal, mas que depois tornou a vêr em vida, enlameado o seu nome pela grosseira e brutal opinião que não tivéra conhecimento da verdade, déve rejubilar profundamente, nas regiões onde paira, por vêr justificada e desagravâda por fim a sua inocencia triunfante.

As *memórias* de certos homens precláros, que foram testemunhas oculares e perigosas d'altos sucessos, e de terriveis e formidaveis cousas — de sanguinolentas e escandalosas cousas — téem sempre encontrâdo grande oposição nas familias, ou nas autoridades locaes, quando se trata da publicação d'ellas. Assim é que muitas memórias ainda jázem inéditas, e jazerão talvez por muito tempo, até que o pó dos seculos tenha apagado todos os ressentimentos, e o vestigio de todas as vaidades. As que vão lêr-se, porém, tivéram por depositario um homem, costumâdo ha muito a não curvar-se a arrogantes exigencias, nem a interesseiras e aviltantes condescendencias baixas!...

O protogonista, — na historia do seu processo — acúsa rispidamente um clero envilecido e rapáce, de combinação com interesseiros nobres da sua familia, de haverem tecido a mais arteira e vilipendiosa calunia que se haja forjâdo em vida. Estas verdades irritam e molestam sempre: por isso é natural que as tratem de suprimir!...

Vehementemente, calorosamente, vibrantemente — e com verdadeiras lagrimas escorrendo sangue — o autor d'estas memórias protésta, com tão alto e eloquente clamor, pela sua inocencia e justiça, que as lagrimas acódem espontaneas, e o coração mais empedernido e sêco pelo egoismo mundano, mau grádo seu, se abrandéce e sobresalta.

Na realidade, amar com um culto transcendente e alto — tão alto como o vôo do pensamento ou do desejo humano! — uma mulher de uma beleza e distinção raras, e vêl-a salsujada n'um processo escandaloso, e depois o seu cadaver desenterrado ficar sujeito a um exame publico, que significava ao mesmo tempo um enxováilho e uma profanação de arrancar lagrimas, e essa profanação ser requerida pelos seus consanguineos, pelos próprios *seus*, déve ter estorcido bem fundo um coração poético e delicado.

Portanto: se os seus gritos lacerárem os ceus aflitos e ensanguentados, se os seus rugidos atordoárem os pacificos e os fileugmaticos, se os seus alucinamentos de revoltado ensurdecerem e crispárem os nervosos — como uma unha rechinando n'uma vidraça — e se atravessarem, como sanguineos cometas, as visões doentias dos hystéricos, que os nervosos ou fleugmaticos tapem os ouvidos... mas deixem escutal-o o coração.

O que ha de simpático na narrativa d'este processo ráro, feito

com singelo desassombro e firmeza, é que o desagravo não é tanto firmádo para justificar a inocencia de um homem... como para purificar a honra de uma querida mulher *morta*.

Mas é tempo já que nos calêmos. — Deixemol-o defender a sua causa, que elle o fará com energia e nobreza.

É elle que tem a palavra:

ANTES DO MEU PROCESSO

I

Visto pois que o meu caso infausto e escandaloso
já tem corrido mundo: — e as linguas da maldade
bolsáram contra mim seu vitupério odioso...

II

visto que eu penetrei de Satan na Cidade,
e as mitrádas legiões dos seus *Anjos falsários*
lançaram-me os calháos das ruas, sem piedade...

III

visto que um tribunal formádo de sicários
meu processo julgou, qual julgára Tibério,
presidindo um tropel de chatins sanguinários...

IV

visto que a gléba hostil me encheu de vitupério,
e sobre o caso atroz, inexplicavelmente,
pairou sempre — ai de mim! — sempre o véo do mysterio...

V

visto que com rancôr e com sanha inclemente
os máus me hão condenádo a um pávido degredo,
e amarrádo ás galés, ignominiosamente...

VI

visto que com perjúrio e com animo trêdo
me hão atirado á face a lama dos chiqueiros,
e ás servís multidões me hão apontádo a dedo...

VII

visto que os maioraes do mundo e os bordeleiros
sem quartel, me hão caçado e feito montaría,
como a um javardo vil, sabújos e rafeiros...

VIII

visto que me hão lançádo ás palhas da enxovia,
que o meu comer foi cinza... o meu vinho triága...
a minha gloria escarneo... o meu sono agonia!...

IX

eu vou lançar no mundo o suór que me alága,
o meu suór de sangue! — e a pedra d'uma campa
quebrarei, pois tal pedra uma inocencia esmága!

X

Que Deus perdôe a quem me faz quebrar a tampa
do sácro mausoléo!... Mas terei o heroismo
de ao Calvario do horror alumiar toda a rampa!

XI

Que Deus perdôe a quem, com seu charro egoismo,
mesclou uma mulhér radiosa e de bom senso,
inocente e sem culpa... á escumálha do abysmo!...

XII

Que Deus perdôe a quem, com seu torpe consenso,
me lançou na Revólta e no ranger dos dentes,
e em transes tão mortaes, que eu chóro se em tal penso!...

XIII

Que Deus perdôe a quem laivou os eminentes
brios de uma mulher — e o *seu nome impolúto* —
e fez chorar, sem trégoa, uns olhos inocentes!...

XIV

Que Deus perdôe como eu!... Almas todas de luto!
almas vestidas d'ais! almas espadeirádas
pelas linguas do mundo e o seu báfo corruto!...

XV

almas que alevantaes as mãos macilentádas
ao céo, cheias de fome e sêde de Justiça,
almas cheias de pó, de insultos, de pedrádas...

XVI

vêde em mim uma irmã que váe entrar na liça,
vestida de rasão, de pureza, inocencia,
e escutae quanto póde o Impudôr e a Cubíça!...

XVII

Espiritos do bem, de juizo, sapiencia,
sentae-vos na cadeira austéra da Verdade:
— Tomae a vara augusta e julgae com consciencia.

XVIII

E vós almas de amor... todas mimo e piedade!...
que não velástes nunca as insónias da orgia,
nem uivástes, como eu, os uivos da Impiedade...

XIX

almas honestas, sim!... mas com calma e poesia,
que ignoraes todo o mal da terrena feitúra,
que sois cápa do Orphão e da Viúva alegria!...

XX

almas como o chilrar de veia clara e pura,
mas que abrandam os ais dos tristes e infelizes,
e aquelles que enlaivou a calúnia perjúra...

XXI

almas rétas, leaes de todos os paízes!
vertei no meu esquife uma *lagrima*, ao menos...
— Depois que eu durma, em paz, nas hervas e as raizes!

.....
.....
.....
.....

A MULHER DE LUTO

I

Lá, n'um alto penhasco enegrecido e bruto,
onde os córvos da noite e os môchos téem guarida,
se ergue o altivo alcaçar, vive a *Mulher de luto*.

II

Lá, n'essa velha rocha extensa e desabrída,
onde os ventos da noite uivam lutuósamente
vivem os dois irmãos — *os Láras* — doida vida.

III

Lá no altivo palácio, onde a lenda corrente
faz espétros surgir nas salas solitarias,
sópra um terror fatal que afasta toda a gente.

IV

Só eu rio das mil visões imaginárias!
Só eu corro a cavalo ás charnécas desertas!
— Eu néto dos vilões, néto dos velhos párias!...

V

Só eu, filho revel das sciencias libertas,
scético, rico, audaz, ouso rir dos mystérios
e das lendas que põem as turbas boquiabertas!

VI

Só eu río de Deus e dos Anjos sidérios,
Só eu — vaidade atroz! — ouso insultar a Morte,
e, ás casquinádas, calco o pó dos cemiterios.

VII

A Sciencia é a luz. — Mas ai! dos que sem norte,
fátuos, cuidam tomar a sua claridade
pela luz de Dagon, rei da infernal cohórte!

VIII

Atraz d'isso que chama o sábio a realidade,
pende cerrádo o véo do Archi-Ser terrivel,
— do *Alguem* que guarda sempre a suprema verdade!

IX

Foi assim que eu sincero, alma leal, sensivel,
de degráu em degráu — por vaidosa jatancia —
caí na confusão da angústia intraduzivel!

X

Mas remontemos mais. — Corrêra a minha infancia
entre mil pastoris boscágens melodiósas,
n'uma leitósa paz, azulina ignorancia.

XI

Mais tarde, ao abandonar as colinas maviosas,
lembra-me, solucei — como se essa partida
fosse o ultimo adeus aos loureiros e ás rosas!..

XII

E de certo que foi! — Jamais, jamais na vida,
achei á cotovia a voz tão afináda,
— e o meu primeiro adeus foi o da despedida!

XIII

Estudei e cursei Theologia sagrada.
Li mil livros — babeis de estulticia e demencia —
e um dia esfarrapei a batina odiáda...

XIV

Regressei ao meu lar, farto de atroz sciencia.
Quiz abraçar, sorrindo, as pombas e as boscágens,
mas, coitado de mim!... fugira-me a inocencia.

XV

Morrêra minha irmã... As floridas paisagens
não tinham, para mim, risos, sombras, nem ninhos...
e apontavam-me o Céu os dedos das folhagens!

XVI

Havia um vácuo em mim. — Trinos dos passarinhos
par'ciam-me imbecis. . as dáhlias pretenciosas...
o Céu de um sujo azul... banaes rosas e espinhos!

XVII

— Com desdém criticáva a fátua côr das rosas.
— Os hombros encolhia ao branco alvor dos lyrios.
— Fastiávam-me os ais das rôlas amorosas!

XVIII

Achava banal Deus, autor de taes delirios, —
que inventára o *arrúlho* e a atroz monotonía
— da *cantáta* do amor nos sóes e nos empyreos!

XIX

Ora, um dia de humor tristonho em que eu corría,
no meu cavalo negro, a toda a desfilada,
na alcantiláda serra, inhóspita, bravía...

XX

ví surgir de repente a fórma entresonhada,
a fórma que jamais me saiu da memoria,
— ha tantos annos já de cinza e derrocáda!...

XXI

Era ella, essa mulher que é toda a minha historia:
desde a cabeça aos pés, toda de luto, séria,
n'uma atitúde ideal de tristeza marmórea.

XXII

Cavalgava tambem com grande aprúmo: — Etéria,
o seu busto de estatua e a face modelar,
tinham um córte extranho, á luz da tarde aéria.

XXIII

Como um doido, eis começo então a galopar,
a fugir, a fugir atabalhoádamente,
por penhas, barrocaes, por tormentoso algar...

XXIV

De quem fugia assim? — Ao Fado certamente,
ao meu Destino atroz, á atroz *Fatalidade*,
que eu cria repelir, por instincto inconsciente.

XXV

Com tal fúria corria e tal celeridade
que a floresta tambem — como a do Rei Macbeth —
par'cia correr, cheia de ancia e maldade.

XXVI

Quanto mais meu cavalo espumando, arreméte
por sarças, barrocaes, por talúdes a pino,
mais terror insensáto e estúpido me méte

XXVII

essa altiva mulher de rosto máte e fino,
com seu tranquilo olhar, toda de luto, a prúmo
no seu cavalo, a passo!... olhando o sol divino.

XXVIII

Por que éra um tal terror? — Não sei. Perdí o rúmo.
E a *epilépsia — esse mal atroz dos meus Maióres —*
a *epilépsia ai!* me varreu como fumo.

XXIX

Não rolára jámais nos meus tempos melhores,
na minha rósea infancia... a minha infancia incauta!...
com tal ataque. Nunca ouvira taes horrores.

XXX

Nem depois, nem depois, na vida esturdia e lauta,
que eu tresnoitei, a rir, nas capitaes egoistas,
entre as prágas do jogo, entre a dança, entre a flauta.

XXXI

Exanime tombei, rolei do meu cavalo,
sobre um frio hervaçal, da aresta de um talúde,
regelado de mêdo e de um convulso abálo.

XXXII

Quando o olhar descerrei para o dia e a saúde,
humilhado, febril, convulso, irresolúto,
tôrvo como o infeliz que não tem quem o escúde...

XXXIII

achei-me no solar d'esse penhasco bruto:
encontrei-me estendido ao comprido n'um leito,
— e em pé, como uma estatua, hirta, *a Mulher de luto*.

OS FANTASMAS NÓTURNOS

I

Levantou o seu véo. — E então, musicalmente,
narrou que me encontrára estendido na herva,
depois de galopar desnorteádamente.

II

O' musica da voz! — Quem é que não conserva
na alma uma saudade arraigada que o inspira,
de uma voz musical... de Rainha ou de serva?

III

Theodóra — era o seu nome — aérea como lyra
de prata, n'um luar sentimental de maio,
na voz tinha o cristal d'uma agua que suspíra.

IV

Depois os Láras véem. — O fusilar do raio
não chispa como o olhar d'estes tôrvos bandidos:
— um é vêsgo e feroz, outro astúto e cambaio.

V

Os seus olhos reveis, viciosos, ardídos
pelas carnaes paixões, a luxúria, o cynismo,
crávam-se em mim fataes — como cães aos latídos.

VI

Depois deixam-me só. — Espraio o olhar e scismo:
— Eis-me no antro emfim da bella *feiticeira!*
— Eis-me n'este palacio, este enigma, este abismo!

VII

Lá na umbrósa floresta, ante hedionda caveira,
quantas vezes talvez, de Satan no *sabbat*,
dançáram, ao luar, as bruxas na clareira?...

VIII

Quantas vezes apóz alguma orgia má,
o espétro de um barão, de doiráda couraça,
surge da campa e vem insultar a Jehovah?

IX

Que vezes, a chorar, nos corredor's perpassa
o passo de um fantasma... uma morta condessa...
que lastíma, de noite, uma trágica raça?

X

Que vezes, ao luar, a esplanáda atravessa
um pagem de saial, que reclama justiça,
agitando nas mãos degolada cabeça?

XI

Dizem que ás vezes surge uma branca *noviça*,
que atravessa os salões, com uma véla acesa
na déxtra, e vém rogar aos que encontra uma missa.

XII

Outras vezes do chão surge vermelha mesa
d'austero tribunal, com trez mortos juizes,
julgando uma mulher formosissima presa.

XIII

— Escutam-se os seus ais rasgádos e infelizes.
— Escutam-se pregar táboas d'um cadafalso.
— Distinguem-se orações, salmos, sobrepelizes.

XIV

Os terriveis Avós dos Láras d'olhar falso
dévem saber, talvez, tradições bem sombrias,
— funéstas vexações do lavrador descalço?...

XV

Quantas vezes Theodora - em funéras teorias —
não terá evocado o grupo dissoluto
dos tragicos Avós, sob abobadas frias?...

XVI

Quem sabe que mysterio inaudito e absoluto
avincou de tristeza o seu rosto tão sério,
— e lhe faz arrastar tão enigmático luto?...

XVII

Ha muito que seus paes jázem no cemiterio,
não teve noivo ideal trucidádo em combates,
porque pois esse luto... esse enigma ou mysterio?

XVIII

O' sicarios Avós! ó terriveis Magnátes!
ó Láras ancestraes, bestas féras odiaveis,
quantas vezes de sangue heis laivádo os penates?...

XIX

Os dois que restam só, os chatins miseraveis,
os tios de Theodora, os dois Láras malditos,
são a escumálha vil de tempos inarraveis!...

XX

Barões de lança e cruz, homens de ferro avítos!
quantas carnes, na forca, estirástes á lua,
sob o olhar de Satan e do milháfre aos gritos?...

XXI

Quando eu scismáva assim – visão barbara e crua! —
trez vezes a seguir, como alguem que reprehende,
vi erguer-se uma *mão*, branca, pallida, núa...

XXII

Trez vezes esta mão de morta ou de duende,
que estrelavam anneis... me ameaçou no espaço...
— como faz o mortal a quem um outro offende.

XXIII

Trez vezes esta mão de morta, cujo braço
éra gélido, branco, escultúral, macio,
ergueu-se e ameaçou-me... acobardádo e lasso.

XXIV

Depois desappar'ceu. — Um panico arrepio,
um mystico tremor... um não sei quê d'espanto...
todo o meu ser crispou, como um gùme com fio.

XXV

Mal reposto inda em mim, eis que enxérgo n'um canto
um grande espelho oval — *coruscante e polído* —
girando sem cessar, como em mágico encanto...

XXVI

Com o olhar dilatado, enorme, estarrecido,
seguí anciosamente esse giro extra-humano,
sêca a guéla, olhar fito, o peito sacudido...

XXVII

O que veria eu mais?... O' funerário arcano!
O' solene terror das coisas insondaveis!
Vivêra eu, até hoje, atoládo no Engano?...

XXVIII

Teria até hoje eu, proclamando execraveis
teorías de revolta ás Verdades ocultas,
roládo na abjeção das cousas insanaveis?...

XXIX

Teria até hoje eu, como as hordas incultas
que apedrejam o sol, achincalhádo, inépto,
crenças sacramentaes de gerações sepultas?...

XXX

Eis que o espelho parou. — Um hórrido esqueleto,
surgiu no vidro oval, ao principio esfumado,
indeciso e confuso em seu pávido aspéto...

XXXI

Mas depois, pouco a pouco, o vulto descarnado
eis tóma linhas, côr, fórma, aspéto, presença,
e um corpo se formou... feminino e de agrado.

XXXII

Um corpo de mulher! — Funda amargura intensa
avincava esse rosto, emagrecido e belo
como certas fataes damas da Renascença.

XXXIII

Longo vestido preto e infindavel cabelo
— negro como do côrvo a luzidía aza —
rojavam pelo chão, n'um ar de pezadelo...

XXXIV

O fantasma espraiando o olhar côr de braza
saiu do espelho oval, agitou-se no espaço,
tomou fórmas... moveu-se... e cruzou toda a casa.

XXXV

Fitei bem o seu rosto e o alabastrino braço.
— *Sua mão toda aneis e o braço resplendente*
seriam os que eu vira, em gestos d'ameáço?...

XXXVI

Como ao letal calor d'uma estúfa oprimente,
prenhe d'essencias mil, de venenosas galas,
na guéla sentí um pó sêco e mordente.

XXXVII

Mas a Sombra a carpir, com dramáticas falas,
com hystéricos ais, com chorósos suspiros,
uivante, percorria a penumbra das salas.

XXXVIII

Todo o alcaçar corria, em fantasticos giros,
reposteiros correndo, hierática, pausáda,
com o passo subtil e aéreo dos vampiros.

XXXIX

Trazia um candelabro em cada mão gelada
e, cada vez que via um poento retrato,
soltava roucos aís, qual de mulher violáda.

XL

Alçava o candelabro, em frenético rapto
d'odio oculto ou paixão, ao nivel da cabeça...
flamante como a flôr purpurina de um cáto.

XLI

— «Feiticeira! — gritei — de Satanaz posséssa!
«bem te tenho eu seguido em tua romaria...
«Dou-te um tiro, estupôr, se não fóges depressa!»

XLII

Mas a Sombra sem vêr, qual branca estatua fria,
passou rente de mim, hirta, silenciosa,
rígida, e o seu olhar parádo não me via.

XLIII

Quiz agarral-a então, com mão robusta e irosa,
mão plebea e brutal... Mas, qual mão de granito,
rojou-me a sua, ao chão, com sanha prodigiosa.

XLIV

Nunca vi força tal! — Raivoso d'este atríto,
quiz premil-a inda mais, mas regougou singéla:
— *Ai do padre maldito!... Ai do padre maldito!...*

XLV

Depois, rente de um muro e á beira da Capéla,
sumiu-a a espéssa, muda, enorme cantaria,
— sem mais um grito, um ai, rásto ou vestigio d'éla.

Do «Album das Glorias»

VATICINIOS MAUS

I

Descí, todo irritádo, a larga escadaría
do palacio, e enfreando o meu negro cavalo,
larguei-o a toda a rédea — em doida correría. —

II

Doida foi a carreira e doido foi o abalo
que de chófre senti, ao vêr, esbarrondada,
aluir-se a Razão. — Táes agonias cálo.

III

— Doida foi a carreira, extranha, esguedelhada!
— Doida a vertigem foi dos meus doidos sentidos!
— Doido o galópe, emfim, na floresta caláda!

IV

A'quella hora alta, os gamos aturdidos,
e os veádos com medo, alérta, do imprevisto,
fugiam destroçando os ramos sacudídos.

V

— Era um galópe infréne, excentrico, não visto,
— Um galópe atravez dos carvalhos vetustos,
— galópe de Satan, d'Attila, ou o Anti-Christo.

VI

Os broncos matagaes e os pinheiraes adústos
onde o luar chovía, os ramos clareando,
par'ciam batalhões de fantasmas augustos.

VII

Quando o vento da noite, as franças ramalhando,
e embebido de mil emanações agrestes,
da salutar resina os pulmões saturando,

VIII

acalmou mais um pouco as minhas dor's terrestes:
— puz o caválo a passo e afrouxando-lhe a brida,
os meus olhos alcei aos turbilhões celestes.

IX

O Céu tinha uma face humana enternecida,
d'esse suave azul, todo terno e alagádo
de lagrimas de prata... egual á minha vida!

X

Que lacteo e humano céu! — Todo o meu ser dobrado
sobre a amargura propria, á luz dos santos cirios,
repousava, a sorrir, qual de unguentos lavádo.

XI

Acalmaram-se mais os meus rôxos delirios.
Não mais encarvoiçou meu turvo pensamento
os prognósticos máos de futuros martyrios!...

XII

A mysteriosa mão, que aterrára um momento
a minha alma assolada... a mão ameaçadora
do espétro éra decerto um pezadello odiento!

XIII

Mas o que enxérgo além? — Visão perturbadôra! —
D'archotes aos clarões, de chófre, em minha frente
quatro espétros meu passo embárgam, a tal hora!...

XIV

Avançam para mim. Eis trávam, de repente,
das rédeas!... O terror fulmina-me e entardéce
a voz, que tenta ser colérica e insolente!

XV

— Como é que hei de contar o que assombra e emudéce?
— Como é que hei de narrar o que é o inarrável?
— Como é que hei de esquecer o que jámais me esquece?

XVI

Que direi, que direi, da visão formidavel?...
Os cabelos em pé... trágicos... quasi brancos,
toda a noite vaguei na florésta execrável.

XVII

Vinha arraiando a aurora. — As penhas e os barrancos,
como tingidos d'oiro e sangue de violetas,
sorriam, celestiaes, com vulcões nos seus flancos.

XVIII

— Já a noite enfeixára as suas negras sétas.
— Já a lua embainhára o seu alvo cutélo.
— Já o astro do pastor tinha o alvôr dos Ascétas.

XIX

Já o rócio orvalháva a flor, e o Sete-Estrelo
desmaiava ao poente... e a flor da romanzeira
abria o cólo airoso ao sol sanguineo e bélo.

XX

— E eu sempre a galopar em rábida carreira!...
— Eu sempre enfebrecido, o cabello suarento,
— ao vento esguedelhádo e ao estridor da ribeira!...

XXI

Não sei quanto durou o infindo assombramento!...
Sei que lapis em punho, a escrever febrilmente,
Theodóra me encontrou, sentado em rude assento.

XXII

Com os ilháes em sangue, a rinchar frouxamente,
meu cavalo morria, olhando-me, transído
do cançasso, a fadiga, ou da espóra inclemente.

XXIII

Theodora então me diz — com rir indefinido —
«— Por que assim madrugaes, mais matinal que as áves?..
«Tresnoitaes, ao luar, cavaleiro perdido?»

XXIV

«— Senhora, retorquí, com fríos modos graves:
«Vosso palacio tem mais fantasmas que as lendas,
«mais mortos que os caixões das católicas náves!...

XXV

«Descrente fui, — bem sei, — mas as scenas horrendas,
«que evocastes talvez, para meu uso e ensino,
«curvado aqui me tem ás vossas ráras prendas!...»

XXVI

«— Cavaleiro, tornou com seu rir cristalino,
«Não sei que me narraes? Que historias sobrehumanas
«são essas de pavôr?... Pavôr, n'um paladino?»

XXVII

— «Paladino não sou. — Mas as linguas insanas
— «que ousárem apoucar meu braço intemeráto,
— «bem caro amargarão as audácias ciganas!...

XXVIII

— «Não se póde lutar contra o *Ignóto* abstráto!
— «Braço viril não póde arcar com o *Mysterio!*
— «Só contra a *Campa* esgrime o farfante insensáto!...»

XXIX

— «O que heis escrito ahi? — volveu com modo sério —
«Sois poeta decerto: e alguns trechos divinos
«esboçastes talvez de um poema funéreo?...»

XXX

— «Nunca poeta fui. — Porém tracejo hynos,
«que às vezes mágoas, tédio, a doença, a tristúra
«inspiram — São como ais, como dóbres de sinos.

XXXI

«Por vezes, não téem rima. — A melopeia obscura
«arrásta-se, a gemer, monótona, dolente,
«qual fastienta chuva em azinhàga escura.

XXXII

«Parécem vagos sons de hystérico doente...
«Alguma cousa egual ao úivo da nortáda...
«no relvoso hervaçal d'um solar decadente.

XXXIII

«Vou lêl-os, mesmo assim, com a extranha toáda
«do seu rytmo talvez entristecido e vágo,
«qual agua a marulhar n'uma rocha escalváda...»

XXXIV

E lí, como um doente ólha as névoas d'um lágo:

OS ESPIRITOS

I

Hontem trepei á serra pardacenta.
Quiz meditar sósinho, ás horas tardas,
quando o luar clareia as hervas altas
do hervaçal inculto.
Frouxas as rédeas, cavalgava ao acaso...
Mas, quando entrava o matagal cerrádo,
quatro espiritos negros, quatro espétros
prenderam meu cavalo.

II

Não tinham rostos, ai, das sombras cáras!...
Nem tambem, nem tambem, de amigos mortos,
Com quem, outr'ora, nos festins da vida,
batido houvesse a taça!...
Alguns tinham archotes, outros látegos.
Terriveis cousas me disseram, baixo,
que lingua alguma exprime!

III

Meu cavalo rinchou pávido e trémulo...
Meus nervos se crispáram com angustia.
Mas o primeiro espirito, avançando,
travou da rédea e disse:
— *Pádre blasfémo! que enlameaste os ritos*
e a estóla nos bordeis, em teu destino
puz meu dedo de ferro!

IV

O segundo acercou-se e, por seu turno,
baixo me segredou: — *Padre execrando!*
sobre o teu craneo riscarei confusas
Babylonias de horror;
no almofariz de bronze, triturando-o,
noite e dia, encherei de mil soluços,
teu coração sem deuses!

V

O terceiro com voz mais lenta, disse:
— *Toma estas chaves que tu vês brilharem*
d'estes archótes aos clarões roxeádos,
que ensanguentam as hérvas.
São as chaves fataes dos nove abysmos,
dos nove infernos de abjecção e espanto,
onde tu rolarás, lavando as noites,
com prantos sem remédio!

VI

O quarto emfim fallou, em voz tão baixa,
que o meu ouvido perceber não poude...
Porém taes cousas átras e fatidicas,
ah! tão terriveis, disse,
que os tres outros espétros, commovidos,
torcendo as mãos no ar, em ais romperam,
e irremissiveis prantos côr de sangue,
múdos, múdos choráram...

XXXV

Quando acabei de lêr os versos derradeiros,
Theodora sombreára o seu rosto sublime;
e, scismando, exclamou: — «*Prenuncios agoureiros*

XXXVI

parécem ameaçar um fatídico crime!...»
«Sacerdote não sou! — bradei — Portanto o côro
dos espétros mentiu! — E no emtanto me oprime!»

XXXVII

— «Não vos assombre o caso! exclamou quasi em chôro.
«As visões, muita vez, tratam como presentes
«os factos anormaes e de um futuro agouro!

XXXVIII

«Conheço uma aldeã... porém das mais videntes,
«paralítica quasi, hystérica, expirando,
«que em seus delirios diz mil cousas surprehendentes!...

XXXIX

«Móra cerca d'aqui. — Os ramos baloiçando,
«d'aquella acácia, mal nos encóbrem o telheiro
«onde éla morre e entôa um certo canto infando.

XL

«Consultemol-a pois!» — Trilhando um máu carreiro,
ambos, ao róseo alvôr da aurora caminhando,
transposémos em breve o limiar do pardieiro.

XLI

N'um pobre catre limpo e mui branco, entoando
não sei que melopeia excentrica e arrastáda,
agonisava a anciã. — Vinha o sol arraiando.

XLII

«— Margarida! — bradou Theodóra, em voz cantada —
«Ouves? Olha p'ra mim!... Fita este cavalheiro!
«— Que dizes d'esta fronte enérgica e alteáda?...

XLIII

Fitou-me a velha, então. E o seu rosto trigueiro,
esqueletico, extranho, ossúdo, macilento,
enrugou-se e entoou, ás luzes d'um tocheiro,

XLIV

este embróglio anormal com um bizarro accento:

O VATICINIO ENIGMATICO

I

Quem manda ao ser fallivel, sem critério,
pôr mão audaz nas áras do Mysterio?...
Insensato! — Na auróra arroxeáda
fáça estrugir clarins para a caçada.
Nas sombras do crepusc'lo, entre as ramágens,
não queira vêr chiméricas imagens!...

II

Lá vão, lá vão, nas balsas e arvoredos,
de mãos dadas, ciciando mil segredos,
mui baixinho, dizendo as coisas ternas
coisas liriaes... mimosas... sempiternas,
emquanto que o Cypreste — ao fim do dia —
abana aziagamente a rama fria.

III

Entre os cirios do templo, luzes, flores,
a gloria o aclamará, cheio de dôres.
Eis lhe vejo, porém, na face aflita,
a lagrima rolar lenta e maldita.
E ai, de rastos, no pó da sepultura,
vivo, ia ser enterrado... Sorte escura!

IV

Cáem as sombras tôrvas na Capéla. —
Rebúscam o palacio... Onde está *Ela?*
Correm luzes d'archotes na floresta,
riscando a noite dos brandões funesta.
Lá, nas sagradas lagens reclinada,
no sangue a vejo, sim!... Mas onde a Espada?

V

No iniquo tribunal, á luz das vélas,
dos juizes as faces amarélas
se alongam, contra o pálido inocente.
Mas eis que a Campa — ó facto surprehendente! —
range... fende-se... estála a pedra dura.
— E a *Visão* surge, archi-tremenda e pura!

XLV

Assim ella mugiu, com voz plangente e rara,
como um sálmo d'egreja, espacejado e grave.
— Depois tombou p'ra traz e sorriu. — Expirára.

O SACRILÉGIO

Quem manda ao ser falivel, sem criterio,
pôr mão audaz nas aras do Mysterio ?...

I

Alucinádo entrei, agitado, aprehensivo,
— dando o braço a Theodóra, em meio dos carreiros,
— cheios d'hervagens vís, n'esse alcaçár altivo.

II

— Dias negros porém trázem dias fouveiros!...
O medonho *Ananké,* a atroz *Fatalidade,*
chove ás vezes bom sol nos ranchos dos tropeiros!

III

O Triste, tambem tem dias de alacridáde!...
e o *Desdichádo* vil, em todos os paizes,
— supõe que Deus, no Sol, lhe sorrí com bondade!

IV

Leitor, só te direi: — que em meio dos matizes
da violeta, o jasmim, do frescôr das giéstas,
com Theodóra vagei em paizágens felizes!...

V

Dias gratos fruí, tardes brandas de séstas!...
E ouvi o ideal rumor das aguas deleitaveis,
sem medo aos lutos máus, nem ás sinas funestas.

VI

Expuz-lhe o meu amor em phrases inefáveis,
com a viva explosão d'um peito ingénuo e franco,
e humilde, ante o esplendor d'uns olhos admiraveis.

NA MASMORRA

ENTÃO, MEU MENINO, AINDA AHI ASSIM TENS ODIO ?

VII

E a minha alma seguia-a, ás vezes, n'um barranco,
afastando os tojaes... os cardos... as ortigas...
— como uma folha sêca atraz de um setim branco!

VIII

Ella tinha pr'a mim palavras bem amigas.
— Mas havia um mysterio em sua sina, um *vóto*
um *vóto*... um negro *vóto* a tradições antigas!

IX

Qual elle é, não direi! — Esse mystério ignóto
sómente o revelou n'uma noite tremenda,
— noite que foi pr'a mim como que um terramóto!

X

Tremia a sua mão na minha, pela senda
em que a romã se unia á esbelteza do lyrio,
violetas tinha o Sol e palacios de renda...

XI

Só vós... vós os que amais com fervor e delirio,
podereis bem sentir, das aves á harmonia,
quanto é duro calar da paixão o martirio!...

XII

— Conspira contra nós a voz da cotovía.
— Conspiram, contra nós, as conceições das flores,
borboletas voando... os sons da correntía!...

XIII

O aparáto teatral do Sol, cheio de dôres,
como atléta morrendo, em tintas d'aguaréla,
causa terna emoção, sempre, em tristes amôres!...

XIV

Um dia — *bem me lembra*, — á lúgubre Capéla
Theodóra conduziu-me, as mãos entrelaçadas,
e ajoelhou com fervor ante uma Virgem béla.

XV

Virgem de marmor' negro e feições bronzeadas,
toda trajando luto, extranha, gigantesca...
— No negro coração cravádas sete espadas!

XVI

Par'cia um pezadelo, uma visão dantesca,
quasi egual, quasi egual ao misterioso lúto
de Theodóra, a meu lado, esbélta, principesca!

XVII

Necessário é dizer — pois que urgente o repúto —
que Theodóra me havia ha tempo iniciádo
no *Ocultismo,* mau grado o crêr-me irresolúto.

XVIII

Porém eu estava ainda assás leigo e atrazádo.
— Urgente é fixar este incidente horrivel,
que pr'a sempre me fez infausto e desgraçado!...

XIX

Apontou-me depois, n'um gésto intraduzivel,
o tumulo da Mãe, bem cerca d'esse altar,
e bradou-me: — Vou vêr se este amor é possivel!

XX

Caíu de rojo, então, na campa, a prantear,
e disse-me: — «Attenção! Vou evocar *Aquela,*
que d'um voto que fiz me póde desligar!

XXI

«Nada receies Leandro!...» E apóz, mystica e béla,
rolou-se em convulsões, n'uma extranha agonia,
que a voz não póde dar, nem frouxa sombra d'ela!... (1)

---

(1) Todos os *médiuns*, ao evocar um espirito, cáem em convulsões epilépticas. Conhéce-se hoje que as Pythonisas de Apollo éram *médiuns* e de ordinario os oráculos éram inspirados pelos Espiritos. Veja-se, no fim, a *Nota.*

G. L.

XXII

Par'cia a Pythonisa, em tripode sombria,
convulsionada, olhando a Virgem côr de luto,
— ou a Bruxa d'Endor, em campa raza e fria.

XXIII

Mal posso descrever, hoje, de rosto enxúto,
o que então occorreu!... Minha atroz singeleza
valeu-me o estigma vil do monstro mais corrûto!...

XXIV

Cheio d'ancia, pavor, ou de panico preza,
— ao fitar de Theodóra as feições decompostas —
só ao impulso cedí, tomádo de surpreza.

XXV

Prostrando-me a seus pés, de rastos, de mãos postas,
gritei-lhe: Acórda!... E empuxando-a da lagem,
fil-a no chão cair, as vestes descompostas.

XXVI

Que transe tão fatal! — Theodóra, amedrontada,
sacudida de golpe, assim, abruptamente,
despérta, toda em ais, aos gritos, dementáda.

XXVII

Eis, n'isto os Láras véem. — Eis n'isto, de repente,
acorrem serviçaes, cavalariços, toda
a famulágem víl rugindo bestialmente...

XXVIII

Tudo isto me apostrófa e invetiva, de róda.
Tudo insultos me cospe. — E qual, n'um sortilegio,
ví toda uma hórda vil que me ultraja e me enlóda.

XXIX

E o Lára mais soez — tomando um ar egrégio,
e, dando ao vêsgo olhar uma expressão austéra,
bradou-me: — Sáe d'aqui, monstro do *sacrilégio!*

XXX

— Sáe d'aqui! o outro disse: — Homem d'alma de féra!
— Sáe d'aqui! regougou a escória da gentálha.
— Sáe d'aquí! ajuntou Theodóra, em voz sevéra.

XXXI

E á injuria, aos empuxões, toda a vil escumálha,
me levou de roldão, p'ra fóra do alcaçar,
— como um ladrão chué que a ralé enxováilha!

XXXII

Só então me lembrou o prenuncio d'azar,
que a histérica anciã gemeu, com ar funéreo,
— em termos guturaes... lentos... de arrepiar:

Quem manda ao ser falivel, sem critério,
— disse éla, tibiamente e devagar,
pôr mão audaz nas áras do Mysterio?
.....

XXXIII

— Montei no meu caválo, atónito, a bolsar
protestos, objecções, ultrajes, mil suspiros,
mil cousas passionaes — a rugir e a chorar.

XXXIV

Uma dança macábra, em meu cérebro, aos giros,
turbilhonava, a rir, como um máu sortilégio,
cheio de lárvas vís, d'espétros, de vampíros.

XXXV

— E ao vulto de Theodóra, imagem de Corrégio,
— ajuntávam-se mil rugídos, vozes, brádos
— d'aguas, ramos, caudaes, gritando: — *Sacrilégio!*

XXXVI

— Meu cavalo voava em êrmos descampados...
— Debuxava o luar, no sólo, o florilégio
— de ramos, de hervaçaes, negros, entrelaçados.

XXXVII

— E aos latidos dos cães, como em sácro colégio,
— ou n'um claustro o côro, entoando ladainhas,
— ramos, águas, caudaes, gritavam: — *Sacrilégio!*

XXXVIII

— Este século tem crenças já bem mesquinhas!
— No emtanto o caso atroz tivéra o privilégio
— de acordar-me illusões, mortas como andorinhas.

XXXIX

— E a religião em mim tomou tal vulto egrégio,
— que ao fragor e ao tropel do meu negro caválo,
— tudo, tudo em redor, uiváva: — *Sacrilégio!*

O SERMÃO DE LAGRIMAS

Entre os cirios do Templo, luzes, flores,
a gloria o aclamará .. cheio de dôres !

I

— Violento, nervoso, irritável, votádo
— de ordinario á Leitura, á Sciencia, á Quiméra,
— entrei em casa, hostil, doente, esbarrondádo.

II

Quebrei tudo que achei ás mãos, e desfizéra
algum dos Láras vis — no meu furor plebeu, —
e escaqueirára o Sol e aniquilára a Esféra!

III

— Foi, desde então, leitor, que o meu mal procedeu!...
— Foi d'então, ai de mim! que os torpes salafrários
— dos Láras, sobre mim lançáram seu labéu!

IV

Ha muito — por cubiça — os glutões e frascarios,
violador's de aldeãs, alcóolicos, volteiros,
opúnham a este amor mil empecilhos vários!...

V

Mas, d'então para cá, seus manejos arteiros
leváram-os a mil infamias inarraveis...
— Mil cousas dignas só de chatins e tasqueiros!

VI

Leitor, não desço aqui a intrigas miseraveis.
— Por testemunha invóco, a ti Deus da Verdade!
— Só direi, só direi, as mais abomináveis!...

VII

Escreveram a toda a aldeóla ou cidade,
mais visinhas — narrando ás familias honestas —
calúnias dignas só da sua atrocidade!

VIII

Cem cartas escrevi a Theodóra, modestas
e humildes, implorando o seu bom senso récto
sobre intenções leaes — que ella creu *deshonestas*.

IX

Jámais me respondeu. — Todavia este aféto
protestando inocencia, agitaria um peito
mais alto do que o Céu ou o ente mais abjéto!...

X

O mysticismo então, o quebranto, o irrespeito
por um mundo impostor, caínho, máu, corrúto,
leváram-me a Jesus — plácido, são, perfeito.

XI

Tomei ordens. — Depois, presbytero de lúto
por um infausto amor, sem pátria, vagabundo,
quiz vêr Jerusalem, o *Mar Morto*, e o seu *frúto*. (1)

XII

Sentei-me em Chorasin, onde o lyrio jocundo
cresce, e ví de Saron as rosas deleitaveis...
e o val de Josaphát, que aterra e assombra o mundo!

XIII

Bebí de Siloé as aguas confortáveis...
e mais as de Bethlem, nas quaes o rei David,
do desterro chorou as lástimas notáveis!

---

(1) Estes frútos contéem cinzas interiores. São os frútos de Tentápoles, as cinco cidades malditas : *Sodôma, Gomôrra, Adama, Sebôim, Sègôr.*

XIV

Sentei-me no Calvário e no Gethsmani,
e ao mystico luar do hôrto das Oliveiras,
suei sangue tambem... pensei Theodóra em ti!

XV

Cruzei da Galilea as águas prazenteiras,
vaguiei pelas azues bahias deliciosas...
que Magdalena olhou, noites, tardes inteiras!

XVI

Quantas vezes do Christo as expansões piedosas
ella sorveu, bebeu, extática, chorando,
como rôla carpindo á um pôr de sol de rosas!...

XVII

Que vezes o envolveu no seu cabelo, arfando
d'emoção, de pudôr, d'esse enternecimento
que é gloria da mulher de um peito casto e brando!...

XVIII

Não é só — Palestina! — o túmulo cruento
do teu triste Jesus, hoje da raça moira,
que poetisa o teu céu magoádo e sanguento!...

XIX

Não é só — *Jerusalem!* — o teu Christo que doira
tua historia. E' tambem a alma de Magdalena,
seu amor sobrehumano e a sua trança loira!...

XX

.....
.....
.....

XXI

Quando á Europa voltei, minha trágica pena
não minorára, não! — Distrahi-me prégando,
nas velhas catedraes, desde o Oriente ao Sena.

XXII

Mas, de regresso à patria, a Fama, exagerando,
proclamou-me orador de tal facundia e plana,
— que eu pasmáva de vêr a turba acreditando!

XXIII

Festejava-se então a Sagrada Semana.
Sevilha quiz ouvir-me. — Em sácra Sexta Feira
a minha voz alcei na Catedral Romana.

XXIV

O templo estava cheio. A turba forasteira
decérto éra maior que a da cidade própria,
e, entre ella, vi Theodóra! — Encarou-me altaneira.

XXV

Que terror não senti! — Toda a eloquente cópia
de gritos, maldições, de invétivas, de afétos,
de tudo isto senti... o vácuo, a ausencia, a inópia.

XXVI

Por fim, cobrei alento. — E após dois traços réctos
da paixão de Jesus, abordei a thése alta
da *Inocencia infeliz* — julgáda por abjétos.

XXVII

E concluí assim: «— Grandes da cruz de Malta!
«Arcebispos! Cardeaes! Principes! Confessores!
«vosso Rei ali está — *de dois ladrões na malta.*

XXVIII

«— Tão duramente o Tempo arráza os Julgadores!
«— Tão plácida a Verdade escarnéce os Juizes!
«— Tão loiramente o Sol os prégos torna em flores!

XXIX

«Aquele que perdoáva ás syrias meretrizes,
«Aquele que sorria aos vís Samaritanos,
«Aquele que afrontava os ventres dos felizes...

XXX

«Aquele que acalmou todos os ais humanos,
«Aquele que laváva os pés aos bateleiros,
«Aquele que éra múdo aos bofetões romanos...

XXXI

«Aquele que na ceifa éra o irmão dos ceifeiros,
«Aquele que amimáva os pés dos pequeninos,
«Aquele que o Karioth deu por trinta dinheiros...

XXXII

— «Esse contádo foi no meio de assassinos!
— «Esse contádo foi entre os salteadores!
— «Antípas chama-o zóte e rei dos malandrínos!

XXXIII

«Que exemplo para vós, Fariseos julgadores!
«que passais fartos, vãos, pomposos, emplumados,
«— em quanto o Réu espréme a esponja vil das dôres!...

XXXIV

— «Não julgueis, não julgueis, para não ser julgádos!
«Que vezes, a Justiça humana, feita lobo,
«não máta a tenra ovelha, e é surda aos justos brádos!

XXXV

— «*Este* que não roubou, está entre homens de roubo!
— «*Este* que não matou, está entre os da Violencia!
— «*Este* que nunca riu, passou por zóte e bôbo!

XXXVI

«Não ha nada mais crú, que mais dòa á consciencia
«do homem récto e bom, que saber que oprimiu,
«sem causa... a desgrenhada e chorosa Innocencia!...

XXXVII

«Quantos, sem ter razão, a Justiça puniu!...
«Quantos não téem jazido em sórdida enxovia,
«sem sol, sem mãe, sem lar... e a quem Deus não sorriu!

XXXVIII

«Quantos inda hoje irão, ó meus irmãos, na fria
«onda de um mar revolto, ás sórdidas galés,
«que a Justiça infamou... e Deus absolveria!

XXXIX

«Quantos não téem ouvido os ultrages chués,
«como aquelles crueis, que o grande Cristo ouviu...
«e — aos quaes os Anjos, hoje estão de rôjo aos pés!...

XL

«Um *Triste* conheço eu que a calúnia poluiu,
«a quem seu proprio amor ha expulso e enlaivádo...
«— a quem tudo ultrajou, renegou, e cuspiu!

XLI

Orai, ó meus irmãos, por esse *Infortunádo!*
por esse homem que cala a secréta amargura,
— a injustiça do mundo e o haver muito *amádo!*

XLII

Aqui, eu perturbeí-me... e da voz a tremúra
é um pranto que molhou minha humilde batina,
— a todos patenteou uma desgraça obscura...

XLIII

Todos lêram, em mim, minha amargosa sina...
E o esforço vão que fiz, contra a dôr e o quebranto,
fez rebentar, na igreja, a aflição feminina.

XLIV

Toda a egreja, contida até então no santo
silencio sepulcral, ainda que opresssivo,
explodiu sua dôr... em ais, em grita, em pranto.

XLV

Mas succedeu então — facto bem sugestivo! —
que a minha occulta mágua ha tanto represáda,
deu largas á expansão... e eu chorei convulsivo.

XLVI

Quando de novo alcei a voz amargurada,
proseguí: — «Meus irmãos, *eu creio no Ocultismo*,
«— e o Christo no Thabor é a prova sublimáda!

XLVII

«Creio que é facultativo hoje evocar do abismo
«do Numero, do Tempo, as Fórmas, ou do Espaço,
«aquelles que hão sofrido um grande cataclismo!

XLVIII

«E o que evocar, verá, — com terror e cançasso —
«que é mais facil contar os astros e as areias,
«— *que contar os que téem, sem causa, ido ao baráço!*

XLIX

«— Chorai portanto, irmãos, as lástimas hebreas!
«— Chorai por essa Mãe angustiosa e sublime!
«— Chorai por *Essa* a quem o Amor doira as cadeias!

L

«Mas lastimai tambem aquelles que, sem crime,
«jázem no fundo vil das masmorras soturnas,
«sem sol, sem lar, sem Deus... e que a Justiça oprime!

LI

«Orai por todo a quem, como ás aves nóturnas,
«vibram ultráges míl, calúnias, falsidades,
«— e mórrem, ao desdém, como os lobos nas furnas!

LII

«Orai por esses que, nas prisões das cidades,
«sem crime, sem rasão, sem mães, e sem amádas...
«— vértem um pranto múdo, entre os ferros das grádes!

LIII

«Orai por essas mil almas crucificádas!
«e por esse tambem *Infortunado triste*,
«de que eu falei... que cúrte angustias não sonhádas!»

LIV

De novo enternecí-me. A' dôr não se resiste.
Uma enorme explosão de prantos, de gemidos,
pela egreja reboou. Tudo aclamáva o Antiste.

LV

Olhei para Theodóra, inda de olhar nubládo.
— Só *Ela, Ela só*, causa só dos meus prantos,
causa só dos meus ais... havia-se ausentádo !

LVI

Com olhar ráso d'agua e investigando os cantos
da cathedral saí, pausáda, lentamente,
prostrando-me ante a Cruz e ante os Symbolos Santos.

LVII

No outro dia, na Egreja, ovação estridente
aclamou me ao entrar. O templo éra um conjunto
de luzes, flor's, canções. — Theodóra estava ausente.

LVIII

Aleluia! Aleluia! éra o geral assumpto. —
Resurgira o Senhor!... Mas, n'essa noite, em casa,
— eu entrei, triste, aos ais, frio como um defunto.

A BATINA RASGADA

Eu lhe vejo, porém, na face aflita,
a lagrima rolar lenta e maldita...

I

— Hip! Hip! Hurrah! Hurrah! — saudemos o deus Pan!
— Hip! Hip! Hurrah! Hurrah! — gritemos Evohé!
— Hip! Hip! Hurrah! Hurrah! — Evohé! Bacho! Péan!

II

Hip! Hip! Hurrah! Hurrah! — ao nosso Avô Noé!
Hip! Hip! Hurrah! Hurrah! — ao grande Anacreonte!
Hip! Hip! Hurrah! Hurrah! — matemos o Ananké!

III

Hip! Hip! Hurrah! Hurrah! — aos pampanos do monte!
Hip! Hip! Hurrah! Hurrah! — ás noites da Gandaia!
Hip! Hip! Hurrah! Hurrah! — enfórque-se o Charonte!

IV

Hip! Hip! Hurrah! Hurrah! — á Vénus, mas sem saia!
Hip! Hip! Hurrah! Hurrah! — ao Champagne Clicquot!
Hip! Hip! Hurrah! Hurrah! — ao Tonel sob a olaia!

V

Hip! Hip! Hurrah! Hurrah! — ao frascário Marlow!
Hip! Hip! Hurrah! Hurrah! — ao bispo S. Martinho!
Hip! Hip! Hurrah! Hurrah! — aos espétros do Pöe!

VI

Hip! Hip! Hurrah! Hurrah! — á eloquencia do Vinho!
Hip! Hip! Hurrah! Hurrah! — ás canções do Calullo!
Hip! Hip! Hurrah! Hurrah! — ás Venus do caminho!

Desenho de Leal da Camara

VII

Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! — ao lascivo Tibullo !
Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! — ás ceias sem manhã !
Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! — á pança de Lucullo !

VIII

Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! — saudemos o deus Pan !
Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! — gritemos Evohé !
Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! — Evohé ! Bacho ! Péan !

IX

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

X

Tal éra o canto atroz, orgiaco, chué,
— hyno do Desespero aliado á Folía —
em que a descrença rí e a orgía bate o pé.

XI

Tal éra o ditirambo extranho feito á Orgía,
— hyno que eu composéra, a rir, rangendo os dentes —
na alma tréva e horror, na boca espuma fria !

XII

Antes porém da hora em que os ébrios dementes
rólam sob a toálha, estúpidos, oleósos,
bestiaes, a ladrar cantos máus, repelentes, —

XIII

quebrei um copo e disse : — Infames crapulosos ! . . .
dáe tregoas, por um pouco, ao riso debochádo,
e ouví o que amanhã fará palrar ociosos !

XIV

— Sabei, doidos ! sabei que eu fui excomungádo !
— Sou um *precito* pois ! — Arrédem-se de mim !
— Não me apértem a mão ! Sou como o cão gafádo !

XV

Da Andaluzia o Bispo, o obéso Serafim,
que tem no seu passal umas cem *bispas* loiras,
umas todas burel, outras todas setim...

XVI

esse bispo glutão, que ama turcas è moiras,
umas que andam na ceifa, outras que andam na serra,
umas moendo o grão, outras amassadoiras,

XVII

esse bispo aldravaz quiz provocar-me á guerra,
e o melcatréfe bráda ao Orbe e á Cristandade
— que sou um hereje vil... precito sobre a terra!

XVIII

— Excomungou-me pois com pompa e magestade.
E porquê, e ~~por~~quê? — Por, do pulpito augusto,
o *Ocultismo prégar*. — Que heresia e impiedade!

XIX

— Meus amigos! achaes que o sacro bóde é justo?...
— Achaes que hei de espapar a fronte achincalháda,
— sob a tamanca hostil d'esse vilão robusto?

XX

— Nunca! Vou arrojar-lhe a batina rasgada
á face episcopal. — Na fácha do birbante
o éco hade estoirar da heréje bofetáda!

XXI

Dizendo isto — a espumar — colérico, vibrante,
com largo gésto, entono, o olhar que fulmína,
vendo o seio ás mulher's anciar palpitante...

XXII

— de pé, rasgando o assombro e a emoção repentina,
— sobre cristaes no pó, camélias desfolhadas,
— erécto, esfrangalhei, d'alto a baixo, a batina.

XXIII

Toda a sala palmeou com ruidósas palmadas
a minha decisão intrépida, e a manhã,
que além rompia já, ouviu entre risadas:

XXIV

Hip! Hip! Hurrah! Hurrah! — saudemos o deos Pan!
Hip! Hip! Hurrah! Hurrah! — gritemos Evohé!
Hip! Hip! Hurrah! Hurrah! — Evohé! Bacho! Péan!

XXV

Puz termo á grita e disse: — Senhor's, á boa fé!
que estaes ébrios, não eu! — Ouví a cárta agora
que eu mando ao soez Bispo, ao poltranaz chué.

XXVI

E li: « — Bispo prímaz da Andaluzia! E' a hora
«de comtigo ajustar as contas e prudente
«é que oiças o que eu digo... embóra heréje, embóra!

XXVII

« — Quem te autorisa a ti, a excomungar-me insciente!
«quando todo o teu Velho e Novo Testamento
«estribam no *Ocultismo* o prestigio e o ascendente?

XXVIII

« — Condénas o *Ocultismo:* e no entanto o portento
«dos prestigios bibliaes e os novos Evangelhos
«tem João, Jonas, Josué, Balaão e o seu jumento.

XXIX

«A ambos — Balaão e burro — um anjo deu conselhos.
«Outro a Abrahão surgiu, quando, ao imolar Isác,
«viu um cabrito em sarça enredando os chavelhos.

XXX

«E, quando Matheus narra a angustia de Ramá,
«eis que outro anjo surge, e ordena ao páe do Christo
«que deixe a Galilea e as serras da Judá.

XXXI

«— Dize pois, ó Primaz! como é que chamas isto?...
«Acaso ignóras tú a história do Messias,
«a visão do Thabôr e outras que não registo?

XXXII

«—Acaso ignóras tu o anjo de Tobias:
«—Samuel, resurgindo á voz da Pytonisa:
«— as visões de Daniel, de João, de Isaïas?

XXXIII

«Dirás — decerto o sei — com devoção postiça,
«que éram réctos varões... e que taes maravilhas,
«sücédem só a quem jejúa ou que ouve missa.

XXXIV

«Mas eu te provarei que em lógica não brilhas:
«—pois Abrahão traficou com sua esposa Sára,
«— e Loth desflorou as suas proprias filhas.

XXXV

«A fina idealidade — *a flor ideal e rara!* —
«não cresce em craneos vis, — Portanto joias, flor's,
«do Ideal não estrágo em tua crusta ignára.

XXXVI

«Só te digo ó Primaz! escória d'impostores,
«que o teu zelo é postiço... e a essa face avinhada
«arrojo esta batina e escarro em teus furores.

XXXVII

«— Vae pois, — rôta batina, humilde, e esfrangalhada,
«bradar ao máu Pastor... que andaste amigamente,
«pela chóça do humilde e a viúva mal trajáda!...

XXXVIII

«— Diz-lhe que nunca entraste em bordel repelente,
«— senão para dar pão á tisica e á entrevada,
«— pois tens um só amôr e um culto unicamente!

XXXIX

«— Diz-lhe que nunca entraste em alfurja enlaivada
«d'um claustro, a seduzir a humilde penitente,
«e de monja a tornáste em combórça sagrada!...

XL

«— Váe! diz-lhe que viste a rôtasinha gente
«beijar-te muita vez a ouréla nos caminhos,
«como outr'ora a Jesus... nas paisagens do Oriente...

XLI

«— Vae, dize-lhe inda mais, que andáste entre os espinhos,
«sem sandália, ou bordão, no pó das azinhágas,
«como Paulo e João... trajando frescos linhos...

XLII

«— Vae, diz-lhe que te amei! — E em hóras aziágas
«minha rôta batina! éras tu meu consôlo,
«nos desertos d'areia, ou nos êrmos das vagas!...

XLIII

«— Quanta vez! quanta vez! no esbrazeádo sólo
«da Syria, sem riacho ou frescor de palmeira,
«rugindo do tufão d'areia o ardente rôlo,

XLIV

«triste, cuidando vêr minha hora derradeira,
«lembrando me do verbo evangélico e humano,
«— só tu me consoláste! ó fiel companheira!...

XLV

«Eras pobre, bem sei!... Mas o vil Publicano,
«o Orphão, a Viúva, a aldeã de loiras tranças,
«curvávam-se ante ti... beijávam o teu pano!...

XLVI

«— Beijavam-te tambem as tenrinhas creanças!...
«— Não ladrávam os cães das herdades visinhas...
«— Lambiam-te, ao passar, como ovelhinhas mansas. .

XLVII

E até nas cathedraes, ao poente, tristinhas,
no esplendor dos vitraes, ou nos nichos musgosos,
olhávam-te a sorrir os Mágos e as Rainhas!...

XLVIII

Os côxos, os truões, os cégos, os rixósos,
conheciam-te ao longe... e pediam-te esmóla,
humildes como cães, com olhos lastimosos!

XLIX

Creanças, ao sair saltitantes da escóla,
não troçavam de ti!... Em róda, coitadinhas,
—beijavam minha mão, sem páu e sem sacóla!...

L

E, como que imitando as rôtas criancinhas,
apesar de ser'es negra, adejavam as pombas
ao teu pé... e tambem, tambem as andorinhas!...

LI

— Não púde concluir... Ouve ó mundo que zombas!
que um pranto me caiu, como ao homem d'espada,
que calca o rosto ao irmão morto nas hecatombas!...

LII

Ao meu servo entreguei a batina rasgada,
minha rôta batina!... e, a ocultas enxuguei
a lagrima do adeus á *companheira amada!*»

LIII

Cávo silencio fez-se, em róda. Baqueei,
rasgádo de emoção, de chófre, n'um divan.
— A orgia cascalhou, sem tom, nem som, nem lei:

LIV

Hip! Hip! Hurrah! Hurrah! — saudemos o deos Pan!
Hih! Hip! Hurrah! Hurrah! — gritemos Evohé!
Hip! Hip! Hurrah! Hurrah! — Evohé! Bacho! Péan!

Do «*Antonio Maria*», de 29-12-1881

O DIADEMA DE PAPELÃO DOIRADO

Nas sombras do crepusc'lo, entre as ramágens,
não queiras vêr quimèricas imagens !..

. ...

I

— Apóstata! Blasphémo! Histrião! Renegádo!
— Sacerdóte maldito! Heréje! Atheu! Farçante!...
— taes eram os bordões de um panfleto sagrado.

II

— Ah! todo o vil beatério, e a escumálha intrigante
da tonsúra e roupeta, erguêram altos gritos
a respeito da carta ao episcopal birbante.

III

Mas os Láras — então — esses burlões proscritos
da sociedade sã, ou de honrádo quiláte,
redobraram sem pejo os seus pasquins malditos.

IV

Espalháram que eu éra o D. *Juan* bonifrate:
— o lobo que envergára a lã da branca ovelha,
— a fim de ás seducções pôr a cr'ôa e o remáte.

V

Narráram que se ouviu, por alta noite velha,
entre canções de orgia e femeas deboxádas...
eu renegar Jesus, quebrando uma botelha.

VI

Mas não narráram, não! — as máguas desgrenhádas
o almofariz de ferro... a bigorna... o martelo...
que trilháram d'esta alma as fibras mais caládas!

VII

Não narráram que o atroz Desespero amarelo
me arrastára á Revolta e ás canções á *Matéria*,
em repto á excomunhão, e ao seu feroz cutélo!

VIII

Não narráram que tal fôra a minha miséria,
que tendo só colhido espinhos, fébres, dôres,
peór que o ceifador que aguarda a hora da féria...

IX

eu rolára na orgia, entre crestádas flores,
renegando dos céus, enlaivando os meus louros,
— sem pae, sem mãe, sem Deus, sem beijos, sem amores!...

X

— A galópe, portanto, ó meu cavalo! Mouros
são estes christãos vis, que escouceiam o Christo!
— A galópe! a galópe! Atraz prantos e chôros!

XI

— A galópe! a galópe! A'vante! Longe d'isto!
— A galópe! a galópe! Atraz estes outeiros!
— A galópe! a galópe! Ao Ideal! Ao Imprevisto!

XII

— A galópe! a galópe! Atraz estes lameiros!
— Atráz os vís calháus d'este inferno execrável!
— Atráz os Láras vís, atráz os seus rafeiros!

XIII

— A galópe! a galópe! Ao Imprevisto inefável!
— A galópe! a galópe! Aos limites do Espaço!
— A galópe! a galópe! Ao Imprevisto! Ao Improvável!

XIV

Assim clamáva eu, com forte e rijo braço,
domando o meu caválo, e com calção violento
fasendo recurvar os seus jarrêtes d'aço.

XV

Assim clamava eu, calcando o Desalento,
e galopando, eu sei!... para esse atroz destino,
que, ai de mim! badaláva, além, com dóbre lento.

XVI

De tempos imemoriaes, — inda môço e menino —
frequentára o teátro: e p'ra mim os tabládos
tinham um raro encanto e um feitiço azulino.

XVII

Como chegasse ao pé de uns álamos copádos,
atrazei-me a escutar — ás sombras do sol posto —
manso rumor d'uma água em seixinhos prateádos...

XVIII

Soprava a arágem meiga e tépida de Agosto
um canto tão subtil, ás horas das Trindades...
que alí o luto e o horror se tornávam em gôsto.

XIX

Apeei-me e sentei-me, a distrair saudades,
e a idea do teátro e de ruidosas palmas,
de ovações, ai de mim!... me infláram de vaidades.

XX

Nos limpidos cristaes das fontainhas calmas,
e atravez o rumor macío das folhagens...
vi um vulto gracíl, que enfeitiçava as almas.

XXI

Os braços estendeu-me e sorriu... As miragens
que eu tinha dentro d'alma, éla doirou de sorte
que lhes deu céus azues, quaes vitraes com paisagens.

XXII

Levantei-me d'alí, decidido. — Era um forte.
Fôra padre, bem sei!... mas a humilde roupeta
rasgára-a, em vil *orgia*, a blasfemar da sorte!

XXIII

Que escandaloso horror, que indignação inépta
rebentariam n'alma odienta dos beatos!...
— Que importa, era uma audacia. Era vingança récta.

XXIV

Levantei-me de golpe. Era este um dos meus raptos
de energia e de ação, por ódio á ciganagem
dos Láras, dos chatins, mais dos padres ingratos!

XXV

Só tarde, ai! me lembrou: — que, ao *sol pôr, nas ramagens* —
a histérica anciã me avisára, morrendo,
não pretendesse eu vêr *quiméricas imagens!*...

XXVI

Ergui-me pois, de chófre, intrépido, correndo,
ao meu negro cavalo, atagantei-lhe as ancas,
— e esporeei-o até o sangue vêr correndo.

XXVII

Mas que escandalo foi!... quando eu, de plumas brancas,
pela primeira vez, entrei, de fronte altiva —
— e fiz *o Rei Fingal*, ante as santas carrancas!

XXVIII

Nunca houve scena assim, ruidosa, extranha viva!
— Mil palmas e ovações estrondeáram na sala,
no ultimo acto, emfim, quando, é livre a *Cativa*.

XXIX

As damas mais gracís, com seus trájos de gala,
com rendas de Kachmir, sardónias de Cabúl,
— soluçavam, dando ais que só a angustia exála.

XXX

As tricas clericaes goráram: e eu no azul
nadava do triunfo e a gloria conquistada
contra o odio, a intrigálha, e o beatério taful.

XXXI

Todas as noites sempre éra a sála atulháda
pela turba, almejando ouvir o comediante,
que fôra um prégador d'alta fama e nomeáda.

XXXII

A minha excomunhão, a resposta ultrajante
que eu déra ao bispo audaz, o sermão que prégára
em Sexta-Feira Santa, — éram o assunto constante.

XXXIII

E além d'isto, esse amor que em segredo calára
do mundo... esse doêr de saudosos martyrios.
— dávam-me ao rosto magro uma tristeza rára.

XXXIV

Que travôr, que paixão, que sarcasmo, delirios,
eu dava á voz do Hamleto, ao vêr no cemitério
— Ophélia, em seu caixão, passar á luz dos cirios!...

XXXV

Que tenebroso olhar, que terror, que mysterio,
dava ao rei Macbeth, a martelar caixões,
— por causa d'esse amor à *lady* d'ar funéreo!...

XXXVI

Como eu dava ao rei Lear extranhas convulsões,
na sua insania atroz, chorando ingratos filhos...
no bosque, à ventaneira, aos raios, aos trovões!

XXXVII

Como eu dáva ao Othello os tenebrosos trilhos
do ciume insensáto e o remorso selvagem,
por Desdémona ideal, mórta, côr dos junquilhos!...

XXXVIII

Como eu dava ao Antony a musical linguágem
da paixão infeliz... mesmo até quando arranca
a espada contra a amante, esbelta como um págem!...

XXXIX

Como eu interpretáva a paixão nobre e franca
do Fausto, a contemplar morrendo Margarida...
— essa carne gentil, macia, loira e branca!

XL

Mas tudo isto eu sentia!... O ódio, o sangue, a vida,
a paixão, o furor, o desespero, a esp'rança,
o ruir, o desabar d'uma alma incomprehendida...

XLI

Tudo isto tinha voz, tudo isto éra *vingança!*
tudo isto éra o meu sangue, em caxões, revoltádo,
— vinha mais da minha alma inda que da lembrança!

XLII

Todos esses heróes: o rei Lear dementádo,
o enigmático Manfredo, o torturádo Oréstes,
o Oédipo proscrito, errante, amaldiçoádo...

XLIII

Prometheo no granito, a urrar nótas agréstes,
o Cid Campeador, com seu elmo guerreiro,
o Hamleto, taciturno, oculto entre os cyprestes...

XLIV

Como eu os admiráva e comprehendia inteiros!
como eu lhes partilháva as máguas e as afrontas!
— como eu choráva bem seus amor's verdadeiros!...

XLV

Um dia resolví — sempre este amor a contas! —
escrever a paixão funesta, que sem tino
meu sangue combustáva em mil vesánias tontas.

XLVI

E fiz o *Rei Fingal* — Este rei paladino
vencêra e destronára a rainha da Islandia,
e matára-lhe o esposo em combate leonino.

XLVII

Para a Escócia a levou cativa, e a atroz Finlandia
o facto celebrou em seus anáes lendários,
e fálam d'ele mil tradições da Groenlandia.

XLVIII

Seja verdade ou lenda, o caso é que cem vários
paladins e barões víram o rei Fingal
a Catíva incensar com dons extraordinários.

XLIX

Mas guardando o seu *lúto intérmino e imortal*,
a Catíva do rei – do seu marmóreo labio —
não desfranziu jamais um sorriso jovial.

L

O rei Fingal, porém, rei paladino e sábio,
não a afrontou jamais. — Caprichára, ao contrario,
em ser casto e em ser bom, qual Scipião ou Fábio.

LI

De honrarías a encheu, e a um barão seu contrário,
mil batalhas ganhou, cidadélas, castélos,
— os quaes cedeu ao irmão da Catíva, a Lothário.

LII

Mas a régia Catíva, a tantos mil disvélos
opúnha uma tenaz indif'rença, que o lúto
tornava mais glacial que os seus barbaros gêlos...

LIII

Um dia o rei Fingal prostrou o mais astúto
dos reis: e tal victoria estrepitósa alcança
que cólhe de troféus e espólios basto frúto.

LIV

— Todo o povo apregôa a sua invicta lança!
— Todo o povo celébra o egrégio Campeador!
— Todos lhe arrójam flor's, tudo a seus pés se lança!...

LV

Só com mágua, com ais, com lástimas, com dôr,
elle enxérga á Cativa — estrangeira a taes palmas —
alheia a taes troféus, n'um lúto de rigor.

LVI

Então o grande Heróe, com uma nobre calma,
mas vertendo lá dentro a lágrima encobérta
das mágnas aflições... como quem solta a alma...

LVII

á Cativa bradou: — «Senhora, estás libérta!
«Regressa ao reino teu, e volta a ser Rainha!
— «Fique eu só a carpir em ruina deserta!...

LVIII

«Não vos pungiu jámais minha afeição maninha!
«Não vos dôa portanto o lúto de vencida!
— «O vencido fui eu!... vencida a sorte minha!...

LIX

«Uma batalha gánha, e outra maior perdida!
«Cativa eis a teus pés *vencido o vencedor!*
— «Para tudo eu te dar, até te dou a vida!...

LX

Dizendo isto, matou-se. — O ferro sem pavor,
que tanto se extremára em prélios mil, tão vastos,
— trez vezes o embebeu no peito o Campeador.

LXI

A Rainha catíva então caiu de rástos,
e, n'um pranto, todo ais, convulsivo, anormal,
beijou-lhe a fronte, as mãos, os seus cabelos bastos...

LXII

O seu pranto, aos roldões, doía, a fazer mal.
Tardía era porém essa dôr, mui tardía!...
— Era morto, de vez, o grande rei Fingal.

LXIII

Quando eu representava este drama, irrompía
trovejante clamor de mil bocas plebeas...
— desmaios, prantos, ais, na mais alta hierarchia.

LXIV

Sem me gabar, oh! não!... que as imodéstias feias
ha muito as enxotei d'esta alma árida e núa...
direi que me hão tentádo as mais altas sereias.

LXV

Porém minha alma é — *escalrácho* sem lúa —
azinhága, onde algum ráro amor de passagem,
noctambulo, olhando a scena árida e núa,

XLVI

que queira ali entrar, vendo a calva boscàgem,
o êrmo... o descampádo... o trilho pedregôso...
regressa para traz, sem nervo e sem corágem.

LXVII

Mas um dia atrevi-me a escrever, audacioso,
a um amigo meu, acerca de Theodóra.
— Que dizia de mim?... Interrogáva ancioso.

LXVIII

Respondeu-me que a béla e excentrica Senhora
continuáva a evocar espiritos aládos,
em grande solidão, abstráta e sonhadora.

LXIX

E que, acerca de mim, seus labios delicados,
qual carmineo setim, disiam, desdenhosos:
— que *de hereje eu descêra a histrião dos tabládos!*

LXX

E o amigo acrescentava: — «Entre os seus pios gózos
«costúma promover no theatro, cada ano,
«um beneficio em prol dos orfãos lacrimósos.

LXXI

«Arranja as málas, vem! — Com teu genio sob'rano,
«verás que tens de rôjo a cainçáda inteira,
«que ha tempos te ladrou. — Vem ser Deus ou tyrano!»

LXXII

Fez-me a carta chorar! — Então, da cachoeira
de brádos, d'aflições, d'ais selvágens, rasgádos,
gritando, uivando a dôr tragica e verdadeira...

LXXIII

de todo o augusto mar de soluços rimádos...
de todo o aziágo mal das almas repelidas...
— Theodóra via só... o *histrião dos tabládos!*

LXXIV

Mas cheguei, ví, vencí — As raivas desabrídas
prostaram-se ante a glória, e a villa sertaneja
suou e tresuou em palmas comovídas.

LXXV

A fidalga reunião do beatério d'egreja
fingiu não conhecêr-me. — Em mim só via o actor,
o ráro comediante, o histrião, ou quér que seja.

LXXVI

Um beneficio pois dos orfãos a favor
foi-me implorado só, como preito ao talento,
uma obra pia e sácra...uma obláta ao Senhor.

LXXVII

— Resolvi pôr em scena o grande rei Fingal. —
Theodóra, a mais fidalga entre essas damas pias,
não podia eximir-se ao acto espiritual.

LXXVIII

Devo narrar primeiro... Ai! como coisas frias,
na aparencia triviaes... decidem do destino
humano, e pódem dar tão desastrósos dias!...

LXXIX

Devo narrar, disse eu, que um ladrão, um mandrino
d'estrada, rapinára a mála onde ia a c'rôa
do grande rei Fingal, lavráda e d'oiro fino.

LXXX

Só tarde o conhecí. — Portanto, à pressa, à tôa,
uma c'rôa chué, de papelão doirado,
serviu de diadema a esta real pessoa.

LXXXI

Teátro todo cheio. — O povo elétrisado
pela fama do drama, aguardáva, impaciente,
que ás luzes da ribalta eu calcásse o tabládo.

LXXXII

Cada acto um triunfo. — Eis porém, que imprudente
um largo gésto meu atira á luz da rampa
— meu diadema real... que arde de repente!

LXXXIII

Uma risáda atroz, como o ferro que estampa
no grilheta o sinal dos labéos infamantes,
pela sála reboou, mais glacial do que a campa.

LXXXIV

Era o rir de Theodóra. — Humilhádo uns instantes,
tentei fugír, corrído, aos apúpos da sála,
vaias, mófas chués, dichótes irritantes...

LXXXV

Mas a cabeça alcei. — E, com trágica fála,
acrescentei de chófre á actriz, trémula já,
— e a Theodóra fitei, com dôr que nada eguála:

LXXXVI

«*Senhora!* uma palavra ainda, escúta lá!
«Vou partir para a guerra. Ai de mim! Estrangeira,
«— o meu *diadema ardeu!... minha alma em cinza está!...*

LXXXVII

A queixa éra tão sóbria, humilde, verdadeira,
soubéra remediar tão bem o cáso infando,
que a emoção levantou de pé a sala inteira.

LXXXVIII

Foi um delirio insano. O publico, aclamando,
pretendia fazer deslembrar a injustiça,
— as vastas ovações, sem trégua acumulando.

LXXXIX

Mas minha alma sangráva! — A calma éra postiça.
Tinha a cabeça em fogo, e em borbotões, nas veias,
o meu sangue éra lava, e láva escaldadiça!

XC

Ella riu! suspirei, contemplando as plateias,
onde esses Láras vis, chéfes da vil matúla,
marcávam a pateáda ás servis alcateias.

XCI

Ella riu! trovejei com uma raiva fúla,
— mas dominando a fúria uma gráve tristeza
quando vi Theodóra a rir da scena chúla.

XCII

Ella riu! suspirei. — Não viu pois a grandesa
com que eu interpretei o heróe raro e bondoso...
sublime em sua dôr, maior que na realeza!

XCIII

Ella riu! suspirei. — Sou pois um rei chistoso,
um grotesco, um truão, um magro saltimbanco,
um funambulo vil... um palháço precioso!

XCIV

Ella riu! suspirei. — Eu, que o meu peito franco
ábro á sublíme dôr das lástimas alheias,
sou o rei d'Yvetot, um *clown* ráro e branco!

XCV

Ella riu! suspirei. — Eu, que nas noites cheias
d'emoções, declamando as tragedias aflítas,
chóro prantos reaes, verto sangue das veias!...

XCVI

Ella riu! Ella riu! — Pois lagrimas contritas
tu chorarás de certo, em breve, ó presunçósa,
— recordando a ação vil das risádas malditas!

XCVII

Travei da minha espada, uma espada preciosa,
uma lamina sã — puro aço de Toledo —
e não um gúme vil de operêta chistosa.

XCVIII

E entrei no ultimo acto, a fronte alta, sem medo,
quando o bom rei Fingal irrompe, vitorioso,
na sála, á beira mar, trazendo o rei Tancredo.

XCIX

Mas quando emfim cheguei ao transe angustioso,
em que increpa a Catíva e que depois se máta,
— fitei Theodóra, e assim disse o trecho famoso: (1)

C

«— Meu amor foi por ti desconhecido, Ingráta!...
«Ele foi da minha alma o rôlo bom d'incenso,
«mas tambem o cachão, a flama, a cataráta!

CI

«Não quizeste escutar este soluço intenso
«de um rôto coração por um léque fendido...
«— por um riso atirado ao desespero imenso!

---

(1) A primeira fála do rei Fingal é mais singéla: mas esta tem um heroismo mais barbaro.

G. L.

CII

«— Mulher toda de gêlo e lutuoso vestido!
«que mysterio é o teu, que enigma é que ocultas?
«Esfinge do Rancôr, por que me quer's vencido?...

CIII

«Desejas a teus pés, como as múmias sepultas
«nas cryptas de Rhansés, no Egypto embalsamádas,
«um povo a decifrar-te? — E' na treva que exultas?...

CIV

«Pois se adóras a treva e as noites inflamádas
«por corações a arder, e tú, com olhar féro,
«passas revista aos ais d'essas tóchas sagradas...

CV

«como o meu diadema, um peito que é sincéro
«recto, firme, leal, ardeu tambem qual pálha...
«— que mais desejas tú, novo *avatar* de Néro?

CVI

«Catíva já não és! — Deitaste na fornálha
«de um peito como o meu as néves do Carmélo,
«sem o poder gelar. — Senhora és sem eguálha!

CVII

«A liberdade dout'a. — Ao teu paiz tão bélo,
«com agulhetas mil de trémulos cristaes,
«regressa e sê Rainha. — O gêlo volte ao gêlo!

CVIII

«— Sê feliz, sê feliz, nos teus bosques glaciaes!
«— Sê rainha da Névoa, a Treva, ou da Mortalha!
«— Faze arder corações, passa revista aos ais!...

CIX

«Ardam mil corações, que o vento o fumo espálha!...
«Mas, quanto a mim que fui, n'esta pugna, o Vencido,
«— trespasse a espada o inf'liz vencido na batalha!»

CX

Dizendo isto então — tranquilo, decidido,
com o ferro varei o peito, atravessando-o,
a sério, com furor não postiço ou fingído.

CXI

Toda a turba se ergueu, de repente, aclamando
Foi um delirio louco! — Eis, porém, que os actores
acórrem, em tropel, o meu sangue estancando.

CXII

Revelou-se com pasmo, entre as palmas e as flores,
que eu me varára alí — véra e tragicamente —
como o bom rei Fingal, por infaustos amores.

CXIII

Todos volvem, de chófre, o olhar tôrvo e fremente
para Theodóra. — Então, cabellos desmanchádos,
vi-a pr'a traz cair — surda, pesadamente.

CXIV

«— Vingança! rouquejei, soltando doidos brádos.
«Vingança, senhor Deus!... Theodóra desmaiáste,
«por mim! por mim! por mim! *o histrião dos tabládos!*»

AS RUINAS DE UM TEATRO

...Pádre execrando,
sobre teu craneo riscarei confusas
Baby.ónias de horror!

I

A rir! a rir! a rir! — bradáva em meus delirios,
estendido no leito e cheio de aparelhos,
trespassado, a morrer, branco, da côr dos lyrios.

II

A rir! a rir! a rir! — bradáva entre os vermelhos
lençoes, já morto quasi, e da febre, nas horas
em que o doutor se váe e vém os Evangelhos.

III

A rir! a rir! a rir! — bramia eu, altas horas,
Qu'rendo fugir do leito, espedaçar os laços
que atrelávam á vida as maguas rugidoras.

IV

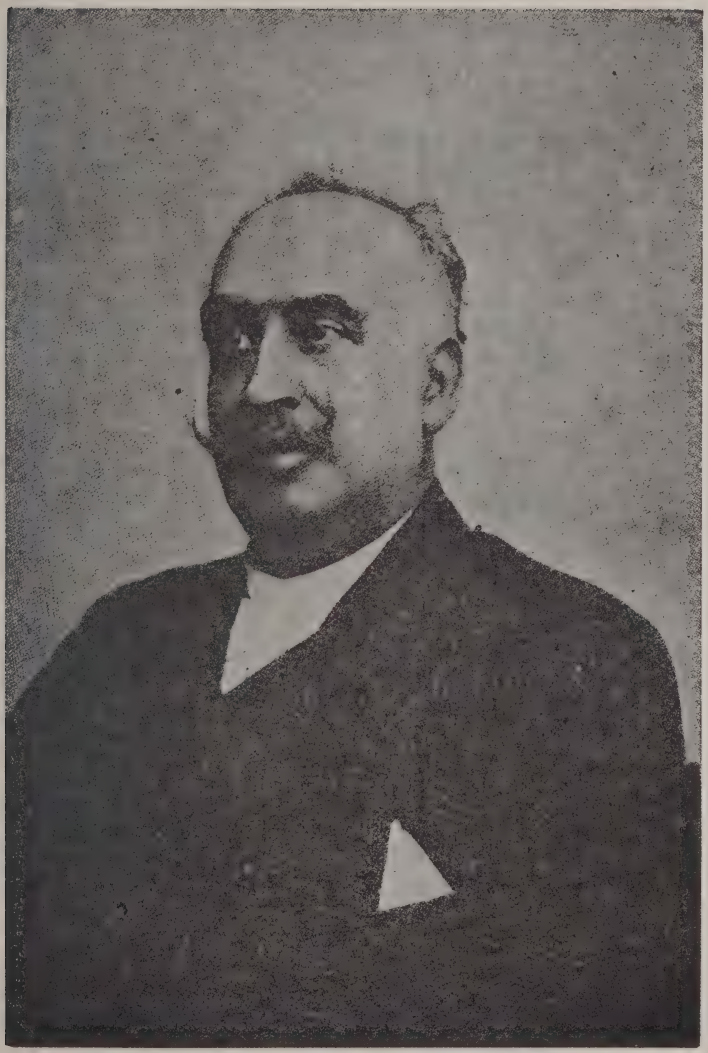
A rir! a rir! meu Deus! gemi, alçando os braços,
quando me púde erguer, enfim, convalescente,
e que o olhar alonguei pelos azues espaços.

V

Não podia esponjar da minha alma doente
— esse diadêma vil, de papelão doirádo,
rolando e flamejando ás luzes, de repente!...

VI

Depois o riso atroz... o rir desapiedádo
de Theodóra cruel, quando eu transia as maguas
do grande rei Fingal, sublime e desesp'rádo...



Em 1898

VII

— tudo isso me inflingia intradusiveis fráguas,
— tudo isso me crispáva os nervos combalídos,
— tudo me enchia o olhar de inconsoláveis águas!...

VIII

O rei Fingal éra eu! — Minha alma, os meus sentidos,
poséra eu n'esse dràma agitado e sombrio,
— em que narrava a dôr dos meus sonhos sentidos.

IX

Theodóra era esse vulto extranho, agreste, frio,
da Rainha da Islandia, encerrada em seu lúto,
como em misterio d'onde escorre um calafrio.

X

Jamais, ante ninguem, no mundo dissolúto,
ante os Grandes, os Reis, Principes, Financeiros,
ou os Génios que a gloria erriça ao cocurúto...

XI

Jamais, ante ninguem, déra tão verdadeiros
brádos d'ancia, terror, tristeza, desencanto...
— como ali, ante a luz dos seus olhos fouveiros!

XII

E Éla não comprehendeu o que havia de pranto
contido, n'esse rei grandioso e despresádo,
matando-se ante a côrte, os ais, a gloria, o espanto!

XIII

Vira apenas, na rampa, um papelão queimádo,
uma c'rôa chué d'um trâgico grotesco,
— um diadéma a arder d'histrião no tabládo!...

XIV

Como às vezes um rir de mulher, claro e fresco
é fútil, máu, cruel! .. Ela ri de um calçado,
d'um geito, d'um esgár, d'um gésto mais burlesco!...

XV

O mediocre e vil fânfarrão emplumádo
seduz-lhe o instinto vão!... No entanto ri do Génio
se o vir rôto, infeliz, malquisto, mal trajádo!...

XVI

Vê no mundo o esplendor postiço do proscénio,
fascina-a o transluzir da fácha a tiracólo,
— o estrépito, o fragor, o aparáto, o convenio!...

XVII

Como ás vezes tal rir é máu, ferino, tôlo!
Como elle faz cair os braços desmaiados,
— que se alçávam aos ceus, a pedir um consôlo!...

XVIII

Como elle val' por mil punhaes dos mais hervádos!
Como elle faz voltar para a trapeira obscura,
— com desalento e dôr — os pés dos desgraçados!...

XIX

Mas narremos o fim d'esta extranha aventura
que o labéu me alcançou da enxovia e a grilheta,
e outro mal mais atroz... a *Babel da loucura*!

XX

Já passaste, ó leitor!... com angustia secréta,
pela morada inf'liz da *insania e da demencia*,
— aonde o humano horror tóca do horror a méta?...

XXI

Já viste o tregeitear da lívida Insciencia?...
Já viste essas feições horriveis e crispadas,
e o olhar airado e fixo, afastando a clemencia?...

XXII

— Já viste o inferno em vida e entre grades fechádas?
— Já soluçaste, ouvindo um canto conhecido?
— Já choraste, escutando aquélas casquinádas?...

XXIII

Pois ahi, n'esse inferno, eu rolei afundido,
pois ahi eu ganhei mil rôxas cicatrizes!
— ahi eu pranteei meu pranto mais ardido!...

XXIV

Ahi julguei-me rei d'exóticos paizes,
Fui *Mágo*, *Santo*, *Heróe*, *Asceta*, *Deus mitrádo*:
— E, ao certo, o mais inf'liz d'estes mil infelizes!...

XXV

Um dia, n'um clarão... n'estes clarões lavádos
de extranha lucidez, no meu destino átro,
a Theodóra escrevi estes borrões magoádos: (1)

---

(1)* A carta que ségue é o documento mais original d'este processo: por que revéla o cumulo da paixão, sobretudo quando, na desordem do seu cérebro, elle mistúra os *espiritos superiores* com os *inferiores*, na ancia espiritista de *evocar* tudo que lhe possa revelar alguma cousa da mulher amáda.

G. L.

CARTA A' MULHER DE LUTO

I

«Eu sou o magro Heróe infeliz de teátro,
«o *padre espiritista* um dia excomungado,
«— o insultádo histrião, por ti, no amphiteátro!

II

«Sou esse prégador de olhar iluminádo,
«que um dia, n'uma orgia, entre angustias e flôres,
— «rolei, apostatando o Deus que hei incensádo!

III

«Sou o moderno Cristo, o grande Rei das Dôres!
«E, como elle tambem, por ter amado ingrátos,
— «aos Infernos descí dos malditos suóres!..

IV

«Sim! sou esse histrião, a quem os teus máus trátos
«arrancáram, um dia, o juiso, o renome,
— «meu diadema real e os régios aparatos!...

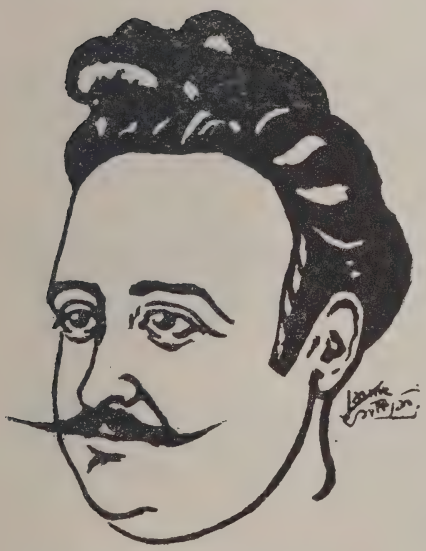
V

«— Agora sou Gringoire, o histrião com fome.
«— D. Quixóte, apupádo, escarnecido, rôto.
«— Sou Job, no seu chiqueiro e que a lépra consóme!...

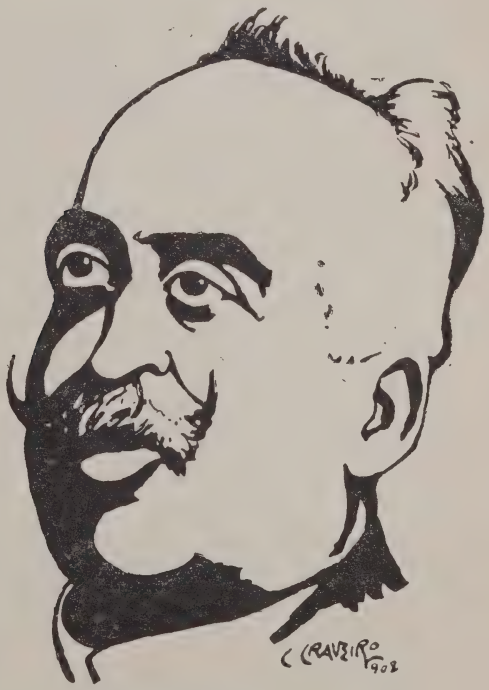
VI

«Antes eu cavalgasse o meu rocim, a chouto,
«qual D. Quixóte, ao rir dos melros na espessúra,
— «do que aqui vegetar, qual pôdre cão no esgôto!...

Desenho de Raphael Bordallo Pinheiro



Desenho de Jaime Cortesão



Desenho de Candido Craveiro

VII

«Fôsse eu o Campeão, ai, da *Triste Figúra!*
«mas deixassem-me o hôrto, o meu prado, os moínhos,
«o meu gálo, os meus bois, e a sésta entre a verdûra!...

VIII

«Ao menos ouviria o trino aos passarinhos,
«afagaria a Rússa... e ao olôr dos espinheiros,
— «iria, com meu cúra, à beira dos caminhos!...

IX

«Ao menos, do poente aos raios derradeiros,
«no quinteiro plebeu, debaixo da latáda,
— «narraria aos aldeões os meus feitos guerreiros!...

X

«Sentir-me-hia morrer n'uma paz descansada,
«tendo a gloria de ter defendido o menino,
— «o Oprimído, o Ancião, a Viúva mal trajáda!...

XI

«E ao expirar, afinal, conservando o meu tino,
«daria o ultimo pranto à bella Dulcinéa,
«— e o ultimo sorriso ao escudo de Mambrino!...

XII

«Mas aqui, sem ninguem!... esta existencia é cheia
«de mil aparições, larvas, cruzes, tocheiros,
— «e espétros que eu evóco à trémula candeia!...

XIII

«Passo noutes crueis, passo dias inteiros,
«sem ouvir o teu nome, agachádo a algum canto,
— «tremendo, n'um terror servil, dos carcereiros!...

XIV

«Horror! a isto cheguei! — A's vezes cáe-me o pranto
«sobre os fios da barba intensa e já grisálha...
— mas outras, sem rasão, púlo, gargálho, e canto.

XV

«Sou um vil animal! — Sou menos que a escumálha
«do andrajoso vilão que anda ao mato e á charrua,
— «que lávra, ceifa, póda, esbulha, pisa e málha!...

XVI

«Podésse eu labutar á calma, aos sóes, á lua,
«jovialmente cavar o meu humilde hortejo...
«— mas ser homem, sorrir... pisar a esteira tua!...

XVII

— «Onde está, ó Theodora, a aza do meu desejo?...
«Como estão longe agora as acácias amáveis,
— «ás ramágens das quaes te dei um casto beijo?...

XVIII

«Como estão longe agora esses céus impecáveis,
«d'um castissimo azul, que cruzávam gaivótas,
— «n'essas tardes de Agosto em que ha brizas afáveis?...

XIX

«Onde estão, onde estão, as claras praias bélas,
«em que canta uma mãe... lento berço embalando...
— «ou o barqueiro, na areia... a remendar as vélas?...

XX

«E onde estás tu tambem? — Talvez devaneando
«nas sombras do teu parque... ao plenilunio amigo...
— «n'algum chalet em Nice, ou na Escossia sonhando!...

XXI

«Talvez na fria Gallia, em torreão antigo,
«decifrando um ritual de velhos monges Francos,
— «ou evocando um heróe do pó do seu jazigo!...

XXII

«Talvez lendo Ossian, d'algum monte nos flancos,
«talvez n'um aureo hotel da Mónaco elegante,
— «vendo correr bébés, loiras, de bibes brancos...

XXIII

«Quanto a mim, morro aqui, n'este antro sufocante,
«sem vêr aguas nem sóes... na palha estiraçádo...
— «ruminando o meu mal, dementado e arquejante!

XXIV

«Jázo aqui n'um covil, com olhar baço e airádo,
«procurando no céu um prégo, entre as estrelas,
«aonde me enforcar... por te haver muito amádo!

XXV

«Chamáste-me histrião. -- Como tú bem martélas
«este craneo onde ha sóes, planetas, cataclismos,
«barrancos... hervaçaes... ruinas amarélas!...

XXVI

«Quéro ás vezes descêr aos mais tôrvos abismos,
«rolar-me, qual Jesus no seu Gethsmaní,
«p'ra não ver teu olhar de raros magnetismos!

XXVII

«E no emtanto — ai de mim! — o que me trouxe aqui,
«a este antro de pavôr, foi o qu'rer evocar
«espétros, aos milhões, que me fálem de ti!...

XXVIII

«N'estas *evocações,* continuas, sem cessar,
«mistúro a imprecação á infâme raça Lára,
«com a préce... o exorcismo... ou o ritual do Altar!

XXIX

«Mistúro a virginal e gentil Santa Clara,
«—aquéla a quem Satan of'receu lindos crávos —
«com a Sapho pagã, de fúria amante e rára.

XXX

«—Mistúro os Serafins aos demónios escrávos.
«—João, o Evangelista, a Simão Nigromante.
«—Catúlo, ao santo Assiz, marcádo com trez crávos!

XXXI

«Mistúro a Ninfa á Deusa, ou a Freira á Bacante,
«a Mystica á Mundana, o Cristo á Madaléna,
«—a loira cortezã de coração flamante!...

XXXII

«Mas ninguem dá resposta á minha agúda pena!...
«embalde noite e dia, ou mal raia a manhã,
«barálhe Anjos da Luz com Satans da Gehéna!

XXXIII

«Em vão, na minha dôr, confunda a Cortezã
«com a Martyr ideal das tenázes romanas...
«e o extático Budhá com Dagon ou Satan!

XXXIV

«Eis-me pois a teus pés, em taes dor's, sobrehumanas,
«perguntando por que prohibiste, ó Impiedosa!
«ás almas consolar as lástimas humanas?...

XXXV

«Tem dó d'uma alma êrma, abandonada, anciósa...
«do padre que descreu, do tragico afamádo,
«que já viu a seus pés uma turba luxuósa.

XXXVI

«Aqui tens, a teus pés, o histrião dementádo!
«Eu sou Simão o Mágo, o Doido, o Nigromante,
«que quiz subir ao Céu e rolou no tabládo!

XXXVII

«Vem pois, acórre aqui, n'este supremo instante,
«a ver o rei Fingal, sobre umas taboas rasas,
«morrer, sempre fiel... inda chamando a amante!

XXXVIII

«Dulcinéa glacial, que não témes as brazas!
«acóde, acóde aqui... com remorsos ao menos:
«—vêr morrer D. Quixote, a quem cortáste as azas!»

CONTINUAÇÃO

DAS

RUÍNAS DE UM TEATRO

I

Um raro amigo bom, vindo n'este comenos,
— a esta caverna atroz — prometeu que a missiva
bréve seria entregue á *Flôr d'olhos serenos.*

II

Bastante original foi esta roda viva
de triunfos, paixões, d'ais, de contrariedades,
n'uma vida — ai de mim! — bem ralâda e aflitiva!...

III

Foi móda virem vêr-me as mais rára beldádes,
— romanescas, gentís, damas aristocrátas —
a quem meu *mal de amor* transía de piedades.

IV

A Mulher, mais que nós, tem qualidades nátas
de ternura e de amor! — Minha paixão de artista
atraíra até mim, mesmo as mais timorátas...

V

O padre feito actor, o heréje, o *Espiritista*,
que n'um arranco ideal de paixão dementáda,
rasgára o coração do seu amor á vista...

VI

e, depois de assombrar a turba eletrisáda,
endoidéce de amor, e n'uma ancia *ocultista*,
evóca — a toda a hora — a sombra idolatráda!...

VII

éra uma insania béla, uma insania não vista,
a que a egreja, o teátro, o prestigio, o *mysterio*,
nimbávam de uma luz bizárra e *cabalista!*

VIII

Agachado n'um canto, o olhar parádo e aéreo,
— tendo ás vezes na fronte um papelão doirádo —
assim via eu passar o cortejo sidéreo.

IX

— Passava a cortezã de topete erriçado,
— a joven virginal, de bandós côr de mel,
— a matrona imperial, de pizar cadenciádo.

X

— Umas, cheias de pós, rodeavam-me em tropél.
— Outras, meigas sorrindo, enxugavam-me a testa.
— Outras rasgávam d'ais o Céu mudo e cruel.

XI

Eu porém nada via. — Esta ancia atroz, que crésta
cá dentro o coração, eu nunca a proclamava.
— Muda era a minha voz, muda a paixão funésta!

XII

— N'uma ancia passional, o braço aos céus alçava,
— Simulava enterrar um ferro crú no peito.
— De joelhos caía... e, apoz, múdo chorava.

XIII

D'esta mímica o horror filtráva um tal efeito,
que a Princeza Real que me viu, desmaiára,
e com febre, depois, recolhêra-se ao leito.

XIV

A' sua proteção augusta, excelsa, clara,
é que eu devo o sair d'esse *Maelstrom hediondo,*
— d'essa *Babel do horror*, onde ai de mim! rolára!...

XV

A reclusão bestial n'esse Inferno do estrondo,
das risádas, dos ais, dos úrros, dos latídos,
devo eu ao Lára vil — a esse *chacal redondo*.

XVI

Como o meu triste mal não causáva prurídos,
nem rixas, vexações, agrávos, nem contendas,
deixaram-me ir em paz... exalar meus gemidos...

XVII

O teátro onde colhi tantos troféus e prendas,
— *palco do meu triunfo e a minha vil baixeza!* —
ardêra ha tempos já. — Restávam lixo e fendas.

XVIII

Fóra outr'ora um mosteiro. — Em toda a redondeza
não havia talvez mais lírica paiságem,
com seus môrros além... silencio... ideal tristeza!

XIX

Ali eu me ocultei. — Ali, sobre as relvágens,
vendo chorósos sóes... entre pedras musguentas...
eu erráva a evocar mil fórmas, mil imágens!...

XX

Colúnas... capiteis... architráves poentas...
alva corníja á lua... uma extensa arcaría...
escadórios, balcões, outr'ora náves bentas...

XXI

Todo este mixto emfim d'erva e ruinaría...
de mystico e teatral... de sagrado e profano...
acordava em minh'alma uma austéra poesia!

XXII

O recoveiro, o escól, o arcipréste, o profano,
aterrádos, seu passo apressavam por vezes,
vendo eu gesticular... *múdo*, *sósinho*, *insano*.

XXIII

Tal mimica do horror, da angústia, dos revézes,
com os géstos teatráes dos heróes infelizes,
assombrávam, pelo êrmo e o extranho, os camponezes.

XXIV

Ruina êrma ao luar! — Santos, sobrepelizes,
capiteis, torreões, batistérios, altares,
colunátas, florões... tudo hoje ervas, raizes...

XXV

Cantos d'orgão, sermões, sálmos, véstes talares,
bailarinas, canções, magnésio, gargalhádas,
por tudo isto eu roçára e fugira aos meus láres!...

XXVI

Uma noite que errante... á lua, entre as arcádas,
eu, cedendo ao *meu mal*, evocava, altas horas,
a alma de Theodóra... as mãos hirtas e alçadas... (1)

XXVII

Como é que o narrarei?... As palavras sonóras
não pódem traduzir a *aleluia encantada*,
em que se ouvem trinar milhões de aves canóras!...

XXVIII

Ao pé d'uma calúna alvacenta e truncáda,
um vulto ha muito estava, imóvel e transído,
a face côr de jaspe em lágrimas laváda.

XXIX

Com um garbo real, seu lutuoso vestido
arrastáva no sólo, entre as frias hervagens,
— o olhar porém, no chão, craváva-se dorido.

---

(1) Os *Espiritistas* assegúram, unanimemente, que se póde evocar o espirito d'alguem, ás horas tardas em que o seu corpo está adormecido.

XXX

O' fórma sem rival! imágem das imágens!...
se eu não conheceria — inda louco e sem tino! —
mesmo... n'aquelle horror... meu altar de homenágens?...

XXXI

Se eu não conheceria esse pudôr divino,
esse divino andar, esse olhar mysterioso,
púdico e ao mesmo tempo extranho e adamantino?...

XXXII

Theodóra!... exclamei... e um pranto, todo gozo,
me rolou pela barba e a face macilenta...
— e um soluço abalou o meu peito radioso.

XXXIII

Ela a mim veio então, tropêga, arfando, lenta;
ergueu do chão o olhar brando de languidez,
e com a voz, o gésto, um tom que não se inventa,

XXXIV

bradou, rasgáda d'ais, como n'uma viuvez:
Perdôa, meu Leandro... heroico rei Fingal...
— *á tua vil Cativa arrastáda a teus pés!*

A MINHA NOITE DE NOIVADO

Cáem as sombras tôrvas na Capéla.
Rebúscam o palácio... Onde está Ela?

I

— O' flor da larangeira, ó flor da larangeira!
meu symbolo ideal de casta virgindade,
certa noite em ti li minha existencia inteira.

II

Branca e cheirosa flor! com que doce ébriedade,
o momento aguardei da noiva, *palpitante*,
sob os teus mil botões, córar, com *suavidade!*...

III

Mystica e alva flor! a minha rósea amante
coráva, que *eu bem vi!*... mas tão languidamente...
tão trémulo batia o seu peito *arquejante*!...

IV

Mimosa flor nupcial! ao rôxo sol poente,
quantas vezes a viste errar, contemplativa,
a regar seus jasmins e orchídeas, lentamente?...

V

Pequena flor gentil! que vezes, pensativa,
não viste a minha noiva olhar nuvens errantes...
— talvez pensando em mim, aérea sensitiva!

VI

Esbelta flor cheirosa! as suas mãos galantes
quantas vezes não viste a enastrar seus cabelos,
com myosótis azues, aos sóes agonisantes!

VII

E agora tu váes vêr seus enleios mais bélos!
— Váes vèr — a um e um — tombar os seus vestidos...
Váes vêr o alvo marfim de que o marfim tem zêlos!

VIII

Vaes ouvir, ó flor casta, os seus brandos gemidos,
suas queixas, seus ais, os seus ternos lamentos...
que hão de fazer córar os jasmins esmaecidos.

IX

Que extranhos, celestiaes, que radiósos momentos,
serão esses *subtís, deleitáveis instantes*
em que do seu cabêlo os aneis opulentos

X

afastando p'ra traz seus dedos com brilhantes,
rósea, toda pudôr, alva, trémula, núa,
sua carne embrulhar em rendas flutuantes!

XI

Lyrica e amena flor! acáso a cutis tua
é mais branca que a têz da minha noiva amáda,
mais rija que essa carne aonde o sangue estúa?...

XII

Não é, clamáva eu. — E em hora tão mimáda,
arranquei um botão d'essa flor melindrosa,
e um pranto me rolou da pupíla queimada...

XIII

Por que foi esse pranto, ó branca flor mimosa?...
Porquê, n'essa hora ideal de uma *aleluia infinda,*
a Dôr riscou meu céu com áza lutuósa?...

XIV

Porquè — quando a estreitei a mim, esbélta e linda,
quando junto ao seu peito o meu tambem arfáva,
essa lágrima veio aziága e malvinda?...

XV

Porquê, quando de rôjo, ante o Cristo ajoelháva,
no instante em que essa flor tirei do seu vestido,
e com ancia a levei á boca que era láva,

XVI

quando secretamente a beijei comovído,
esse pranto rolou, rolou, aziágamente...
pelo meu rosto cávo, adusto, emagrecido?

XVII

.....
.....
.....

XVIII

Na noite em que de chófre, ante mim, de repente,
seu vulto ví surgir das ervas das ruínas,
minha razão sofreu um abálo veemente.

XIX

E o abalo me salvou. — Com as mãos pequeninas,
Ela cicatrisou minhas chágas hiantes,
e em minha alma entornou jasmins e balsamínas.

XX

Mas quando emfim sarei, e as visões cruciantes
me deixaram de todo, e o Pensamento aládo
de novo alçou ao Amor seus vôos radiantes,

XXI

e *baixo, baixo, instei pelo nosso noivádo...*
Ela bradou-me triste, a meiga voz tremida,
e seu mimoso peito, árfando, alanceádo:

XXII

— «Fiz um voto cruel, n'uma hora bem dorída,
«á minha mórta Mãe, ante o altar da Capéla
«da grande *Virgem Negra* em marmore esculpida,

XXIII

«de jámais, de jámais, deixar de ser donzéla,
«*porque o Amor é o Páe de monstros e de féras*
«*no Universo feroz.* — Assim pensava Éla.

XXIV

«Não sei até que ponto estas frases tão féras,
«de Shopenhauer, são certas ou verdadeiras.
— Quanto a mim — ai de mim! — eu julgo-as bem sevéras.

XXV

«Amo-te e resistí dias, noites inteiras,
«a este amor latente, o qual me combustáva,
«e volvia do Inferno ás vizões mais fagueiras.

XXVI

«Punge-me o mal que fiz. — Já que sou tua escrava,
«tua esposa serei. — Mas dos terriveis Láras,
«téme, téme, infeliz, uma vingança ignáva!

XXVII

«As suas almas são tão ruins como aváras,
«tão crueis, tão chatins, que eu nútro o terror sério
«que tramem contra ti suas perfidias ráras.

XXVIII

«Portanto, este consórcio, á luz do bom critério,
«deve ser alta noite, a ocultas, celebrádo,
«no silencio, sem fausto, em sombras, no mystério!...»

XXIX

— E assim foi. Assim foi. — No recinto sagrádo,
ao dar da meia noite, um capelão sisúdo
nos uniu, ante o Altar á Virgem devotado.

XXX

Mas um sucesso atroz — bem imprevisto e rudo! —
marcou com tôrvo agoiro esta hora afortunada,
e a espinha me transiu n'um arrepio agudo...

XXXI

Foi que o bom capelão, depois da benção dada,
quando ia a encaminhar-se á sacristía antiga,
a fim de autenticar a dáta assinaláda...

XXXII

caiu de chofre ao chão, como se uma inimiga
móca, ou clava brutal, o abatesse selvagem,
como a aza do *simoun* açoita e dóbra a espíga.

XXXIII

Da extranha *Virgem Negra*, a terrivel imagem,
o seu braço direito — arcano bem profundo! —
caiu-lhe sobre o craneo e o esbarrondou na lagem.

XXXIV

Portanto, este consórcio, este enlace, no fundo,
se éra válido e puro ante os olhos do *Altissimo*,
— éra irrito, ai de nós! no conceito do mundo.

XXXV

Da minha noiva o rosto enturvou-se tristissimo.
Mas quanto a mim confésso.. apoz o horror primeiro,
para a alcôva noival a guiei radiosissimo...

XXXVI

Foi no alto torreão do solar altaneiro,
que Ela fizéra armar o frouxel doce e quente
do seu ninho nupcial de dulcissimo cheiro.

XXXVII

Esse alto torreão éra voltado ao Oriente,
nas celestes regiões das estrelas e as áves,
que palpitam, chilrando, á meiga luz nascente...

XXXVIII

Alí, pérto do Ceu, deviam ser mais graves
as queixas musicaes das folhas e os regátos,
nas mil lamentações dos poentes suáves...

XXXIV

Os ais dos rouxinóes deviam ser mais grátos,
mais macios tambem os plenilunios castos,
e os senários do Céo terem mais aparátos...

XL

Apenas penetrei nos aposentos vastos,
fui apagando a luz das brancas serpentinas,
emquanto Ela soltava os seus cabelos bastos...

XLI

Oh! como é dôce a luz das frouxas lamparinas,
uma leitenta luz de luar entornando
n'uma alcôva noival, branca, de rendas finas!...

XLII

Quando esta frouxa luz raiou, como avisando
que outra lua d'amor pelo meu ceu rompia,
e uns braços divinaes me estavam aguardando...

XLIII

entrei, pé ante pé, cáuto como um espía,
trémulo o coração, a alma toda azulina,
o sangue tempestuando, a mão pálida e fria...

XLIV

Suávemente entrei, á luz casta e opalina.
O mais, *mysterio* só... *mysterio* archi-fagueiro...
— mysterio como um céo em concha pequenina!

XLV

....
....
....

LXVII

Mas que horror! Mas que horror! — Ao frouxo alvôr primeiro,
eis que extranho, ao acordar, da minha noiva a ausencia,
— e o vácuo, no local d'ella, no travesseiro.

XLVII

Levanto-me surpreso, hirto, doido, em demencia,
percorro a alcôva toda e enxérgo no tapete
uma flor de laranja, alva flor de inocencia...

XLVIII

Decerto que caiu, — brádo, — do seu corpete!...
Decérto que rolou do seu branco vestido,
o diadéma noival ou o gentil ramalhete!...

XLIX

Sáio da alcôva aflito e outro botão caído
sobre um degráu me indica o regresso á Capéla,
onde ha pouco se déra o sucesso aborrído.

L

Desço a escada, em roldão, empunhando uma véla,
e defronte do altar da *Virgem Negra* austéra,
— branca, expirava em sangue a minha noiva béla.

LI

Mal me viu expirou. — Dir-se-hia estar á espéra
dos meus olhos, a fina e extranha noiva amáda,
para o espirito alçar á cristalina esféra!...

LII

Jazia sobre o chão... toda em sangue alagáda...
e no emtanto não ví nenhum punhal, nem gúme,
revólver, ferro, adága, ou cruciante espada!...

LIII

Que mystério infernal! — Que satanico nume
perpetrára na sombra a tragédia execrável,
que raiáva do horror o apogeu e o cúme?...

LIV

Que magnetismo atroz, que atração inarrável
a arrastára até ali, a horas tão temerósas?...
— Que mysterio, que horror, que enigma indecifravel?...

LV

Seu cabelo real — mais negro que as lutuósas —
desnastrádo pendia em seu vestido branco,
tal como abáte a Noite as ázas silenciosas.

LVI

Soltei um grito rouco, um brádo, um surdo arranco,
que estrugiu no palacio e retumbou no espaço,
como ruge o leão metralhádo no flanco.

LVII

Depois lancei-me á porta e, com rábido braço,
n'um impeto, a arrombei, com dois sacões valentes,
— e o meu pulso dir-se-hia uma alavanca d'aço!

LVIII

Saltei no meu corcel, que um d'entre os meus serventes
na escuridão guardava, e, a toda a franca rédea,
cavalguei-o a chorar, rugir, rangendo os dentes.

LIX

— Mórta! clamava eu. Justiça a tal tragédia!
Mórta! clamava eu, correndo á desfiládа,
qual lendário campeão da velha Edade Média.

LX

Mórta! clamáva eu, com a cabeça airáda,
supondo-me um fatal heróe de vil bruxêdo,
correndo n'um funesto ambiente de baláda.

LXI

Mórta! e a gesticular no meio do arvoredo,
eu vía o seu vestido elegante, e caudádo,
o seu cinto... o seu véu... o meu anel no dedo...

LXII

Mórta! e a recompôr todo o terno passado,
via-lhe a c'rôa ideal da fior de larangeira,
a sua branca alcôva... o violíno... o bordádo...

LXIII

Mórta! e a reconstruir a nossa vida inteira,
via ao longe, inflamado em luzes, o alcaçar,
d'archótes aos clarões. — Dir-se-ia uma fogueira.

LXIV

Mórta! e ao raio, á chuva, ao vento, a galopar,
eu via o negro leito heraldico e as cortínas,
as camélias... o espelho... o piano d'Erard...

LXV

Mórta! e eu via a Capéla e o meu sonho em ruinas,
eu via éla córar ao meu menór desvélo,
e tremerem, na minha, essas mãos pequeninas...

LXVI

Mórta! e eu via sempre, assim qual pezadello,
-- desde a cabeça aos pés, como um comprido lúto —
sempre esse negro mar, *sempre*, do seu cabêlo!...

Desenho de Rodrigues Castañé

O MEU PROCÉSSO SINGULAR

Lá nas sagradas lagens réclinâda,
no sangue a vejo sim !... Mas onde a Espada ?...

I

Meu caválo voáva, espumante, nervoso,
ágil, rápido, ao ráio, á chuva, á ventaneira,
rinchando, ilhaes em sangue, em flécha, impetuoso.

II

O meu pranto roláva e em bágas me caía,
e o meu cabelo, ao vento e á chuva, sacudido,
fustigava-me a fáce o Aquilão que mordia.

III

Pela terceira vez do alcaçar repelído,
pela terceira vez no palacio esmagádo,
voáva, em meu caválo, ao vento, espavorído.

IV

Mas d'esta vez, então, voáva esguedelhádo,
como um homem que cáe do alto Azul que cubiça,
ao fundo de um caixão de pinho marteládo.

V

Aonde voáva eu? — Eu voáva á Justiça.
Justiça, ó vã palavra! ó fátua e vã quiméra,
como um luar azul em sanguenta carniça!

VI

O que foi que ocorreu? — Fui preso como a féra:
preso tal como a hyéna, errante carniceira
que desenterra um morto alta noite e o lacéra.

VII

Fui preso. — E os Láras vis, com sanha bandoleira,
fiséram-me encerrar entre varões e grádes,
com torpes suspeições — fráses de ribaldeira.

VIII

Em ferros soube então, com tristesa e saudades,
que vivêra inda um pouco e expirára a *cordeira*
sem falar, no outro dia... ás horas das trindádes!

IX

Ousáram enlamear d'uma ignóbil maneira
o seu nome, ai, de mim! — e atiraram-no á lama,
como desfólha um lyrio, á chuva, a aventúreira!...

X

Não podendo apagar do meu talento a chama:
disséram que eu matára a minha noiva — e a *morta*
violára depois. — Que abominável trama! —

XI

Mas a Verdade augusta a alma do bom confórta!...
Éla é que dá ao justo a intrépida firmesa,
contra a qual o impudôr dos malandrins abórta!

XII

Foram os Láras vís — modelos de torpeza —
que ousáram esvurmar essa mentira horrenda,
que faz córar a alma e peja a Natureza.

XIII

Com essa infamia mais, penetráram na senda
do escandalo, a ignomínia, o labéu que lacéra,
contra esse corpo lindo e mais fino que a renda!

XIV

Mas não sábem que férro a minha alma tempéra!
Não sábem que a *Vontade* esmága como o málho:
— é maleável como o áço e tenaz como a héra!

XV

Oh! quem viu o que eu vi?... Quem ouviu o assoálho
das cousas mais chués?... Quem viu espostejáda
essa carne gentil, qual cordeira n'um tálho?...

XVI

Quem não chorára assim... com a face alagáda,
como eu... junto da meza... onde um ferro crúento
retalhava, sem dó, uma carne amimáda?...

XVII

Mas eu jurei então, com um horror ciumento,
em frente d'essa meza — estranguládo d'ais —
— revoltádo de horror, de mágoa, de tormento...

XVIII

que eu faria a defeza, em pé, nos tribunaes,
d'um modo virginal, sóbrio, púdico, cásto,
— qual ninguem nunca vira ou ouvira jamais!

XIX

Passarei em silencio esse estendal já gasto
de insidias contra o meu *sacrilégio* violento:
— tão infundádo, ai! e tambem tão nefásto!...

XX

Passarei em silencio o atroz descaramento
dos dois vilões que eu dei por testemunhas nossas:
— e que hão negádo até o oculto casamento.

XXI

Passarei em silencio as invetivas grossas
dos Láras, contra mim... salariando bandos
de carreiros, espiões, e até sérvos de róças.

XXII

Passarei em silencio os seus protéstos brandos
de angústia e de isenção... com ráro previlégio
— de fazer gargalhar os maráus mais nefandos.

XXIII

Passarei em silencio o delegádo régio,
seu riso encantador... sua caixa de prata...
— o seu tom assoprádo e o seu vão florilégio.

XXIV

Passarei em silencio a sua ária ou cantáta,
seu lenço almiscarádo... o seu garbo gentil...
— rogando á Lei o gladio ou o corisco que máta!

XXV

Passarei em silencio essa protérvia hostil
do Juiz, que clamou que eu — *padre excomungádo,*
fôra um réles histrião... e assassino subtil.

XXVI

Passarei em silencio o meu próprio advogado,
que disse cousas taes... tão chárras... escabrósas...
que fariam córar galdérias de tabládo.

XXVII

Defendeu-me dizendo inépcias horrorosas
e clamou que não fôra esfolhada em Agosto
— a flôr que o fôra em Maio... o gentil mez das rosas!

XXVIII

Uivou como um possésso e com gráve desgosto
da minha alma, afirmou, com filaucia insolente,
— que o *sangue azul* da noiva éra ardente qual môsto!

XXIX

Citou damas gentis da Veneza ridente,
mascarádas, ao luar, em gondolas, á espéra
do págem de arrabil e da *guzla* gemente.

XXX

Falou de barbacans e torreões d'outra éra,
de embuçádos fataes, por tárdas horas mortas,
dando saltos mortaes, no ar, como a pantéra.

XXXI

Do seu discurso á luz macilenta, as retórtas
tinham fôrmas fataes e verdes como a héra...
rechinávam punhaes... viam-se fechar portas...

XXXII

Citou Mónaco, a Italia, a Fredegonda féra:
punhaes vís, alçapões, orgías de vituálha:
— com mil tóchas de cêra e cristaes da Baviéra.

XXXIII

Citou Bocácio ainda... e, em rouca voz de grálha,
as damas de Florença, altas, de cólo nú,
atracando histriões com saiótes de málha...

XXXIV

Citou Moral, Direito, o Digésto Manú:
baralhou o latim, o grego, o hebráico, o ibérico,
o *Código Penal* e a História de Cantú.

XXXV

Que palavreira atroz! — Eu estáva cadavérico,
verde de confusão... aturdido... vexádo
da insensatez vilã do libélo quimérico.

XXXVI

Segundo o inhábil tom do seu arrasoádo,
a minha noiva fôra, alta noite, ás ruinas,
e em vez de a violentar... fôra eu violentádo!

XXXVII

Que grotesco e soêz! — e era entre damas finas
que o meu patrono ousou tracejar, inimigo
de atenções femenís, scenas tão libertinas!...

XXXVIII

Não me contive maís. — Não pude mais comígo.
Levantei-me a espumar: — e vi olhos anciósos
de ouvir orar, de novo, o prégador antigo.

XXXIX

O juiz disse então — Estamos todos curiósos
de ouvir — por sua vez — desagravar-se o réu
— de acusações ruins e apódos afrontósos.

XL

Ergui a voz então, alçando o olhar ao Céu:
(e na sála se fez cáva mudez funésta,
como alta noite, apóz um sino que tangeu.)

XLI

E bradei: — «Vou rugir a emoção que protésta,
«contra a lingua vilã da Maldade e a Mentira,
«que ousou aqui laivar uma *mulher honésta!*

XLII

«A Sombra d'esse Ser inefável me inspira
«e me ordéna que cite, ante a barra do *Altissimo*,
«quem bólsa infamias taes, o escandalo por míra!

XLIII

«Repílo insidias táes — O Ente distintissimo,
«a Essencia de eleição, tão casta em seus recátos,
«não póde salsujal-a um libélo odiosissimo.

XLIV

«Mal hája quem maldiz. — Mal hájam insensátos
«processos bem chués do enxováilho que ofende:
— «que se afoitam a vir cuspir táes desacátos!

XLV

«Mal hája ao orador que em tramas vís se prende
«e que, sem pejo, esvurma uma peçonha vil
«no cadáver de quem, mórta, não se defende!

XLVI

«Que a sua campa seja assim como um caníl,
«e a cóva que lhe encúbra a carcassa aos virótes,
«seja o ninho da cóbra ou da hyéna o covil!

XLVII

«Terei mais timbre em ir, no meio de galeótes,
«remar para as galés — cem annos infamádos —
«que vêr-me livre e são, salvo por taes dichótes.

XLVIII

«Agora, quanto a mim — ouví homens togádos! —
«Não me defenderei. — Fará minha defeza
«esta flôr tão gentil de estames delicádos.

XLIX

Dizendo isto... arranquei, com mimo e subtileza,
alva flôr de laranja inda presa ao vestido,
da minha *noiva morta*, exposto sobre a meza.

L

Fiz isto grave e triste. — O meu tom compungído,
depois da atroz censúra ao meu néscio advogado,
causou assombro intenso, humano, enternecido.

LI

Calmo, erécto, de pé, a flôr no punho alçádo,
com um sorriso triste e angustioso no emtanto,
na flôr mostrei ao juiz um *ponto ensanguentado*.

LII

E lento, assim bradei, entre o silencio e o espanto:
«— Alva e lyríca flôr, sê minha testemunha,
«n'este processo inf'liz de mystério e de pranto!

LIII

«Já que o máu Fádo quiz que, sem culpa nenhuma,
«me enlaivem como réu de uma bestial gafeira,
móstra a inocencia, em mim, mais alva do que a espùma!

LIV

«Sê minha testemunha, ó flôr da larangeira!
«já que aquêles que hão visto o enláce na Capéla,
— «négam-no, quaes vilões dignos de gargalheira.

LV

«Vamos! próva melhor que a falácia e a loquéla,
«que Theodóra deixou seu lúto imaculádo
«p'ra se enlaçar a alguem. — A próva é bem singéla.

LVI

«Tua presença aqui, n'um trajo de noivádo,
«depois d'Éla rasgar seu tão perpétuo lúto,
«não próva acaso assás um enláce sagrádo? —

LVII

«E quem foi que seu peito, outróra irresoluto,
«amáva com paixão agora — e com ardencia,
«e um tão precláro amor, como outro não repúto? ..

LVIII

«— A quem sagráva éla a sua alma e existencia?
«— A quem foi que velou mil noites doentías?
«— A quem foi que salvou da loucura e a demencia?

LIX

«Ó noites passionaes, ó noites de ardentías!...
«de ardentías de fébre... e sonhos dementádos,
«quem vos déra ter hoje, em vez de tão máus dias!

LX

«Agóra nárra mais a estes varões togádos:
«que a mim absurdo é coimar-me de assassino,
«a fim de profanar bens, *por amor* só dádos!

LXI

«Dizem que resistiu-me e em casto desatino,
«fugiu, n'um alvorôço honesto e perseguido:
«a fim de se evadir ao meu ardor tigrino.

LXII

«Néga isto, ó casta flor, que achei presa ao vestido,
«tal como n'um saráu — *corrècta* — e a minha amáda
«em que nada se achou magoádo ou contundido.

LXIII

«A flôr da pudicicia... a flôr meiga e mimáda...
«não m'a deu o espumante arranco do assassino.
«— Deu-ma o mimo e o pudôr. Deu-a o Amor, não a Espáda.

LXIV

«Assassinar porquê? — Pelo roubo mofino? —
«Sou rico, e de ambições fui sempre fálho e isento.
«Nunca corsário fui. Desdenho o Oiro e o Destino.

LXV

«E agora próva mais — alvo botão sanguento —
«que tu sendo, qual és, tão *bréve e pequenino*,
«tens uns laivos aqui d'esse sangue cruento.

LXVI

«Mas como ocórre então, que a mim, réu e assassino,
«ninguem poude encontrar-me uns laivos sanguinosos
«de uma sangueira tal?! — Eis um favor divino! —

LXVII

«Mudaría eu de trájo? — Oh! não! Angustiósos
«instantes devorei, léguas, frágas, caminhos,
«voando a dar á Lei pormenor's horrorósos.

LXVIII

«Soluçando, corrí entre hervaçaes maninhos,
«recordando esse amor, caricioso e inocente,
«que eu passei, ao seu pé, ouvindo os passarinhos!...

LXIX

«Portanto, se o seu sangue assim correu fluente,
«ficando eu limpo, e tú com trez manchas apenas:
«se a não matáste tú — *cérto eu estou inocente!*

LXX

«Acabei, alva flôr. Pairo em regiões serenas.
«Tu demonstraste bem a uma Justiça tórta,
«como as mil trícas vís dos homens são pequenas!

LXXI

«Tua presença aqui foi-me útil e confórta.
«Tu arrasaste as vãs semrazões dos doutores,
«— branca e pequena flôr da minha *noiva mórta!*»

LXXII

Logo que me sentei, mil brádos, mil clamôres
e aplausos de emoção retumbaram na sála:
— brancas mãos femenís me juncáram de flôres.

LXXIII

O juiz fez calar tal celeuma, e com fála
de romano pretor, e com sobrôlho austéro,
assim me interpelou com tramas de cabála:

LXXIV

«— Quem supõe pois que fosse esse homicída féro,
«que violou a inf'liz, depois de chacinada,
«toda, n'um *mar* de sangue? — um *mar*, não exagéro.»

LXXV

Do banco levantei-me e com a voz turbada
pela ira e a indignação — fitei de frente os Láras
— e assim lhe retorquí, a mão hirta e espalmada:

LXXVI

«— Sei d'uns casos bestiaes, sei de umas cousas ráras,
«que a minha noiva quiz que eu me inteirasse outróra.
«e eu vou préstes aquí expôr a limpo e ás cláras!»

LXXVII

Mas quando eu ia a expôr, com rija voz sonóra,
alguem lançou na sala — em voz baixa e espaçáda —
de súbito esta fráse: — *Inda não é a hora.* —

LXXVIII

Volvi de chófre o olhar, com a testa enrugáda,
buscando em róda o autor da fráse curta e lenta
mas ví a sála toda espectante e *caláda.*

LXXIX

E a fráse repetiu-se. Então, minha alma atenta:
notou que a fráse extranha e em tom de quem exórta,
clamáva dentro em mim... como quem róga e alenta!

LXXX

Pezei bem o seu timbre, e quanto a dôr compórta,
com calma e sangue frio, outra vez escutei-a:
e distinguí, com pasmo, a de Theodóra, a *mórta*.

LXXXI

Votei-me ao sacrificio. — Extasiádo, a alma cheia
de infinda devoção pela *Mulher Radiósa*,
bradei: — Nada ouvirão. Condúsam-me á cadeia.

LXXXII

Mas o juiz urrou-me: — «Então d'esta assombrosa
tragedia passional, diga como, na ermida,
dar-se-ia, — quanto a sí — essa morte assombrósa!»

LXXXIII

«— Ninguem acusarei, respondí. — O homicida
«não me é dado apontar. — Mas foi com uma espada
«das sete que hão varádo a *Virgem Dolorósa*.»

LXXIV

«— Mas que homem penetrou na Capéla cerráda?»
Replica inda o juiz. — «Que é d'essa espada horrenda?
«Aonde o ferro, o gume, a lamina, a machádа?»

LXXXV

Nada mais retorquí. — A findar a contenda,
com um ar bonachão, meu patrono, em remáte,
róga clemencia á Lei e á Justiça tremenda.

LXXXVI

Recorda ao juiz que eu fui, já no fim do debáte,
com lagrimas na voz, um pobre doido hystérico,
e que sou inda hoje: — um zóte, um triste oráte!

LXXXVII

«— E' um doido! — exclamou. Um doido *mezentérico*,
«com a paixão sensual, mesmo das mais chués!...
«— Um doido não ha que vêr!... — Um doido bem quimérico!»

LXXXVIII

Em vista do arrasoádo e da minha mudez,
o juiz, d'ar pomposo e grossa voz roncante,
deu-me por pena, o víl, vinte annos de galés.

LXXXIX

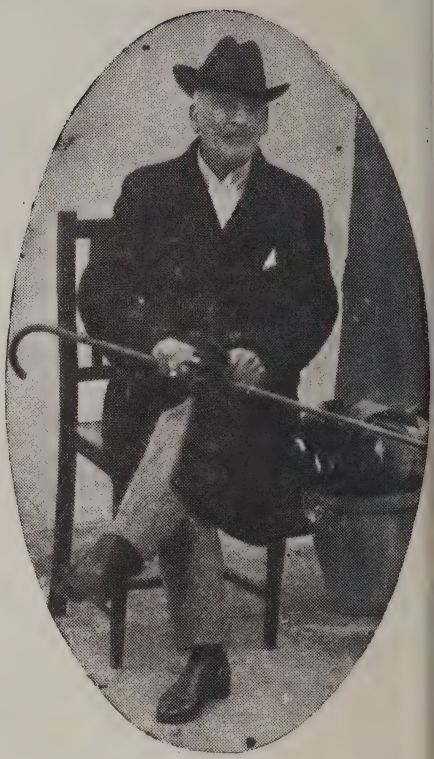
Saí, com a fronte alta e plácido o semblante,
no meio de uma plébe insultuosa e avinhada,
que me apodáva réu de um crime repugnante.

XC

Mas eu, sem a escutar, a vista errante e airáda,
gemía dentro em mim: — *Lá nas sagrádas lágens,*
no sangue a ví eu, sim! Mas onde jáz a Espada?...

Nota. A singular *defesa da flôr de larangeira*, feita pelo réu no seu processo, não déve sómente ser tida como uma defeza casta e delicáda: mas tambem arrasoáda com rigor. Apesar de ser original, é engenhósa e lógica máu grádo o ser subtil.

De facto: se a flor se acháva presa ao vestido de núpcias, decerto tinham-se celebrádo núpcias: — se as núpcias se haviam celebrádo espontaneamente, deveria ser com o réu, objécto ultimo dos disvélos da vitima: — se a flor se achava *correctamente posta*, como n'um *sarau*, não houvéra tal desfloração: — se o réu é que fôra o homicida, como é que não ficára intacta do sangue uma flor tão pequena, ficando imaculádo o assassino?... Mudaria elle de trajo? Não: pois corrêra imediatamente á Justiça, n'um galópe desenfreádo.



Em 1921

Do «*Chinelo*», 1900 — Desenho de Francisco Valença

A Verdade é uma densa para os filósofos, os santos, os poetas, os homens de bem. é uma furia para os pulhas, os meliantes, e uns que são mãos e são nulos, ricos, cifrões cortados.

Gomes Leal

AUTOGRAFO OFERECIDO AO SR. GOMES MONTEIRO,
DOIS DIAS ANTES DE FALECER

EM QUE AS PÉDRAS CLAMAM

Se estes homens se calárem, as pedras clamarão.
Dico vobis, quia, si hi tacuerint, lapides clamabunt.

S Lucas. xix. v. xl

I

Sabeis como tortúra o enigma do *Mystério*?
Sabeis como nos mórde e róe tyranamente?
Sabeis como verrúma o intelécto e o critério?

II

Sabeis como atribúla a alma do inocente?
Sabeis o que é que são vinte annos de grilhêta?
Sabeis quanto nos róe vêr esse Espétro em frente?

III

Sabeis quanto é atroz vêr os grãos da ampulhêta
roubar-nos, um e um, riso, ardôr, mocidade:
e sempre o *Enigma* alí... sempre essa Sombra preta?

IV

Pois assim eu sofrí. — Vinte annos, sem piedade,
a verrúma infernal da sangrenta charáda
me roeu... me roeu... me avelhentou na edáde.

V

Verrumou tenazmente o meu cérebro e a ossáda,
com esta obsessão — *atroz como a loucura* —
Quem matou a Theodóra? Aonde jaz a Espada?

VI

Mal supuz no hospital dos loucos — n'essa escura
tréva e inferno do horror — que inda algum dia houvéra
de descer inda mais na Ignominia e a Tortúra!

VII

E mal supúz tambem, nas galés — n'essa esféra
do Cynismo e a Abjecção — que eu não víra a amaréla
hora de mêdo horrendo e o suór que desespéra!

VIII

Ai! eu vía-a afinal. — Chego, leitor, aquéla
crise da minha vida agitada e angustiósa,
— que a voz me faz tremer e sêca põe-me a goéla.

IX

Vou narrar como foi. — A tragédia espantosa
julgára-a finda já, quando, *a pena cumprida*,
ví, de novo, o *alcaçar* e a fachada ruinósa.

X

«Lá está a torre alta... a torre carcomída...
«cheia d'hera tenaz... os lichens das ruínas...»
— disse eu, onde abracei a *Fórma estremecida*.

XI

«Lá estão, no Azul amádo, as airósas colinas,
«onde a ví a caválo, a doce vez primeira,
«e uma outra em que beijei-lhe as mãos brancas e finas!...

XII

«Lá estão tambem, sorrindo, a acácia e a amendoeira,
«entornando alvas flor's, nas aguas correntías,
«e o alegre lavadouro, ao sol, da lavadeira!...

XIII

«Eis a máta ancestral de bástas ramarías,
«onde eu passei com Éla as horas religiosas
«das mil deleitações... pelas lúas macías!..

XIV

«Só não vejo os chorões e as dáhlias gloriosas,
«e o sedoso capim das orvalhadas ervas,
«onde vinha bordar, pelas tardes leitósas!...

XV

«Cuido ainda lobrigar duas das velhas servas,
«pela hórta arrastando os tamancos taxeádos :
«e as estatuas feudaes... as Júnos... as Minervas,

XVI

«téem mil mutilações e os narizes quebrádos...
«O tanque cheio está de folhagens limósas...
«As bicas mostram sêde... Azulejos rachádos...

XVII

«Na janéla do Sul, de cortinas fumosas,
«lá está da bibliothéca a velha sála austéra
«onde Ela vinha lêr, pelas noites pluviósas!...

XVIII

«A sua face, então, solarenga e sincéra
«tinha esse augusto ar de àtenção e recáto,
«das damas de Brabante, em salões d'outra éra

XIX

«Eis, com ranço e bafio, emfim todo o aparáto!...
«Só, na torre noival, vém a Lua, altas horas,
«de lampada, e de branco, espreitar seu retráto».

XX

Assim transía eu, nas solidões sonóras,
a minha angustia, ao vêr a face escalavráda
d'esse velho alcaçar... sem faunas e sem flóras...

XXI

Todas as noites ía, em roda da tapada,
— quasi sem cáça já — recordar tempos idos,
reacender os tições da minha alma engelháda!

XXII

Mas, n'uma noite atroz... dois vultos escondidos,
arrojáram-se a mim e amarráram-me os braços :
— tal e qual como é praxe em lendas de bandidos.

XXIII

Fizéram-me descer, com estugádos passos,
carunchosos degraus... aos clarões de uma véla...
fumósa, n'um ar frio, extranho, d'écos báços.

XXIV

Quando acabei emfim de descer toda aquéla
escada, que eu supuz a lómbada do Abysmo:
— encontrei-me, por fim, na vetusta Capéla.

XXV

Ao centro um tribunal — Ah! quando, hoje, em tal sísmo
os cabêlos, em pé, se me erriçam, geládos:
— e esfría-me um suór, como n'um cataclismo!

XXVI

Presidía a uma mesa escura, ornamentada
de um Cristo gigantesco, o mais velho dos Láras:
— aquêle cuja vida éra mais torpe e airáda.

XXVII

Alguns outros tambem empunhavam as varas
da Justiça — irrisão! — e os mil clarões das tochas
punham laivos de sangue em suas rúdes caras.

XXVIII

Dír-se-íam lobos máus que descessem das rochas:
acossádos da fome, o frio, ou da inverneira:
— ou toireiros bestiaes aguçando garróchas.

XXIX

Ia julgado ser pela familia inteira.
Como em tempos feudaes, armavam-se em juizes
os Láras — A balança atirada á enxurdeira!

XXX

O velho Lára, então, com géstos infelizes,
alpéstres, buzinou, com uma voz tonante
como um clarim que espanta as frageis codornizes:

XXXI

«— Nós, os Láras a tí, *padre maldíto e errante*,
«mandamos-te, por Deus! que confesses o impúro
«sacrilégio, homicidio, e estúpro repugnante.

XXXII

«Não procedendo assim, com ar contrito e puro,
«condenamos-te a sêr — sem remedio ou perdão —
«vivo, entaipado aquí, entre os mortos, no múro.»

XXXIII

Que impiedade feroz! — Com angustia e aflição,
olhei em roda... e ví os archotes roxeados...
enturvando este quadro atroz da Inquisição.

XXXIV

Mas, no meio de cem sinistros mascarádos,
dois d'elles enxerguei sem mascara: — os sicários,
testemunhas venaes — dos Láras salariádos.

XXXV

Alcei a voz e disse: — «Emprázo estes falsarios
«a que afirmem que hão visto o enláce na Capéla:
«— por Deus! por Cristo! os Sóes! os Astros! os Sacrários!»

XXXVI

« — Juramos não ter visto». — Eis a resposta. — A ela,
um Lára alçou a voz, e clamou: — «O carrasco,
«que cumpra o seu dever. Múre-o na sua céla.—»

XXXVII

Confesso que tal morte aterrou-me, com asco,
repulsão, mêdo, horror... O algoz, impaciente,
empurrou me, sem dó, com um selvagem chásco.

XXXVIII

Lutei com o algoz com músculo valente.
Derribei dois ou tres... estrèbuxei nas lágens...
— Desamarrádo já debatí-me fremente.

XXXIX

Mas nada me valeu. — Não póde haver imagens
que pintem a expressão dos meus olhos abertos,
com horror sem egual!... qual morto nas carnágens.

XL

Óra alongava em torno os meus olhos incertos,
procurando a evasão; — óra, com altos gritos,
suplicáva os chatins de mascaras cobértos.

XLI

Via-me já murádo, e os meus olhos aflítos
lobrigávam o horror das trévas *infindaveis:*
— á fome, á sêde, ao frio, em meio de detritos...

XLII

Consegui levantar-me e espumando e arquejando.
com custo, articulei: — *Júro estar inocente.*
E o Lára regougou: — *Próva-o* — achincalhando.

XLIII

— «Intímo-vos, por Deos, mais o Cristo clemente,
«que a verdade digaes!» — E encarei os falsarios
que me haviam negádo alí, ignóbilmente.

XLIV

Ninguem me replicou — Vendo estes salafrários
múdos no seu desdém, vendo tão vis abórtos,
uivei, alçando a mão sobre esses sanguinários:

XLV

«Respondo como o Cristo aos Phariseos absórtos:
— «Já que vós, homens vís, caláes minha inocencia:
«*clamem-na, por vós, estas pédras dos mortos!*» —

XLVI

Disse isto, por dizer, e quasi sem consciencia...
Sómente como alívio e como um desafogo
ao inaudito atentádo e á inarráda violencia.

XLVII

Mas, mal eu terminei... *Como o narrar?*... Eis logo
houve um abalo enorme, assombroso, extra-humano,
como se a antiga Tréva escutasse o meu rógo.

XLVIII

Toda a gente enfiou a tal motin insano.
As campas se hão chocádo... e ví pédras, nos ares,
virem matar, fendendo, os espiões do tyrano. (1)

XLIX

Um vento, não sei d'onde e dos mais singuláres,
as luzes apagou: — e uma alva claridade,
pairou, mui semelhante á da Lua nos máres (2).

L

Um suor me correu d'angustia e d'anciedade,
um terror me esfriou, as pernas se chocáram:
— que os *mortos*, a tal luz, transiam, na verdade!...

LI

Na tréva eu disse então: — «Como os vís se caláram,
«proclamando a inocencia e a justiça d'um réu,
«as pedras se hão erguido, e, em vez dos vís, clamáram!»

LII

O Lára replicou: — «Não calunies o Céu.
«Quem é que, a teu favor, a voz levanta ou fála?...»
— Da treva, muito ao longe, uma voz disse: — *Eu.*

LIII

Um tremor sem egual os membros nos abála.
Toda a gente volveu os olhos para o escuro,
d'onde vinha essa voz. — A voz vinha da vála.

---

(1) Tem-se visto d'estas violencias singulares dos Espiritos.
(2) Luz usual nas evocações.

LIV

Vinha da campa chã, da parte opósta ao muro
que me iría entaipar — da campa de Theodóra —
que um prodigio fendeu como um frúto madúro.

LV

E *Ela* estava de pé, de branco, como a Aurora:
a mão um tanto alçada, a figura serena,
e um terno não sei quê, que extasía e enamóra.

LVI

O Lára enlividou. — Ella diz: «Tenho pena
«ter de vir acusar *estes* que *foram meus,*
«mas a Verdade príma a convenção terrena!

LVII

«Por causa d'um incesto horrendo sob os Céus,
«por uma violação, inaudita e sem nome,
«d'um irmão contra irmã — eu nasci, Grande Deus!

LVIII

«D'ahi, meu negro lúto. — A Morte, que tem fóme
«insaciavel, resguarda ha muito os ossos frios
«da que foi minha Mãe e que hoje a terra cóme.

LIX

«Quando quinze annos fiz, — quinze annos bem sombrios! —
«minha Mãe, sobre o altar d'essa *Virgem Escura,*
«narrou-me o caso atroz que me faz calafrios.

LX

«E sobre aquelle altar constrangeu-me a esta júra:
«— júra que faz lembrar os vótos d'outras éras —
«de nunca amar ninguem, de sêr virgem, sêr púra!

LXI

«Regou a historia então com lagrimas sincéras
«e constrangeu-me a odiar o Amor como um tyrano:
«— *Monstro lindo e feroz, Páe de monstros e féras.*

LXII

«Aludiu minha Mãe a outro caso inhumano:
«Narrou-me que meu páe — páe que eu não conhecí —
«sucumbiu, por ardíl, a um assassíno insano.

LXIII

«Tudo isto que revélo assim fielmente o ouví.
«O assassinádo jaz em chão rúde e maninho.
«Minha Mãe está no Céu — O assassino está alí.

LXIV

«E' o Lára. — E' aquele, o mais velho e daninho.
«E' esse que encontreí, sempre astúto ou arteiro,
«navalhando-me, sempre, em pé, no meu camínho.

LXV

«Na noite de noivado, Ele só, traiçoeiro,
«é que fez derribar esse braço da Santa,
«que, tombando; ruiu o capelão, certeiro.

LXVI

«Aquêle que ali jaz e não mais se levanta
«é um dos espiões. — Vendido estava ao Lára
«e tudo denunciou. — Quem viu perfidia tanta?

LXVII

«Do meu noivádo inf'liz na noite horrenda e amára,
«dois d'esses espiões, ocultos na Capéla,
«pretendiam roubal-a... e eis se acham cára a cára!

LXVIII

«Quando eu descí da torre, empunhando uma véla,
«— por minha morta Mãe *crendo ser perseguida* —
«ocultáram-se os dois, de novo, com cautéla.

LXIX

«E quando eu me matei, alucinada e ardída
«da febre, *e em mim cravei uma espáda da Virgem*,
«guerreáram os dois em brúsca arremetída.

LXX

Lutáram, corpo a corpo, entre sí — na vertígem
da cubiça feroz dos meus ráros brilhantes:
— com o barbaro ardor dos barbaros na origem.

LXXI

«Mas um, tráva da espada, os olhos flamejantes,
«chacína o seu contrario, a face convulsáda,
«uma lagem arranca e enterra-o em dois instantes.

LXXII

«Ide do morto vêr a carcassa crispáda!
«Fendida a campa está, como a minha, e vereis
«entaipáda tambem, ao pé, a *oculta espáda*.

LXXIII

«Eis prostrados, portanto, os trez entes crueis,
«os espiões servis d'este drama funèreo:
«— punídos todos tres por mysteriosas leis!

LXXIV

Aquí foi o seu crime e aquí seu cemitério —
O Réu está inocente. Ao pé do morto, a *Espada*.
— Eis do confúso enigma aclarádo o mystério.

LXXV

Emquanto aos Làras vís, de execrável nomeáda
não os mateis, olháe. — Não lhes toqueis n'um dedo,
nem n'um cabêlo só, com lamina, ou machádа!

LXXVI

«A causa d'este aviso é oculto segrêdo.
«— *Alguem* os quér punir, com rigor, na verdade.
«— *Alguem*, de cujo nome Anjos e Sóes têem mêdo.

LXXVII

Esse puniu-me já da iníqua leviandade
com que ultrajei o Amor. — A Força das alturas
é a excelsa, a imortal, a tremenda *VONTADE*.

LXXVIII

«Em vez de Força, Fé chamam-lhe as Escripturas.
«Força ou Fé faz amar Virgens, Estrelas, Féras.
«E' quem faz estalar pedras das sepulturas.

LXXIX

«A alma, a rocha, a flôr, as plantas, as anthéras,
«tudo a faísca tem d'esta *Vontade* sã,
«que atráe mesmo Lusbel aos gíros das Esféras.

LXXX

«No abysmo, Lusbel chóra a estrela da Manhã.
«Pela Vontade, aos céus treparão Bórgia e Néro.
«Satan amará Deus, Deus perdoará Satan».

LXXXI

Deus perdoará Satan — gemeu ô éco austéro.
Deus perdoará Satan — disse o Lára corrúto,
abaládo, por fim, no seu coração féro.

LXXXII

Deus perdoará Satan — bradei irresolúto.
Deus perdoará Satan — chorar o algoz se atréve.
Deus perdoará Satan — tórna a Mulher de luto.

LXXXIII

Deus perdoará Satan — concluiu n'um tom bréve.
E deixando-me em pasmo .. atónito... assombrádo,
agitando alva mão, esvaiu-se, no ar léve.

LXXXIV

Theodóra! — emfim chorei — honra e vida me hás dádo!
Bemdito o augusto Amor que estála e fende as lousas!
— *Tu hás vencido a Sombra!*... e caí, desmaiádo.

A MORTE DO CORVO

EPILOGO DO PROCESSO [1]

I

Já sobre o caso atroz, doze anos são passados.
Doze vezes a néve ha coroádo os outeiros.
Doze vezes o Inverno esfolhou os valádos.

II

Doze vezes a chuva engrossou os ribeiros.
Doze vezes o vento ha chorádo nas vargens.
Doze vezes Dezembro ha despído os salgueiros.

III

E eu sempre a meditar — qual naufrago nas margens —
no arruinádo solar de desfolhada flóra,
na *Torre de marfim*, cheia d'hervas selvagens.

IV

Só minha alma não múda — ó pálida Theodóra! —
Só eu, de dia e noite, arrásto esta saudáde
de não poder ouvir a tua voz sonóra!...

V

Quantas vezes te *evóco!* — A' tarde, á suavidade
do languido arrebol, nas folhas dos olmeiros,
no poente, e ao luar, nas trévas, na anciedade...

VI

— Sinto o teu passo aério em róda dos canteiros,
— sinto o teu môrno báfo ás horas das vigílias,
— estremeço se um sôpro agita os reposteiros...

---

[1] Este epílogo foi escrito, tempos depois, na alta torre do noivádo.

VII

Eu sei que estás ahi! — O sol cáe entre as tílias
e expira, em convulsões, arroxeando as plantas,
eu fito o teu retrato, e esqueço as vãs quizílias...

VIII

N'este dia senti consolações bem santas!...
Terminei o processo em que descúbro a charra
traição dos Láras, vís, chatins e sacripantas.

IX

Terminei — gloria a Deus! — a historia em que se nárra
as vís maquinações d'esses torpes bandidos:
— que hão forçado caixões, como da hyéna a garra.

X

Aqui deixo estampáda a historia dos latídos
d'esses lobos cervaes, em roda d'uma ovelha
inocente e indefeza, a estorcer-se em gemidos!...

XI

Aqui deixo o teôr da tragédia vermelha,
ao asco e à indignação das almas inocentes,
e tudo que a *Moloch* não se encurva e ajoelha.

XII

Aqui te desafronto — ante os homens e as gentes —
das calúnias chués que te hão lanhádo o seio,
e feito gotejar prantos bem comoventes!...

XIII

Por mim, tudo esquecia. — O que importa o receio
da dolósa opinião d'um mundo de impostura,
ao sabio e ao infeliz que só p'ra sofrer veio?!...

XIV

Por mim, tudo esquecia. — Os prantos d'amargura
que me hão laivádo a face e as palpebras dorídas,
tudo isso ha de esponjar o pó da terra dura! —

XV

Por mim, tudo esquecia. — As chagas e as feridas
que me hão rasgádo fundo as insídias danósas,
— nas ervas, florirão em brancas margarídas!...

XVI

Mas, por ti, não perdôo. — As linguas insidiósas
de certo hão de escaldar-se ao nitráto irritante:
— e ellas fumegarão sob as brázas queimósas.

XVII

Tu ficarás aqui, neváda e radiante,
com puro e nóbre tráço, indelével, certeiro,
— como a um cristal recórta a arésta de um brilhante.

XVIII

É ao que aspiro só. — Ao desagrávo inteiro
da tua honra imortal, Sombra lutuósa e fria:
— por que eu, por mim, só quéro uma cruz n'um terreiro!

XIX

O que é hoje a minha alma? — Azinhága sombria.
O que é hoje o meu lar? — Uma torre em ruinas.
Onde está meu amor? — Sob uma lagem fria.

XX

Não. N'uma lagem, não. — Está nos azues espaços
onde pairas, dando ais, rasgáda d'uma Espada,
— chorando a privação do colar dos meus braços!...

XXI

Está na pura mansão, religiosa e invioláda,
onde um dia hei de vêr-te e seguir os teus rastos,
—qual ségue o cordeirinho a mãe, pela orvalháda!...

XXII

Está nos prádos de luz, infindaveis e vastos,
onde te hei incensar, d'um *Zaimph* cobérta: (1)
— e beijar o pudor d'esses olhos tão castos!...

---

(1) *Zaimph* éra o manto resplandecente, todo de prata e brilhantes, da deusa *Tani*, em Carthágo.

XXIII

Quando eu bradáva assim — pela janéla abérta —
entrou um Côrvo atroz, de fórmas colossaes,
d'áza luzente e negra e a marcha vêsga e incérta.

XXIV

Pousou na secretária onde eu escrevo, aos ais,
e com olhar sinistro e o acento lacrimoso,
— trez vezes a seguir, soluçou: — *Nunca mais!...*

XXV

Maldito Côrvo horrendo! — exclamei furioso —
Não venhas infiltrar-me o odiento Desespero:
—*por que eu creio no Amor eterno e vitorioso!*

XXVI

Não. — A Morte não é o fatídico *Zéro*,
onde váe findar tudo, e onde tudo se sóme:
— tanto o Rei e o Pastor, como Jesus ou Néro!

XXVII

Creio no Amor, vencendo o pó que as coisas cóme,
e alando-se às regiões inefáveis e astraes:
—Andorinha da Luz, das estrelas com fome!

XXVIII

Quando eu isto exclamava, em fráses passionaes,
o Côrvo saltitou pela alcôva e, gemente,
— trez vezes, a seguir, soluçou: — *Nunca mais!...*

XXIX

—Maldito Côrvo atroz, ó Côrvo, impenitente,
eu bem sei quem tu és!... E's o Côrvo lendário,
—o Côrvo que ouviu Pöe, o hystérico vidente!

XXX

Quantas vezes não tens, n'esse tom funerário,
os Tristes afligído, as Irmãs, as Amantes,
—e a pobre Mãe transída, ao pé do seu larário! ..

XXXI

Quantas vezes não tens, como os comediantes,
provocádo, n'um tom vasío, mas plangente,
— os desesp'rados ais e as lástimas uivantes!...

XXXII

Eu bem sei que tu és um passaro insciente.
Mas, n'essa negra áza e esse rytmo sombrío,
— só vejo o *Desespero* informe e dissolvente!

XXXIII

Quantas vezes não tens, junto a um cadaver frio,
às luzes dos brandões, e a um barbaro latim,
— roçádo os corações de um pávido arrepío!

XXXIV

Foste tú que aterraste Eva no seu jardim,
— nossa lendária Mãe — com seu pranto não visto,
— chorando, esguedelháda, o que matou Kain.

XXXV

Foste tú, n'esse tom de dôr e escarneo mixto,
que afligiste Ramá — e, em certa Sexta Feira —
— ousáste espicaçar o cadaver de Cristo!

XXXVI

Foste tú que afligiste a Nióbe primeira,
e atravessaste a alma, errante e espavorida
— da pobre Héro, a uivar, na escarpa sobranceira.

XXXVII

Foste tú que mataste a Julieta dorída,
e, um dia, esvoaçaste e pousaste no esguío
— técto do Fausto... olhando a morta Margarida.

XXXVIII

Foste tú que ululáste, um dia, no sombrio
cypreste, e déste a Hamleto a nota desolante
— d'Ophélia, mórta em flor, boiando à flor do rio.

XXXIX

Só não desanimáste a alma férrea do Dante.
Mas quebráste a energia ao scético Manfredo,
— quando, altas horas ia, olhar o Céu radiante.

XL

Foste tú que pousaste, um dia, no arvoredo
do túmulo onde o Tasso, erguendo a voz divina,
carpiu e soluçou por Leonor, mórta cedo!...

XLI

Foste tú que maguáste a mystica bonina,
a Rosa de Saron... e anavalháste o peito
de Camões, lastimando a loira Catharina.

XLII

Foste tú, Côrvo infame, iníquo, sem respeito,
que esguedelhaste Arfet, na sôlitaria ilha,
—abraçáda do noivo ao descarnádo peito.

XLIII

Foste tú, — Côrvo víl — peór que a mancenílha,
que enfebreceste o magro e ancioso Tintureto,
— chorando e retratando o cadáver da filha.

XLIV

Foste tú quem murcháste as flor's de Capulêto,
quem Cordélia ceifaste... a chorosa Graziella...
e perseguíste Pöe com um tôrvo esqueleto.

XLV

— Pois bem — Vou-te esganar a funérea goéla.
Não mais da infame gorja expellirás os ais
da Negação fatal, desesp'ráda, amarêla!

XLVI

E para elle arranquei, com olhos passionaes,
com a íra a chispar — Mas o Côrvo, á ameáça,
trez vezes, a seguir, soluçou: — *Nunca mais!*...

XLVII

— Vou-te arrancar a lingoa, arauto da Desgraça!
clamei — e, d'esta vez, segùro, decidído,
fechei a porta á chave e corrí a vidráça.

XLVIII

Durante certo tempo, o Côrvo, estarrecído
da minha decisão, no firme olhar ferino:
esvoaçáva, alto... excentrico... aturdído.

XLIX

Mas emfim empolguei-o e em fúlo desatino,
arrancando-lhe a língua, arremessei-o ao chão,
trez vezes a seguir. — Além dobrava um sino.

L

Trez vezes o arrojei, com colérica mão,
ás paredes da alcôva — e outras trez ao sobrádo —
— té que emfim expirou na extrema convulsão.

LI

Morto estava afinal. — Já frio e estiraçádo,
inda cuidava ouvir o seu thrêno aziágo:
o horrendo *Nunca mais!* no ar môrno e caládo.

LII

Já mais calmo, porém, com ar de sonho vago,
da janéla acerquei-me e olhei o Céu profundo:
— celestial como o azul de um helvético lago.

LIII

Não mais *Elle* uivará os seus ais n'este mundo!
Não mais infiltrará seu negro Desespêro
nas Amantes, nas Mães, no Triste, o Moribundo.

LIV

E eu calmo expirarei — O *lutuoso Zéro*
não me aterra, Theodóra, ó grande Desgostosa.
— O' trágica Visão, amo-te... creio... espéro!

LV

E quando a *Sombra* emfim... a *Sombra* tenebrosa...
se acercar d'esta torre, onde eu tanto carpi,
— e, com dedo espétral, me apontar para a lousa,

LVI

extático, direi, mãos alçadas p'ra tí:
Matei o horrendo Côrvo aziágo das almas.
— Imolei-o ao Amor. — *Eis-me aqui!... Eis-me aquí!...*

FIM

CARTAS A' MULHER DE LUTO

Éra nosso intuito publicar, no fim d'este volume, as cartas *verdadeiramente dilacerantes*, que o heróe do poema escreveu á *Mulher de luto :* — mas, como ellas estão divididas em duas partes, uma em prosa, outra em verso, que não caberiam aqui e que melhor cabimento terão n'outro livro especial, sómente daremos algumas poesias que formam a segunda parte, e que o *sacerdote excommungado,* o amante calumniádo e poluído, o homem condenádo inocentemente aos ultrages maiores da Justiça Humana, o coração orfão dos carinhos da incomparavel Morta, intitulou o *De profundis da Dôr.* A primeira composição, que publicamos pela ordem que nos pareceu cronológica, intitulada *Sonetos Kabalísticos*, ou é pura composição de fantasía, ou é alusiva aos seus dias de desespero e de vesania, em que fazia evocações aos espiritos inferiores, como se deprehende do canto intitulado *Ruinas de um teátro.* A poesia intitulada *No alto mar* é, de certo, recordação das noites luarentas e desoladas, quando partia para o seu degrêdo afrontoso. A *Casa deserta* e o *Viuvo*, — esta ultima sem ríma — como frequentemente usáva, e melhor se apreciará na coléção que publicaremos, — evidentemente pertencem já ao periodo do regresso das galés, muito antes, porém, de estarem escritos os ultimos dois capitulos do seu processo. Quanto á que termina esta pequena amostra que publicamos, *Miserére Mei!* — a qual faz lembrar algumas das passagens mais aflitivas e desoladoras do poema lutuôso de Job, esta é, evidentemente, tambem escrita no periodo mais agúdo da sua desolação, muito antes decerto da *Morte do Côrvo.* Eil-as pois por esta ordem:

O DE PROFUNDIS DA DÔR

SONETOS KABALISTICOS

I.

Sonnia fallaci ludunt temeraria nocte.
CATULLO.

A EVOCAÇÃO

Eu que fui, n'outro tempo, um fátuo heróe de sála,
e folgava em guiar ligeiramente um *bréack*,
dediquei-me hoje todo á *Sciencia Oculta*, escála
ao cimo da qual fulge o grande Allan-Kardec.

Muito embóra eu revéle o meu mysterio, ou péque,
direi que n'um logar, que inda *emoções* exála...
como Hoffman as visões, os seus sonhos Tiék,
— fantasmas evoquei, com rítos da Kabála.

Da meia noite ao dóbre, evoquei dos Avernos
o Rei das grandes dôr's e dos lútos eternos:
— Satan, para me rir, e para o chasquear.

Mas Satan amostrou-me ao coração exausto
uma visão lutuósa e que excéde a do Fausto...
— cujo chôro imortal inda me faz chorar.

II

O ESPÉTRO

Na fronte sideral cingia trez diademas.
Veláva-a, té aos pés, um véo da côr do lúto.
Baixinho soluçava o seu lábio impolúto.
Nos pulsos, e nos pés, tilintavam algemas.

Quem póde — clamei eu — Joia que val' cem gemas,
indif'rente escutar, com frio olhar enxúto,
os écos dos teus ais? — Quem foi o dissolúto
que ao pégo te arrojou das aflições supremas?...

Mas Satan gargalhou: — «Vou-te gelar as veias!
Atenta e fíta bem essas grossas cadeias,
se o nome quer's saber do sedutor maldíto!»

Com ancia, e com pavôr, meus olhos as olháram.
Mas os cabêlos, logo, em pé, se me erriçáram.
— Do Espétro nos grilhões meu nome estava escrito.

III

O CRÉPE

« — Quem és tú? Quem és tú? Sombra silenciosa,
«que eu lancei, sem cuidar, no *infindavel Abysmo?*...
«Pergunto-o ao coração, mas por mais que em tal sísmo,
«só treva ácho em redor, confusão espantosa.

«Ergue, pois, o teu véu, ó Sombra lacrimósa!
«embóra trema o sólo, ou rúa um cataclismo,
«pois teu pranto convulso, o teu ar, teu mutismo,
«despenham-me, sem dó, n'uma noite lutuósa.»

Assim clamáva eu. — E, com um punho audaz,
pretendía arrancal-a ás mãos de Satanaz,
rojar seu véu ao chão, fitar o rosto seu.

Mas o Espétro, evitando o meu gésto atrevido,
retirou-se, soltando um soluço *inouvído*...
— Como Isis, deusa á qual ninguem ergeu o véu.

NO ALTO MAR

I

Pádre maldito! expulso dos teus lares,
vibra a tua harpa e chóra,
Canta e solúça na amplidão dos máres,
da meia noite á auróra.
Que te impórta que te hajam infamádo,
se o seu Verbo é poeira?...
Levanta a harpa de David caída,
róça nas cordas tua mão dorída,
róça-lhe a alma... e chóra á ventaneira.

II

Onde jázem os lyrios de Ephraim,
e os cédros de Bazan?...
Onde pástam as cabras de Galad,
nos rócios da manhã?...
Onde passam agora as caravanas
de Tyro, formidaveis,
e quem bébe, nas calmas, pela estía,
a água de Siloé clara e macia,
— e as águas de Bethlem tão desejaveis?...

III

Onde jázem agóra os velhos mouros
da velha *Jersaquem?*...
Onde chóra Ramá filhos futuros,
aonde jaz Sichem?..
Onde se eléva agora a Cidadéla,
toda de oiro e marfim?
Que é da minha *alma*, iluminádа e em gálas?
— Vejo um padre demente, a errar nas sálas,
e a chorar: — *Ai de mim!*

IV

Onde jázes ó Poestum perfumada,
reclináda em junquilhos?...
Onde estás Babel rubra e fabricada
com vermelhos ladrilhos?...
Que vále hoje essa pompa, vã Pompeia,
cidade dos pavôres,
ó Tumba do silencio e da tristeza,
com cem convivas livídos á meza:
— *mortos*, alçando as taças, entre flôres?...

V

Assim és tu, minha alma. — Estas ruinas
são pèdras sem raizes.
Já não téem sombras, águas, nem colínas,
nem paisagens felizes.
As *Ilusões* são os convivas mortos,
em salas silenciósas.
Já não téem labios com calor de beijos.
Não téem cantos, esp'ranças, nem desejos,
— e alçam as taças, com já mortas rosas.

VI

Padre maldito! expulso dos teus lares,
vibra a tua harpa e chóra.
Canta e solúça na amplidão dos mares,
da meia noite á aurora.
Canta ó *Viúvo*, ó Doido, ó Desterrado,
sem ter eïra, nem beira.
Pulsa a tua harpa, padre excomungádo!
Róça nas cordas o teu éstro irádo.
— Róça-lhe a alma... e chóra á ventaneira.

A CASA DESÉRTA

I

N'aquéla casa ornada de giéstas,
com partídas vidraças,
já luziram clarões de lautas festas,
ao retinir das taças.
E n'essas velhas sálas poeirentas
com velhas galerías..
e nas ruas do párque sonolentas,
não estrúgem risadas turbulentas:
— nem a Música entorna as melodías.

II

Nunca mais passearei nas alamédas
do parque, solitárias!...
Atúlham folhas sêcas as verédas,
crescem as pariétarias,
Nunca mais, pelos múrmuros caminhos,
soarão nossos beijos...
Nunca mais olharão nossos carinhos
os olhos joviaes dos estorninhos,
— e os pagens e ermitões dos azulejos.

III

Onde estão essas tardes tão clementes,
as afáveis tardinhas...
em que iamos dar frútos e sementes
e grãos ás andorinhas?...
Onde estão esses tempos de amor cheios,
em jovial cavalgáta,
pela sanguinea auróra, entre gorgeios,
e onde os tempos dos languidos passeios,
— á lua errando entre os chorões da máta?... (1)

---

(1) Esta poesia desoláda, em que predomina a desesperança do *Nunca mais!* foi escríta, evidentemente, antes dos dois ultimos capitulos do seu processo: — muito antes da sua visão, e da *Mórte do Corvo*.

IV

Nunca mais volverão esses bons dias
de orquéstras matinaes,
com árias pastoris de cotovías
e *alégros* de pardaes!...
Tú semelhavas dama donairósa
do saxão rei Arthur.
Invejáva-te a pelle a espúmea rosa,
cortejava-te a dália, essa preciosa:
e as mimóseas diziam-te: — *Bon jour!*

V

Nunca mais cantarás a *Traviáta*,
e o Chopin, meus delirios,
quando a Lua ábre o pálio côr de práta,
e Vénus jóga lyrios!...
Nunca mais ouviremos, n'um loureiro,
de alguma rôla as máguas.
Nunca mais, da magnólia ao môrno cheiro,
olharemos a folha de um salgueiro,
— qual viajeira *miss*, á tona d'águas.

VI

Hoje tudo mudou. — Hervas daninhas
invádem a Capéla.
E os *myosótis* e as alvas campainhas
gémem: Onde está Éla?..
E, quando eu, dando curso ás minhas dôres,
solúço: *Theodóra!*...
Á Lua báça e cheia de livôres,
o éco, pelos largos corredores,
responde ao longe, tristemente: — *Outróra!*

VII

Tudo é desolação, tudo é deserto! —
No quarto solitário,
fêz-me chorar vêr teu romance abérto...
Morreu o teu canário.
Tudo fála de ti: télas poentas,
murchas flor's, joias frias.
E quando o sino, além, tange trindades,
(como um ai, um suspiro de saudades)
géme o piano... ao dar *Ave Marias*. (1)

(1) Hora em que morreu a *Mulher de Luto*.

O VIÚVO

I

Como eu móstro em meus olhos uma Éça,
levantáda em minha alma, sem tocheiros,
sem búxo, círios, liturgías barbaras,
mas *trévas interiores...*
as jovens que me vêem mágro e ascético,
— como o leproso da cidade d'Aóste, —
móstram-me, umas ás outras, cochichando:
— *E' elle! E' o Viúvo!*

II

As andorinhas dos telhados róseos,
e dos beiraes florídos — ou nos nichos
das catedraes musgósas — dos Apóstolos
nas barbas chilreando...
Ao vêrem-me enroupado em negros trajos,
silente, esguío, passar rente aos muros,
maguádas, suspiram, dando ás azas:
E' elle! E' o Viúvo!

III

As larangeiras e as Saudades rôxas,
Scabiósas de funestas côres,
teorías de cyprestes pensativos,
amóras côr do lúto...
mais as magnólias castas á tardinha,
suspirando, como harpas melindrosas,
queixósas gémem, meneando as folhas:
— *E' elle! E' o Viúvo!*

IV

Eu não estou doido, não. A mão da Angústia,
tão férrea! — não varreu-me todo o Intelécto.
Sim: oiço os choupos e amarélos lagos,
mais as párdas lagôas...
e as portas dos palacios em ruinas,
lastimosas chorando nos seus gonzos,
e o catavento: — á chuva rechinando:
— *E' elle! E' o Viúvo!...*

V

Como o leproso vindo das Cruzádas,
como o maldíto, nas papaes cidades,
como o histrião na *Côrte dos Milagres*,
esgueiro me entre as turbas...
E cóço a lépra da minha alma em lúto,
que faz clamar ás bordadeiras loiras,
mais aos mendígos das egrejas velhas:
— *E' elle! E' o Viúvo!...*

VI

Hontem entrei n'uma baiúca infame,
— n'uma taberna de bandídos réles —
pois que eu desci ás espiraes misérrimas
do lameiro de Jób!...
E até estes de mim se condoêram,
e remechendo os sórdidos barálhos,
rosnáram baixo, meneando as frontes:
— *Ai d'elle! E' o Viúvo!*

MISERÉRE MEI!...

I

Eis-me sentado só, na *Rua da Amargura*,
como um mendigo vil, de rôta capa escura,
sem ter pátria, nem lei.
Descí, mais do que Jób, ao lameiro corrúto.
— O' piedosa Mulher das tranças côr do lúto,
Miserére mei!...

II

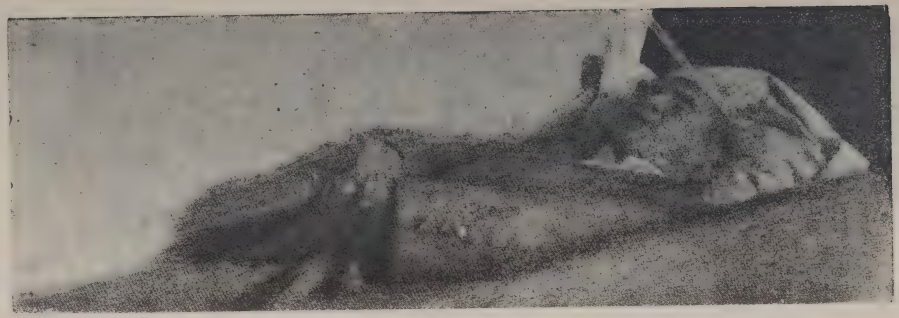
Por teus olhos subtís, mais ráros que as safíras,
as áras poluí, fiz a batína em tiras,
minha estóla rasguei.
Agora sou *Dagon*, Rei das dor's insondáveis.
— O piedosa Mulher, dos olhos admiraveis,
Miserére mei!...

III

Por teu amor, descí ás trevas lacrimosas.
Por teu amor, vaguei nas ruínas leprósas.
Por tí, uivei, chorei,
nas galés, hospitaes, na Insónia, na Demencia.
— O piedosa Mulher, Senhora da Clemencia,
Miserére mei!...

IV

Como Saúl, cruzei as estradas devassas.
Nos cardos, nos tojaes, nas alfurjas, nas praças,
os farrápos larguei
da minha alma sangrenta, estreláda em martírios.
— O' piedosa Mulher, dos dedos côr dos lyrios,
Miserére mei!...



No leito da morte

O enterro: Os estudantes e carro funerario na Rua Moraes Soares

V

Por teu amor, desci ás pávidas gehénas,
dos não ouvidos ais, das não ouvidas penas.
Por tí, eu blasfemei.
Por tí, eu me estorci nas palhas da enxovía...
— O piedosa Mulher, Flor da Melancolía,
Miserére mei!

VI

Brádam que te ofendí. — Mas os teus olhos cástos
mal conhecêram como, as mãos postas, de rástos,
eu pulí e escavei,
com meus prantos de sangue, as lápas dos retíros.
— O piedosa Mulher, Senhora dos Suspíros,
Miserére mei!...

VII

Arrastei-me no pó das solidões tisnádas.
No inferno das galés, nas insónias suádas,
de nostalgía, uivei,
como o proscrito inf'liz, nos grandes gêlos russos.
— O' piedosa Mulher, Senhora dos Solúços,
Miserére mei!...

VIII

O suór empastou meus pávidos cabêlos.
Junto ao leito febril, tôrvo de pezadelos,
Páe, nem Mãe encontrei!
Só teu pranto sorví, nas angústias agúdas...
— O' piedosa Mulher, Mãe das lagrimas múdas,
Miserére mei!...

IX

Agóra, livre emfim dos *Cyclos da Loucura:*
já transpondo os portaes da *Babylonia Escura*,
mais orfão me encontrei.
Orfão, meu Deus, de tí, dos teus ais, teus cuidádos...
— O' piedosa Mulher, Mãe dos Abandonádos,
Miserére Mei!...

A SOBREVIVENCIA DO AMOR

NÓTA Á MORTE DO CORVO

Todas as teogonias, todas as liturgias, todas as religiões, se téem apropriádo dos mysterios, ou melhór, da sciência do *espiritismo*, em proveito dos seus sacerdotes.

(E não seja extranhavel que lhe chamemos uma *sciência*, porque adiante demonstraremos que o é, e não uma religião taciturna, votada ao dominio das trèvas, ou uma perniciosa teodicéa).

E' averiguado hoje que — todas as religiões conheceram os fenómenos tão ráros do magnetismo e do hysterismo, — as crises tão singulares da catalépsia: — e as tão invulgares maravilhas da *dúpla vista*.

Os oráculos de Delphos, os livros da Sybilla de Cúmas, as evocações da Pythonisa d'Endôr, ou os sortilégios de Moysès, ante os feiticeiros de Pharaó, claramente atéstam que estes prodigios, que ainda hoje são discutidos com assombro, entre os sábios do Ocidente, éram ha muito letra correntia entre os *fakirs* da India, os *Mágos* do Egypto: — ou os cavádos Apostolos judaicos.

Simão, o *Mágo* desafia cérto dia os Apostolos S. Pedro e S. Paulo, a elevárem-se aos ares conjuntamente comsigo, — em pleno Circo, deante do povo romano, e do tédio curioso e doentio de Néro.

Assegúra-se que Simão, o *Mágo*, rolára e fôra despenhado das nuvens, ou que viéra fracturar as tibias em pleno chão do amphiteátro. Tudo isto, porém, caréce de uma exegése séria, e é provavel que seja uma lenda espalhada pela seita nascente dos Nazarenos. (1) Por que quasi todos os *mediuns* modernos, sem a nomeáda de Simão, o *Mágo*, fázem invariavelmente esta scena de ascenção, nas sessões dos *espiritistas:* e os *fakirs* asiáticos tambem. E' tambem pouco verosimil que os apóstolos aceitassem o repto de Simão, o *Mágo*, a exibirem-se ante Néro e deante da Plébe, no Circo Romano, dando-se em espectáculo entre os gladiadores, os retiários, os histriões. O que é irrecusável é que Apolónio fasia tantos prodigios como fisera o Cristo: e que os Gymnosophistas da India, — que adorávam o Fogo sagrado — produsiam coisas mais assombrosas do que toda a legião dos Santos e dos *Illuminados*.

Ora, isto o que próva? —

Isto próva-nos tres coisas: — que todo o homem, mesmo o mais infimo, possúe em si, latente, uma faculdade *maravilhosa*, da qual desconhece a *magia* — e que mais adiante diremos qual é — magia que o tórna rival dos antigos e terriveis deuses; — segunda, que todas as teocracias aproveitáram e exploráram essa faculdade mágica, não revelando nunca, senão aos iniciados, os seus mysterios, afim de dominarem a fanatisada gentálha; — terceira, que os pres-

---

(1) Simão, o *Mágo*, teve um culto como um Deus, teve discipulos que foram filósofos, e foi-lhe decretada, pelo Imperador, uma estatua n'uma rua pública de Roma. A ter-se dado este facto, elle não manteria o seu prestigio.

tigios não são monopólio privativo das intenções púras, dos caractéres imaculádos, ou da santidade dos costumes. Todos os padres de Apolo, de Esculapio, de Diana, os exploráram; — todas as bruxas da Etrúria, todas as ságas da Syria, todos os nigromantes da Thessália, todos os charlatães da Caldea : todos os feiticeiros da Edade Média.

De résto, a Critica bíblica vulgarisa hoje que o Cristo fizera uma viagem ao Egypto, e que lá aprendera, como outr'ora Moisés, a sciencia interdíta dos Mágos.

Ora a passágem dos Reis Mágos, que vem no Evangelho de S. Matheus, faz-nos meditar implacavelmente n'este alvítre.

Que a passágem dos ditos Reis e da fugida para o Egypto seja uma lenda, póde documentar-se hoje, visto que, na dáta em que S. Matheus collóca o facto, Heródes, *o Grande*, não reináva já na Judea, pois finára-se quatro annos antes de Cristo. (1)

Desába, assim, por terra a lenda da crueldade de Heródes, da degolação dos inocentes, da estrela dos Mágos, e mais da fugída do menino para o Egypto, conduzido celestemente pelo Anjo bíblico. Mas essa intervenção dos *Mágos*, na vida de Cristo, e a sua communicação com esses sábios *ocultistas—Feiticèiros* chama-lhe indistinta e genéricamente o Vulgo — póde ter sido um facto verdadeiro, mas sucedido de maneira diferente, e em época muito diversa da da lenda florída e idealisáda. Essa época verdadeira poderia bem ser a da sua maioridade : época de sonho, de meditação, e delineamento de doutrina.

A Egreja de cérto reprovará esta interpretação ; mas a diplomacia de todas as religiões tem sido invariavelmente esta : todos os prodigios feitos pelos seus sacerdótes são milágres inspirádos pelo *Altissimo* ; todos os prodigios feitos por extranhos são maleficios inspirádos por Belzebúth. Era o que a Synagóga Judaica dizia dos milagres de Cristo : foi o que, mais tarde, a Egreja Romana disse de tudo que não éram os prodigios dos Santos. Decérto que o sublime e apedrejado *Doido*, o Profèta estremecido e ao mesmo tempo apupádo pelas gentálhas, o Lunático Poéta, o Prégador dos Lágos, o Sonhador Virgem, era um *médium* de extraordinária força, como o haviam sido os profétas dos hébreus, em que de resto éra assás frequente o *medianismo*. Como homem, ele não podia desdenhar os meios mais transcendentes dos homens para atingir o seu fim invulgar ; que éra o seu socialismo cosmopolita e a sua *teodicea*.

Mas isto de fórma alguma amesquinha a envergadura d'esse espirito singular : d'esse suave e altissimo Rei dos lyricos de todos os paizes, d'esse filósofo maior que todos os platónicos, todos os pythagóricos, e todos os ocultistas macilentádos da India.

Isto unicamente próva que esse vidente espirito — original e doutrinador — soubéra fazer convergir todo o maravilhoso da Sciencia da Volição para a sua obra de pacificação, de pureza, de amatividade. Servira-se já do mesmo instrumento Moisés ; mas Moisés, instituindo a classe sacerdotal dos *Levitas*, tão cheia de privilégios, prohibe ao povilèu judaico o frúto da Sciencia e inventa no seu *Genesis*, em que a interpretação da Natureza é tão rudimentar, o mytho da arvore *interdíta — a bem famosa arvore da Sciencia do Bem e do Mal*. E, n'isso, elle não fez mais que reservar-se o monopólio que se reservára os cléros de todas as teocracias, inimigas nátas de toda a Sciencia vulgarisada.

Cristo, pelo contrario, popularisa os seus mysterios pela arraia-meuda da Judéa, pelos publicanos de Israel e de Samaría, pelos cabreiros de Galad, pelos bateleiros da Judea. Os Apostolos impunham as mãos — tal e qual como os modernos magnetisadores — áquêles que julgavam dignos, e comunicavam-lhes a virtude dos prodigios, o dom das linguas, da telepatía, da dúpla vista. E tal e qual, — como hoje, nas sessões *espiritistas*, — viam-se, então, linguas

(1) *Antiguidades Juridicas.*

luminósas pairar sobre as cabeças dos assistentes. Mas, não é, pelos seus prodigios, que o inegualavel suavisador dos costumes se impõe ao culto enternecido das almas : — todos os seus prodigios da ressurreição do Lazaro, do filho da Viúva de Naim, da multiplicação dos pães, da visão do Thabôr, cédem ao enternecimento sublime do *Sermão da Montanha* — d'esse inefavel Sermão prégádo talvez ao declinar de uma tarde macia, quando revoádas de pombas brancas regressavam, entre as nuvens rôxas do poente, ás palmeiras de Jerichó, — *a cidade das palmeiras*, como lhe chamava o profêta, — ou quando em longa récua os dromedarios da Syria estendiam o seu longo pescoço cansádo, e aspirávam com delicia as bafagens dos eloendros e dos tamarindeiros. Não ha, para os animos subtis e delicados, mais deleitosa paisagem, nem mais sublime poêma em todos os tempos, em quanto hája humanidade e poesia !...

Depois que a Egreja perdeu o espirito de humildade e pureza do Méstre, perdeu tambem, de facto, o seu scêptro sobre as almas e tornou-se inimiga náta do pensamento humano. Sentou-se, de facto, no throno dos Cesares Romanos, pôz-lhe muita vez a sua chinella sagrada sobre as cabeças coroádas : — mas perdeu, para sempre, as inspiradas linguas de fogo e as chaves celestes.

Ainda hoje fulmina, no seu *Index*, os pensadores, e ilógicamente prohibe e excommunga o *espiritismo*, do qual se deveria recordar que se serviram, para a sua propaganda social, os primitivos Apóstolos.

Sempre contraditória e sofística esta clericálha felina e famélica de todos os cultos !...

Muitas pessoas ultimamente nos téem julgado um fervente *Tolstoiano* : outras um *pessimista*, como Schophenhauer, ao qual, é certo, já votámos um convicto culto ; outras um *Budhista*, pelas paginas que dedicámos ao grande filosofo coroádo de Benarés ; e outras, finalmente, um *espiritista*, pelo prefacio que escrevemos acerca de um poêma de um poéta esclarecido, hoje entre as hostes politicas.

Muito cathegóricamente nos cumpre declarar que não seguimos Tolstoi, por que elle não comprehendeu o pensamento divino de Cristo, e fanatisou-se a ponto de repellir o amor sexual e o proprio amor paterno, ou o dos filhos pelos Paes ; não somos Schopenhauerista, por que, bem que conheçamos que cada planeta, na sua relatividade, é um mundo imperfeito, no emtanto, não possúimos dados suficientes para avaliar se o Universo, no seu conjunto, não será um todo completo e harmónico, e realisando o ideal da perfeição absoluta; não somos incondicionalmente *Budhistas*, por que não acreditamos no *Nirvana*, nem tão pouco no seu quietista repouso das almas. Pelo contrário, achamos lógico que ahi onde começa a Eternidade e céssa completamente a noção do Tempo, ahí a actividade moral chegue ao seu apogeu, por que ahi — que é a fonte inicial do Movimento — ahi tambem a Acção moral deve deixar a perder de vista a carreira vertiginosa dos sóes e dos cometas vagabundos, de longas cabelleiras de fogo. Quanto á designação de *espiritista*, faremos, primeiro que tudo, as nossas reservas sobre o termo, que achamos impróprio, pelas rasões que vamos explanar.

Assim como achamos impróprio o nome de *Espiritismo*, assim tambem consideramos menos exacto o termo *Sobrenatural*, para designar o que paréce afastar-se das leis conhecidas da Dynamica e da Substancia.

Figúra-se nos mais preciso o termo do *Ignóto*, o *Desconhecido*, o *Indefinído* ; por que o Sobrenatural briga realmente com todas as leis, não só da Fisica, como da Hermeneutica, como da Mecanica, pois não é possivel á nossa percepção conceber alguma coisa que seja superior ás leis da Natureza.

Não existem coisas sobrenaturaes, realmente: — o que existem são leis da Materia que nos são desconhecidas ; propriedades d'ella que ainda nos não tinham sido reveladas ou manifestadas. A palavra *Espirito* tambem a achamos vasia, inexácta, confusa. Não podemos faser a idea nitida de alguma coisa que seja imaterial, por mais intángivel que seja : como os atomos, os gazes, os fluidos, ou o proprio pensamento humano, que, como é sabido, tem movi-

mento, acção, transmissão, velocidade, energia. *Espirito*, portanto, só póde ser tomado como uma expressão convencional, sem realidade, condusindo á idea do Vácuo e ao Náda. Ora nem o *Vácuo*, nem o *Náda* existem, senão como termos de comparação e de convenção.

Esta deploravel palavra *Espirito* é que tem embaraçádo sempre os sábios, e os tem levado a refutar os fenómenos do *Espiritismo*, por que, na realidade, é inadmissivel que alguma coisa de imaterial, — isto é, *que não existe* — possa ter acção fisica sobre os objectos e sobre a materia em geral. Esta falsa expressão fêz o desespero de Wiliams Crookes e de Lombroso, para poderem explicar o que, na realidade, é inexplicavel e absúrdo. Admittindo-se, porém, a unidade e a existencia *única* da Materia, comprehende-se que tudo que ha de sublime, como luz, sóes, nebulosas, constellações, almas, estrelas, e o proprio Deus, não são senão Movimento, Acção, Vida, Amor, Electricidade, Pensamento, — emfim tudo Substancia, — e comprehender-se-há como os *Espiritos*, isto é almas sob uma fórma diversa da da terra, pódem agir sobre coisas fisicas, e produzirem todas as materialisações conhecidas.

O que é pois a alma humana?.. Aquillo que em nós pensa, sente e *quér:* — um *quid* formado d'uma substancia mais perfeita : — talvez o éther em perpétua vibração ; — emfim uma certa substancia sublime, porém integral, e que jámais se desagréga.

Em todo o caso não é imaterial : e a palavra *espirito* não lhe convém, por que tal expressão symbolisa inanidade e impossivel. A palavra *Espirito*, n'estes casos, só póde convencionalmente ser empregada como synónimo de alma humana, ou d'um *quid* subtil. D'esta fórma, comprehender-se-há bem a *Sobrevivencia* e a imortalidade da Alma, visto que Materia e Movimento são realidades coetérnas.

Dissémos, — repetindo o que é rudimentar em Psychologia, — que a alma é esse *quid* que em nós pensa, sente, e *quér*. Dissémos mais, no principio da nossa nóta, que ha uma faculdade *prestigiosa* na nossa alma, que nos torna rivaes dos deuses. Que faculdade é essa, mágica e prestigiosa?...

E' a faculdade volitiva, aquillo que em nós *quer :* — é a soberania maravilhosa, surprehendente, extraordinaria da *VONTADE*.

Eis a causa unica de todos os fenómenos do Magnetismo, do Ocultismo, da Telephatia, e até do *magismo :* — o velho *feitiço* dos tempos obliterados.

A VONTADE reúne em si todas as energias, que se acham separadas em varios outros corpos : — acção, movimento, fluido, luz, calor, electricidade. Não ha motor nenhum, nem a luz solar, nem as rugidoras quédas d'aguas, nem o furacão do ar comprimido, nem o gaz e a força espantosa do vapor d'agua, nem o Pensamento e a propria electricidade do raio, que se equipárem com a energia d'esta grande actividade concentráda.

E' essa grande energia que o sabio naturalista inglez Wiliams Crookes procurava em vão, para explicar os fenómenos das mezas, de uma espessura consideravel, se elevárem ao alto, sem contacto visivel de mãos, e que elle, não sabendo como a exprimir, chamava : — uma *fórça psychica inteligente, desconhecida*.

A VONTADE actúa por *sugestão* nos hypnotisados : — e nos moveis, e outros objectos vulgares, por meio d'éla e da electricidade que de si desprende Comprehende-se pois que o contacto das mãos desenvolvendo fluido, ajúde qualquer operação *espiritista ;* mas comprehende-se tambem que ás vezes possa ser dispensavel, como na oscillação das mezas que observou Crookes.

A VONTADE é, pois, uma força fisica e ao mesmo tempo psychica, por que representa a maior actividade da alma, e é o seu principal agente e motor.

Deus é a symbolisação mais vasta da VONTADE, e o Universo não é, de fórma alguma, uma *Creação*, — pois nada se cria na Natureza e tudo se transfórma — mas é só uma expansão — uma *emanação* — uma reprodução colossal p'essa colossal VONTADE. D'ahi a origem divina de todas as coisas, e esse

fluido vital que tudo anima e em tudo se revéla!... Desde o atomo vagabundo e errante, até a flor do *lótus*, ao cédro, ao basalto, ao marmore, á Estréla, á Via Láctea, e á distante e vertiginosa puálha de oiro dos sóes doidos e esguedelhados de luz, rolando vertiginosos em roda dos seus Sistemas, tudo isso contém uma ou mil milhões de moléculas d'essa Vontade; tudo para Ella vôa, como para o seu *núcleo central*, como para o seu fóco único de Atracção. Cédros, plantas, florestas, animaes dos bosques, coriscos que cruzam o espaço lividos, brisas afaveis e clementes das colinas azues, tudo isso, *são os nossos irmãos do Indefinido que gemem, os nossos irmãos do Ignóto, que passam, os nossos irmãos que suspiram e se lamentam, ou os nossos irmãos do Desconhecido que já choráram, e vão levar o colár de diamantes das suas lagrimas a Deus.*

Julgais decérto que isto é Poesia?...

Pois sabei que a Poesia é a intuição mágica da Verdade e que a Sciencia não faz mais do que constatar e registar as mais das vezes, o que Ela, primeiro que ninguem, adoravelmente destrinçou.

Além d'isso, ficai convictos de que a Poesia, nos seus sonhos mais desmanchados, fica sempre àquem da vasta Realidade Ideal. Hoffmann — façamos justiça ao extraordinario psychologista alemão ainda hoje incomprehendido! — Hoffmann foi o primeiro que penetrou n'esse mundo indefinivel e mysterioso que nos cerca de todos os lados, e que lá achou esses sublimes acordes das Almas com as Coisas, essas relações inexprimiveis dos aromas e os sons com as sensações ou os sentimentos; tudo isso emfim, intangivel e vágo, que depois os doutos chamáram o *magnetismo*, o *hysterismo*, a *telepatia*, ou a *transmissão do pensamento*, atravessando espaços infindaveis, e comunicando com outras almas sensiveis. Todavia, esta poesia tão delicada e invulgar e que báte uma áza tão esbélta e ideal, porque agita problemas superiores, e em que vem filiar-se obscuramente *A Mulher de Lúto* — poesia de meias tintas, de penumbras, de sentimentos e de relações mysteriosas — é um manjar pouco substancial para o estomago macisso da massa inculta, que se deixa facilmente eléctrisar pelas retumbancias clamorosas. Mas a vasta solidariedade da nossa alma com as Coisas é irrecusável:—e o *Violão de Cremona*, do contista alemão, espedaçando-se espontaneamente, depois da morte da donzéla que muitas vezes lhe vibrava as cordas, é d'uma realidade tão concebivel, como a da mesa que vós vêdes elevar-se — torcer-se, oscilar, ranger, dar estálidos prolongádos e sêcos — como uma alma que sófre e quér quebrar o seu invólucro grosseiro, ao contacto do fluido das mãos de um *médium*. O que significa isso?

Significa que uma *vontade* — a do *médium* — ou mesmo de vários individuos, por meio do seu *fluido invisivel* e *poderoso*, se pôz em contacto com uma outra, a da mesa por exemplo, a qual serve de intermediária ás vontades errantes, ás *almas*, que, por sua intervenção, communicam com o mundo das fórmas. E' a alma das Coisas, latente e adormecida, mas por instantes despérta do seu somno espesso e grosseiro, que afirma a solidariedade universal. Sob a influencia d'esse fluido mágico, frequentes vezes a grosseira pedra de um escabroso caminho acórda... e entreabrindo súbitamente as suas pesádas palpebras de calcáreo, de granito, ou de bazalto, obsérva o estrepitoso ruído e o clamor universal, á luz radiante dos ástros ou dos sóes, e — n'uma curta visão rápida, — recorda-se talvez, quem sabe!... de ter sido heróe, soldado, rei, sátrapa magnifico, ou tangedor de lyra. E isto, porquê? — Por duas causas: — a primeira por que a *metempsychóse* é uma realidade lógica; visto que todos os seus seres obedécem passivamente á influencia solar, e que o Sol tanto se eléva ao Zenith, como desce em seguida ao Nadir, para de novo periodicamente se alçar outra vez ao Zenith; e lógo, portanto, todos os entes téem periodos de elevação e de retrocesso, retrocessos todavia sempre *aparentes;* — segunda, por que a Vontade humana é assombrosamente insaciavel. A Vontade ambicióna todas as fórmas, todos os prazeres, todos os paizes, todas as viágens doidas, todas as sensações exagérádas: — tanto o perfume da *flor impossivel*

como a claridade da nebulósa excepcional, tanto o grão de poesia de Platão como a rasão fria de Archimédes, tanto o rútilo brilho, impassível e cristalisado do diamante, como a harpa melancólica de Ossian. A Vontade Humana está bem vincada e tracejáda a fogo na *Tentação de S. Antão*, *de Flaubert*, quando o mortificado Santo exclama, esguedelhádo n'um delírio : —«O' felici-«dade ! O' felicidade ! eu vi nascer a Vida, vi começar o Movimento !... O san-«gue nas minhas veias tão fortemente estúa que váe rebental-as !... Tenho «vontade de voar, de nadar, de ladrar, de balir, de dar úrros !..

«Anceio bater ázas, arrastar a concha de um crustáceo, ter a casca d'uma «arvore, lançar fumo pelas fauces, possuir uma tromba, torcer o meu corpo, «dividir-me em tudo, exalar-me como os aromas, correr como a agua, vibrar «como o Som, resplandecer como a Luz, insinuar-me sob todas as fórmas, pe-«netrar cada átomo, descer ao fundo da materia — ser a propria Materia».

Eis o que é a Vontade : — eis o que é a sua aflíta e eterna insaciabilidade.

E, de fórma em fórma, de desejo em desejo, de decepção em decepção, ella em tudo se encarna, ella em tudo se transforma, tudo experimenta, tudo obtém. Tudo *obtém?* - perguntareis vós, assombrados. Sim : tudo obtém. Ainda que não seja n'uma encarnação, será em duas, será em dez, será em vinte, será em cem : — porque a vontade é eterna e o Tempo é um misero grão de areia na ampulheta do indefinido, ou uma humilde gota d'agua n'uma antiga clepsydra de vidro. Rireis talvez d'essas eternas e infindaveis encarnações ?...

Assim faria talvez a inconsciente e volátil borboleta, se ella podésse, e lhe fossem dizer que ella já tinha sido uma réles lagárta, e pastára prosaica e ronceiramente n'uma verde folha de amoreira.

A VONTADE, — e queremos dizer com isto, a *férrea*, a verdadeira VONTADE — jamais esquéce, jamais morre, como não morre o Amor, que, como Ella, sobrevive sempre, como Ella é Eterno.

Estamos muito longe, hoje, d'aquelle typo extranho, scéptico e nihilista do velho *Héreje*, que nós descrevemos certo dia, tombando inerte e desalentádo sobre uns gêlos poláres remótos, mas escrevendo ainda, com o seu dedo cadavérico e revoltado, na néve, á semelhança de um espétro de Goya, a palavra fatídica : *Nada*. Esse typo éra o symbolo terrivel e frio d'esses tempos de Negação e de anarquia mental.

Mas Leandro d'Aguilar, o homem invulgar e emotivo que, na historia do seu processo, desagrâva o nome de uma querida *mulher morta*, e que — na *Morte do Corvo* — afirma a sobrevivencia e a imortalidade do Amor, é o symbolo de uma aurora clara que arraiará, talvez mui breve, n'alguma manhã suáve.

E' lacrimavel vêr que um ilustre escritor radioso e d'um brilhantismo de estylo raro, mas frio, por vezes, e sêco de coração, talvez esterilisado pelo seu *dandysmo* literario, ao descrever um typo de *janóta*, paradoxal e *frasista*, que caracterisa tambem esta época de abjeção moral, escrevesse estas mal reflectidas palavras : «— Todos nós, que vivemos n'este globo, formamos uma imensa caravana, que marcha confusamente para o Nada.» (1)

O *Nada* não existe. O *Nada* é uma aspiração de almas mórbidas e cansadas, que estão pedindo a longinqua quietúde passiva do inorganico, da rocha ou do minério. Mas nem assim, infelizes !.. a obterão jámais, senão aparente e transitóriamente.

Nem todos, todavia, — nóte-se isto bem — sábem *querer*, nem todos sábem servir-se d'esse instrumento maravilhoso, como a vára mágica de Moisés, que em nós mesmo existe latente.

Os sacerdotes da India é que a eleváram á altura assombrósa d'uma Sciencia omnipotente. E' esta *sciencia* da *VONTADE* decerto impropriamente

---

(1) Eça de Queiroz. — *Correspondencia de Fradique Mendes*

conhecida pelo nome de *espiritismo,* ou, com muita mais razão, de *ocultismo :* — sciencia que o Ocidente déve decerto um dia reconstruir.

O regimen que elles faziam usar aos seus iniciados, impondo-lhes frequentes jejuns, que, debilitando-lhe o músculo, lhe excitavam a sensibilidade nervosa ; o pertinaz método que elles seguiam para provocar o *extase* e as crises da epilépsia ; todos os segredos, que elles pacientemente estudaram e aprofundaram, da *Sugestão,* da transmissão, ou da leitura do pensamento, tornáram-os divinamente omnipotentes, e déram verdadeiramente inicio a todos os prestigios das religiões ; a todos os oráculos dos velhos deuses e a todos os subtis fenómenos, que ainda hoje são objecto de assombro do espiritismo contemporaneo. Gravai bem todas estas nossas palavras, que formam a verdadeira *Teoria Universal,* de que ámanhã alguns se quererão dar como unicos descobridores, e que a sciencia muito em bréve assinalará como axiomas indisputáveis.

Uma verdade entretanto, sublime, augusta, transcendental, irrevogável, resalta d'isto tudo : — é a *Sobrevivencia do Amor.*

O *Amor.* como a Belleza fisica e moral, ou como a Sciencia — os trez objectivos unicamente grandiosos da VONTADE — vive sempre e coadjúva as almas n'uma solidariedade imcomparavel e deliciosa ; jámais esquéce, jámais finda, jámais esmoréce, jámais desaparéce, como as Fórmas ou o Tempo.

Decérto, irrecusalmente o *Côrvo* fatidico de Edgar Pöe no seu desoládo e gutural, terrivel e angustioso *Never, oh never more!...* soltou um grito blasfémo e de desesperança !

Mas o heróe do nosso livro, o ente singular mas emotivo, que escreveu o seu processo, desafrontando uma cristalina mulher desaparecída, lavrou a condenação d'esse nihilismo amargo e sinistro, e proclamou a sympáthica, delicada, e amoravel thése da sobrevivencia infinita do *Amor Humano.*

Portanto, almas delicadas e feridas pela ausencia transitoria d'um ente querido : Amantes, Mães, Irmãs inconsolaveis e doridas, enxugae vossos prantos infindaveis e lancinantes, — que pézam mais, na balança invisivel do Altissimo, do que o diamante *Excelsior* na balança de um joalheiro — enxugai-as, consoládas e extasiádas, por que algum dia contemplareis de novo essas almas peregrinas... e transitorialmente esvaecidas.

E vós — homens frios e scéticos do meu tempo — quando a Morte se abater sobre alguem que vos foi cáro, quando escuteis crucitar lá dentro, no coração, o rytmo aziágo e fúnebre do *Nunca mais! Nunca mais!...* obráe resoluta e inabalavelmente como o heróe do meu poema : — ESTRANGULAE, DENTRO DE VÓS, O CÔRVO.

POLYANTHÉA

REQUERIMENTO AO REI

Senhor, visto que aquella antiga fibra historica
da Honra é cousa velha, e que não vale um chavo,
e a Justiça uma flôr sómente que a Rhetorica
põe á janela, ao sol — como a burgueza um cravo;

Visto que aquelle forte e antigo heroe, o Brio,
que andou na Grécia, em Roma, em Diu, Aljubarrota,
é hoje um velho tonto, asthmático, com frio,
que traz um chapeu pifio e uma casáca rôta;

Já que é ainda a Egreja, a exotica coruja,
que odeia o recto sol, e só em trévas anda,
e a Moral uma côlcha, apparatosa e suja,
que D. Instituição estende na varanda;

Já que da antiga Lei, a deusa cuja porta
entravam a tremer as almas mais tigrinas,
resta a pelle hoje só d'uma panthéra morta,
onde se põe os pés mimosos das meninas;

Já que é «o Amôr do Bem», a candida bonina,
que o Estado põe ao peito, e que enternece os tolos,
e a Economia ideal, chorosa cavatina,
que a Monarchia canta em noites que dá bolos;

Já que é a Illustração o grande dó do peito,
que a Ordem faz soltar d'uma garganta d'ouro,
e o Progresso, o gentil, mimoso amôr-perfeito,
que a loura opinião bordou para o namoro;

Pois que chamam ao Genio um louco — que se mete
a luctar contra os reis e mais os seus furores,
que não arrasta o éstro em fórma de tapete,
nem faz da Inspiração um capacho de flores;

Visto que é inda hoje o heroico Pensamento,
o craneo que combusta a lava do trabalho,
um doido, um pobretão, que na trapeira, ao vento,
namora D. Ideia, e come assorda d'alho;

Visto que é hoje o Estudo um sordido trapeiro,
cuja lanterna desce aos antros onde ha gritos,
e a austera Probidade um réles pardieiro,
deshabitado ha muito, e ha muito com escriptos;

Em fim, já que não tem o Roubo antipathias,
o ferro em braza, o estygma, as infamantes notas,
— é preciso extirpar, ó rei! as regalias
do que furta milhões sobre o que furta botas.

E' preciso extirpar o preconceito serio
contra o gatuno audaz, joven, mas sem bom senso,
que não poude trepar ainda a um ministerio,
e teve tempo só para furtar um lenço.

E' forçoso arrancar o vil labéu do pobre
ratoneiro em botão, gatuno inda em raiz,
que nos subtrahe do bolso um desprezivel cobre,
por não ter inda a geito a burra do Paiz.

E sendo iniquo, emfim, uns rirem na opulencia,
outros apodrecer n'um carcere corrupto...
eu ergo, ó rei! a voz ante a vossa clemencia,
e em nome da Equidade, em nome da Coherencia,
— requeiro a liberdade do Matuto.

A MULHER DE PILATOS

A' Ex.ma Sr.a D. Olga Moraes Sarmento
da Silveira.

— Lá vae o grande Doido, entre improperios!
— Lá vae o atraiçoado por ingratos!
— Lá vae, lá vae, o auctor dos desacatos,
que quiz ruir os templos e os imperios!...

Ao ouvir do povoleu os vis ditérios,
a mulher do Pretor Poncio Pilatos
chega á janella... e vê, entre máus tratos,
Jesus, que fita n'ella os olhos sérios.

Então essa patricia egoista e dura,
do prégador dos lagos, á doçura
e a esse olhar virginal cravado n'ella...

a esse ar do loiro poeta da Verdade,
sentiu na entranha um grito de piedade,
— e um suspiro sahiu d'essa janella...

A' MORTE DE ALEXANDRE HERCULANO

Vimos hoje pagar a divida sagrada,
vimos hoje pagar a esmola da Verdade ;
vimos hoje chorar o homem da humildade,
que ennobreceu a penna e engrandeceu a enxada.
Porque d'esse escriptor e d'esse grande obreiro,
que fez a nossa gloria e fez a nossa inveja,
nada resta — depois do officio do coveiro,
e algum latim d'egreja !

É certo : um negro esquife e algumas pás de cal,
um caixão, um lençol, uma cruz, uma enxada,
taparam para sempre a face regelada
d'aquelle que, entre nós, foi quasi que Evangelho.
Mas por isso hoje nós, cheios da dor geral,
é honra nossa vir, nós todos homens novos,
prégador's do Direito e Communhão dos povos,
chorar sobre esse velho !

É honra nossa vir prestar a vassalagem
áquelle que foi bom, o Verbo, o ensinamento.
Se hoje a terra consome aquelle pensamento,
e a sua altiva voz calou de todo a cova,
é honra nossa vir prestar esta homenagem
ao plebeu immortal, austero, nosso guia :
— que elle escute chorar na sua cova fria
toda a geração nova !

Morreu um sonhador. Choremos suas cans,
aureolas do bem, honestas e tranquillas.
Fecharam-se, de todo, as rigidas pupillas
que viram muito o Ideal e olharam muito o Ceu.
Não é facil achar nas outras glorias vans
essa tão natural, pura simplicidade,
que fez com que elle fosse — homem da nossa edade !
um rude e leal plebeu.

A Morte, essa ceifeira escura, vingadora!
levou-o, d'entre nós, á verde Natureza,
onde em breve será sómente uma impureza,
argilla, lama, pó, dissolução de gazes;
levou-o para a Terra, a Mãe trabalhadora,
incansavel, fiel, paz dos nossos martyrios,
que faz perfeitamente as viboras e os lyrios.
os tigres e os lilazes!

Homens do nosso tempo: — é certo que é preciso
deitar, como uma nau, o forte peito ao largo,
combater! combater! chorar o choro amargo,
debaixo d'este ceu, do sol antigo e serio!
Mas nada mais cruel, que desfalleça o riso,
do que voltar um dia, a meditar comsigo
que abandonou um Pae, um sonhador, um amigo,
ali, n'um cemiterio.

Custa pensar que fica ali na cova dura,
onde os vermes farão em breve a sua teia,
um sabio, um sonhador, um lyrico, uma ideia,
quem sabe, o seu amor, nas tabuas do caixão!
que os bichos e o bolôr, na eterna noite escura,
corromperão o peito aberto aos infelizes:
e virão, surdamente, as pontas das raizes
picar-lhe o coração!

Esta epocha é fatal: Quantos não téem rollado,
ó Mestre, como tu, na paz dos seus jazigos!
que nomes immortaes, historicos, amigos,
téem resvallado ao chão dos braços da Mulher!
Parece que astro mau ou signo ensanguentado
nos quer hoje privar dos vossos sãos conselhos,
e vos mata sem dó, fortes e heroicos velhos,
Herculano e Thiers!

Ó cedros, ó leões, gigantes d'outras eras,
derribados ao chão, dormindo no athaude!
se vos ides de nós, quem ha que nos escude
contra as balas do Erro? E' barbaro este mar!
Se vos ides deixaes o aprisco exposto ás feras!
Não ha no mundo alguem, Mestres, que nos acoite;
E o que é que somos nós, n'esta sinistra noite,
sem vós, ou vosso olhar!

Mestres das gerações, nada ha de mais sagrado
que unir o vosso genio á vossa honestidade!
É' augusta a lição que daes á Humanidade.
Melhor lhe fazeis lêr a biblia da luz.
Quem póde aprender mais em livro encadernado
que o ver-vos caminhar, no pó das vias rectas,
simples como os heroes, pobres como os prophetas,
plebeus como Jesús?

E tu ao mundo déste, ó Mestre, o forte exemplo
de ser sóbrio e plebeu! Na tua sã carreira
não te lembrou jámais de certo a Jarreteira,
fazer-te titular, ou ser commendador.
Teu puro coração foi um tranquillo templo,
e já que eras um rei nos páramos da Idea,
quizeste simplesmente a paz da rude aldeia
— e foste um lavrador!

Tu foste, n'este tempo, um cidadão antigo,
seguidor da Virtude, e as grandes leis eternas.
Jámais comprehendeste as bachanaes modernas.
Nem foste aos *restaurants*, cheios de bulha e gaz!
Não foste como nós!... Quizeste achar abrigo
nas sombras pastoris, nas bastas carvalheiras,
entre os tranquilos bois e as verdes oliveiras,
os symbolos da paz!

Não foste como nós buscar a saciedade
na taça das paixões, homem austero e antigo!
Não soubestes sorrir por traz do teu amigo.
Nem soubestes lançar a infamia n'algum lar...
Preferistes ás podridões e ás pompas da cidade,
e ás nossas corrupções estupidas, e brigas,
a enxada, o campo, a aldeia, e as lyricas cantigas
pelo santo luar!

É certo que o banal e gordo millionario
fulminou com rigor a tua retirada,
a tua solidão, heroica, socegada,
e com phrases crueis enxovalhou-te a gloria...
Mas que importa? Esse torpe e sórdido argentario,
que talvez nem te leu, nem nunca te ha de ler,
prefere as inscripções ao *Monge de Cister*,
e um bife á tua Historia!

Ó grande sonhador athletico do Eurico,
como o teu ideal do claustro nos agita!
Como pintaste bem, o ardente cenobita,
ora voltado a Deus, ora voltado ao pó!
Como o pintaste bem, do Calpe sobre o pico,
vagando o triste olhar das solidões ao longe!
como encarnaste a Dôr n'aquelle magro monge,
poeta, triste e só!

Por isso contra ti tu irritaste a ira
da hydra clerical, da sórdida batina;
contra ti foi pedida a cólera divina;
compararam-te a Nero, á vibora, ao dragão.
Mas, por isso tambem, prophetas da mentira,
n'estes tempos crueis d'incendios e d'invejas,
o raio ha de rachar os tectos das egrejas,
e poucos chorarão!

E a culpa é toda vossa, ó Padres, por que mal
se ergue algum pensador prégando uma verdade,
logo tem contra si a vossa hostilidade,
e o pontifice, em pé, na Egreja, a excommungal-o.
Por isso tendes hoje a excommunhão geral,
e no surdo fragor dos templos desabando,
a Vingança já vem, horrivel, galopando
no seu feroz cavallo.

Mas nada te importou, ó Mestre! Essas affrontas
mais cubriram de luz teu nome, fama e gloria;
com teus fortes heroes e a tua illustre Historia
ergueste ao mundo e a ti um alto pedestal.
Nós, agora, é que a vós tomamos sérias contas,
phariseus da Moral, herejes do Direito:
— em quanto que elle tem o nosso luto e o preito
— o chôro universal!

Levantae-lhe portanto, homens da nossa idade!
um monumento já á sua eterna gloria.
Não aguardeis alguem vindo com mais memoria,
ou sem rasão cuideis que daes alguma esmola:
Levanta-lhe uma estatua enorme, ó Sociedade!
não uma estatua, não, que isso será desdouro,
feita de pedra ou bronze, ou feita mesmo d'ouro:
Levanta-lhe uma escola!

A TRINDADE COELHO

Tudo isto pela maldita Politica
(Ultimas palavras do suicida).

Apontaste a arma ao peito e voaste do desterro,
ao vêr, como Catão, a Liberdade morta.
Povo, chóra este heroe, chóra-o de porta em porta,
e tu, Verdade, vae tambem atraz do enterro!

Que fazes tu aqui, já que o Brio é um erro,
que engráxa a bota aos reis e a Honra é forma torta,
que beija o proprio enxurro e o pontapé suporta,
emquanto a plébe geme os seus varões de ferro?...

Vae te enterrar tambem, já que não és o que eras.
Quanto a Trindade, a ti, varão de heroicas eras,
tu vingaste-te bem d'esta vil gafaría!

Um tiro. Ouviu-se um tiro. Hora d'ancia e respeito
Mas não foi a ti, não, que estrangulaste o peito.
— Foste tu que furaste a tripa á monarquia.

CARTA AO REI
IMPONDO-LHE A EXPULSÃO DOS JESUITAS

Senhor! o atrevido sou,
sim, sou esse revoltado,
que a vosso pae hei ralhádo,
e hei ralhádo a vosso avô!
Se acaso David pecou
por vexar Bethesabé...
por minha lei, minha fé,
minha alma, meu coração!
muito mais péca o dinasta,
quando a propria mãe arrasta,
pelos cabelos, no chão.

Senhor! a Patria ainda é mãe,
se acaso portuguez sois!...
Os seus trigueiros heróes
não tinham medo a ninguem.
Lembrae-vos, lembrae-vos bem!
que essas musgosas muralhas
representam mil batalhas,
d'aquelles rudes avós...
que tinham sangue nas veias
e esmigalharam cadeias
mais pesadas que as de vós.

Senhor! deveis-vos lembrar
que as pedras das fortalezas
viram as frótas inglezas
com Beresford se esgueirar.
São pedras santas de altar,
pedras onde o vento chóra,
que narram feitos de outr'ora,
como uma avó fanfarrona...
mas que, erguidas n'esses ares,
viram dar aos calcanhares,
heróes de Iena e Pamplona!

Senhor, de morros em morros,
de cumieiras em cumieiras,
vôam aves agoureiras,
lançando agua benta a jorros.
Que vêem fazer os cachorros,
que vêem fazer as corujas,
com as azas, negras, sujas,
a este azul de Portugal?...
Já acaso as não assusta
a sombra, tremenda e augusta,
do teu espectro, O' Pombal?

Despedaça as lagens frias,
sombra do Grande Marquez,
vem varrer, de léz a léz,
esta cáfila de harpias!
Se já não ha energias,
e este povo é de cobardes,
se já não fazem alardes
os grandes heróes do Porto...
se não ha peitos altivos,
vem tu defender os vivos,
ó sombra do Grande Morto!

Deixa a sombra dos ciprestes,
Levanta-te e ageita os ossos! ..
Vem vêr ervaçaes, destróços,
onde houve jardins celéstes.
Vem vêr ruinas agréstes,
conventos em vez de escólas,
fidalgas pedindo esmolas,
para erguer templos á Orgía,
como se o Deus dos trabalhos,
Jesus, tivesse os serralhos,
de um Cura da Fréguezia.

Assésta a grande lunêta,
e olha os sacros mariolas
amontoando sacólas,
como Harpagão, o forreta.
Olha a «Monita Secreta»
feita infernal Evangelho,
misturando o novo e o velho,
baralhando o ceu e o inferno,
e olha os astros, que frescáta!...
feitos castiçaes de prata
no caixão do Padre Eterno.

Vem ao convento do Quélhas
vêr bonitinhas condêssas
beijocar as abadessas
sobre as boquinhas vermelhas.
Como gulosas abelhas
extraindo o mel das flores,
vêr beijarem-se as sororès
como Juliêta a Romeu...
ou com lúbricos decótes
bailarem com as cócótes,
chamádas do «Páe do Ceu».

Vem ver, que o quadro é fiel,
damas de sangue azulino,
fazer rezas ao Divino
p'ra que torne D. Miguel.
Olha as outras, em tropél,
bem vestidinhas de branco,
acolherem o João Franco
com meneios muito gratos,
ou de rástros, coitadinhas!...
fazerem lindas boquinhas
deante do Padre Mattos!

Vem ver gastarem teus bens
vergonteas de nobre ráça,
e até, vergonha e desgráça,
serem os servos de cães!...
Vem ver os Joões Ninguens,
os bandidos da roupêta,
fazer da Biblia escopêta,
do Evangelho artilharia,
faltando-lhes só dar cabo
de Deus e açoitar o rabo
de Santa Izabel de Hungria. (1)

Isto disse, já no cúmulo
do odio á roupeta e ao sceptro,
e eis do Marquez vejo o espétro
surgir em pé no seu tumulo.
No rápido exame súmulo,
a essa altiva fisionomia,
li-lhe os traços da energia,
e os géstos nóbres e francos
d'esse terror de chatins,
fidalgos e espadachins,
chefe dos «Capótes Brancos».

(1) Santa Isabel, Rainha da Hungria, era açoitada pelo seu confessor.

Como um velho Rei do Lacio,
fitando em roda heróes mortos,
seus olhos volvia absortos,
tristes, como Bruto e Cassio.
Depois marchou ao Palacio
e ao cruzar as regias salas,
cheias de alfaias e galas,
deu um suspiro cruel...
e entre as fardas e as batinas
estas frases masculinas
te disse, ó Rei Manoel:

«Nobre duque de Bragança,
meu amo, rei e senhor!...
repele a garra do açôr
e dos milhafres a herança!
Rasga o pacto de aliança
com quem vive de pilhagens,
e te excita ás vis carnagens,
como o brigão D. Quichote.
Expulsa os burlões devassos,
que outr'ora expulsei dos paços
quasi que a escarro e chicote.

«Néto de reis, ó Bragança,
escravo dos jesuitas...
olha que te precipitas
no abysmo, ingenua creança!
Repulsa o oiro e a privança
de ladrões e de assassinos,
que chacinam pequeninos
qual soror Colecta, a irman...
com torpe luxuria extranha,
como Gilles da Bretanha
na sua torre albarran!

«Propicia a extases gratos,
no fundo de um cemiterio,
jáz entre a sombra e o misterio
a pobre Saráh de Mattos.
Sofreu inumeros tratos
de beátas mãos cainhas
esta flôr das creancinhas
que o povo não esquece já.
Conchega ao peito os seus ossos!...
E olha, o teu trono em destroços,
quem o excomunga: é Saráh!

«Senhor, desculpa o ardimento
d'esta linguagem brutal!...
Mas teu palacio real
é do Diabo o convento.
Grande é meu enojamento!...
Mas o povo pelas praças,
fala em roubos e trapaças,
deboxes de cortezans,
e outras ligas repelentes,
de jesuitas com serpentes,
Braganças com Orleans.

«Não desças a escura rampa
que baixa á cova das féras.
Escuta as frases austeras
do enviado da campa!
A vêr se o mau tempo escampa,
expulsa o clero feroz,
não por honrar teus avós,
filhos d'algo e com dinheiro,
mas por honra ao nobre ancião
teu velho avô Barbadão,
Santo judeu sapateiro!...

«Não extranhes, senhor rei,
nem me taxes de arrogante,
por tratar com tal desplante
fidalgos da vossa grei.
Senhor, não narro o que sei!...
Mas não ha nada mais nobre,
sob este azul que nos cobre,
estè azul que Deus nos deu...
do que as barbas prateadas,
as velhas barbas honradas
de um santo avô plebeu.

«Que importa se o avô é nobre,
Se elle é christão ou judeu!...
Por se amar um bom velhinho
não faz caretas o Céu!»

A isto os frades crueis
soltaram uivos e gritos.
E o espectro disse «malditos!
«malditos sois e sereis!
Muito em breve o sentireis;
mas por signa de destróços
eu vos traço com os ossos
de Saráh a maldicção!»
E sahiu irto e pausado,
qual branca estatua de Fédra
e o «Convidado de Pedra»
na orgia de D. João.

Depois eu não vi mais nada.
Só vi, cantando, a alvorada
trazendo o sol pela mão...
.....
.....

Senhor, o atrevido sou,
sim, sou esse malcreádo,
que a vosso páe hei ralhádo,
e hei ralhádo a vosso avô!...
Porém, se um rebelde sou,
por professar taes ideias,
lançae-me ferreos grilhões,
mas primeiro a estes burlões,
que bebem sangue de bórcos,
não entregueis, a taes pórcos,
os cadaver's dos leões!...

A GRANDE MARAFÔNA

Erga-se o tribunal do povo em plena rua,
e a Politica assóme, a Grande Marafona!
Sente-se como ré, perca o ar de amazona
e o atrevido ar pimpão, que o rosto lhe enfatúa.

Perca o seu ar canalha e encubra a perna núa,
que ela amostra aos quarteis, forjando uma intentona,
prostituindo-se aos reis, á tarimba, á dragona,
como ébria meretriz que em babóchas tressúa.

Caia-lhe emfim aos pés, sobre o estrume e a caliça,
seu seio, seu carmim, e essa trança postiça,
que osculam com furor famintos bachareis.

Arranquem-lhe essa péle, tão rósea e tão mimalha,
e façam d'ella só, aos cantos da canalha,
— um vil tambor que rufe o *ça irá* dos reis!

MODERNA ALELUIA

Glorias e parabens a todos vós, senhores,
que tendes na actual degradação moderna,
sobre um rochedo ingrato, onde hoje medram flores,
— sabido collocar tão alto uma lanterna.

Hossanas e ovações a todo o que trabalha,
noite e dia, a suar, na fabrica e officina,
para erguer contra a Egreja esta mental muralha
— dez mil vezes maior que a muralha da China.

Urge dar fibra e nervo ao braço demagogo
do forte que forjou — em lida ingrata e crua —
este cofre immortal, feito á prova de fogo
mais da santa instrucção da Egreja — essa gazúa!

Hossana, pois, á Escola! Ella é a escadaria
da colossal Babel, feita por todos nós,
— maior que o secular pharol de Alexandria,
— mais alta que os tropheus de todos os Pharaós.

Hossanas e ovações áquelles que consomem
a vida a desbravar o pequenino ser,
que mais tarde hade ter o encéphalo d'um homem,
— mais tarde irradiar n'uma alma de mulher!

Aleluia! Aleluia! aos corações dos paes,
e á lagrima da Mãe — preito de amor profundo —
secreção lacrimal d'humor aquoso e saes,
pequena gota d'agua — *onde ha, portanto, um mundo.*

AS ÉRAS PATRIARCHAES

Feliz do que viveu nas épocas precláras
em que a rude alma antiga era singela e sã,
e Patriarchas hebreus, de grandes barbas claras,
tinham a alegre paz de uma oriental manhã...

Eram tempos leaes! — Desde o Horeba Kenan,
o Senhor abençoava as aguas e as ceáras,
e as serranas gentis, as Rebekas, as Sáras,
iam, cantando alto, aos poços de Median!

Sim, eram tempos chãos, brancos, simples, lavados,
em que Ruth e Booz ceifavam nos seus prados,
e as princezas reaes iam lavar nos rios!...

O pae dava, em seu lar, asilo aos caminhantes,
A Mãe creava ao peito os futuros gigantes,
E a Avó fiava a lã, com seus dedos macios.

A FILHA DE MILTON

I

Em Londres, rua a rua, uma airosa menina
ampára o cego Pai, n'uma fria manhã.
Paréce um branco lirio a ornar uma ruina.
Lembra um raio de sol n'uma torre albarrã.
Recorda essa lendaria e afectuosa Malvina,
dando o braço ao Rei cego, o velho poéta Ossian.

II

É Milton cego e pobre — É o Genio abatido,
trôpego, enfermo, rôto, e mal podendo andar.
Váe vender a um livreiro o *Paraizo Perdido,*
pois não tem sal nem pão, nem braza sobre o lar.
— Passa um Bispo em berlinda, um *lord* em trem batido.
— A Egreja e mais a Côrte acabam de almoçar.

III

Milton não almoçou — Há mais de trinta horas
que ninguem próva pão no albergue d'este heróe.
O leito, a meza, o altar leváram-no as penhóras.
O Fisco é um abestruz que até o ferro esmóe.
Roubaram á menina o proprio *Livro de Horas.*
A alma de um beleguim de que é que se condóe?...

IV

Dez livreiros procúra o pobre genio cego.
Todos rejeitam sempre o poêma com desdém.
O Genio dóbra a fronte, assim como o borrego
que vê roubar-lhe o lobo a ensanguentada mãe.
Mas a virgem de Albion, a filha, com socego,
bráda-lhe: — *Ó Páe, valôr! Marchemos mais além!*

V

Mais além, mais além. — Eis que a filha emfim tópa
um livreiro feroz, barrigúdo maroto,
que rósna, cheira o poêma, e zombando da tropa,
vinte pences of'réce... e dá no fim um arrôto.
— *Vinte pences* meu poéta! Eis as glórias da Europa!
— Antes lobo, antes cão, antes burro no esgôto!

VI

Vinte pences, meu poéta! Irrisão! Ironia!
O bispo de York a rir, borrácho n'uma ceia,
Buckingman a cantar, *flirtando* n'uma orgia,
Lord Falstaff e o Rei, ambos barriga cheia.
Trez ladrões esfaqueando um ventre, á Mouraria,
gánham mais do que tú parindo essa epopeia!...

VII

Vinte pences, meu poéta! És um tolo, um oráte.
Porque é que tu não foste ao Rei Carlos I,
ou ao bispo de York, o nariz de tomáte,
dedicar trez soláus?... Nomeávam-te archeiro.
— És um poéta e um heróe. Famoso disparate!
— Antes fosses palháço, antes fosses toureiro!

VIII

Vinte pences, porém, chegam para um almoço!...
O cégo estende a mão ao editor salafrário,
e volta mais a filha, o arcanjo loiro e moço,
mártires, qual Jesus dos ladrões do Calvario.
Mas quando iam transpôr o portal, um colosso
berra ao cégo: — *Assassino! Infame pamfletario!*

IX

Este brado á menina assombra como o raio.
Váe desmaiar, cair. Mas bréve, com carinho,
aperta ao cégo a mão, dóma o proprio desmaio,
faz-se intrépida e heroica e beija-o de mansinho.
Depois soluça baixo... E, qual chuva de maio,
deixa o pranto rolar, rolar, devagarinho.

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

X

Ó virgem de Albion, arcanjo loiro e puro!
Antigona piedosa! amparo de teu páe!
como ao Oedipo errante, em teu braço seguro,
léva-o de terra em terra, a Athenas, sem um ái.
— Léva-o á Athenas santa, á ilha do Futuro.
— Não tremas da sentença. Entra sem medo, váe.

XI

Não temas, virgem loira, as chûfas e os revézes!
És da raça de heroes!... Não das raças bastardas,
que temem ver ao sol faiscarem os arnezes,
e lampejar na aurora o aço das alabardas.
És da raça de Erin!... dos loiros montanheses,
caçadores gentís de bravas corças pardas!...

XII

Tens na pupila azul as lagrimas sentidas,
mas tens inda tambem as guerreiras imagens
dos bravos, que se vão sobre as náus atrevidas,
cantando aos temporaes e ao raio entre as cordagens.
Tens no ouvido inda o som das trómas aguerridas
dos *bardos*, teus avós, sobre as harpas selvagens!...

XIV

Canta-lhe esses soláus, essas trómas antigas,
onde paira o sabor das épocas singelas.
Treme em nós não sei quê, ás avoengas cantigas,
que relembram ações imortalmente bélas.
Canta! esqueça a cegueira e as trevas inimigas,
e ouvindo-te cantar, cuide ouvir as estrelas!...

XIV

Não chóres virgem loira! — Esse vil pamfletário,
como apódam teu páe, só aos máus fez a guerra.
Varou de lado a lado o cortesão falsario,
fez descorar os Réis e os eunúcos da terra!
Tudo arou, revolveu, refundiu. Genio vario,
soube tudo prever, fez a *livre Inglaterra!*

XV

Não roxeou as mãos tal como um carniceiro,
no sangue do seu Rei, nem outros vis flagicios.
Pamfletario genial, verberou justiceiro
as orgias reaes e os seus vãos desperdicios.
— Não condenou á morte o Rei Carlos I.
— Quem justiçou o Rei, foram seus torpes vicios.

XVI

Não desdenhes teu Pae! — Nos cabelos branqueádos
brilha a c'rôa maior que a terra inteira tem.
Tem o genio infeliz, a cegueira, os cuidados,
o ódio dos fariseus, do agióta o desdém.
— Nunca a pena vendeu aos Reis nem aos castrádos!
— Foi o genio imortal, o recto hómem de bem!

XVII

Não chores, filha de Albion, a sua amarga sina!..
Seu poêma é um mundo. É a gloria de amanhã.
Seus cantos virginaes, de uma emoção divina,
hão de a terra extasiar e a velha alma bretã!...
Não chores, virgem triste, assim como Malvina,
pois teu Pae é um Rei... *maior que o Rei Ossian!*

TRIBUTO DE SANGUE

Sangue e mais sangue! A historia... um matadouro.
Homem! servo do rei sem corôa d'ouro —
Coberto de miserias e desdéns!
Quando é que um dia findará teu luto?
Quando é que has-de quebrar esse tributo
que faz chorar as Mães?

Sangue e mais sangue! — ó pallida batalha!
E ha-de a todos caber uma mortalha,
e a mesma morte amiga consolar!
— Havemos de dormir na mesma terra. —
— Ha sempre para nós um valle ou serra,
Irmãos! onde acabar!

Ha sempre alguma pedra n'uma estrada,
um canto onde dormir... praia ignorada!
uma rocha, algum valle que nos esconda!
Ha sempre um leito aberto aos membros lassos,
Hamlet, a propria terra de seus passos,
Ophelia tem a onda!

Ha-de em todos cumprir-se a mesma sorte.
— P'ra todos é boa e justa a Morte.
Ha sempre terra, irmãos, onde morrer!
O' cruzadas sangrentas do destino!
Feliz do que acha ao pé, como o d'Urbino,
um seio de mulher!

Nascemos para a dôr! E' sina escura!
Somos todos irmãos na desventura;
Deu-nos o leite amargo a mesma mãe!
— Hão-de as hervas trepar-nos pelos ossos!
Não precisamos ir matar os nossos.
Sabem chorar tambem!

Sabem chorar. — No mundo quem se isenta?
E' sentença fatal, lettra cruenta.
Somos todos uns lividos grilhetas!
Somos todos forçados da desgraça.
Não precisam os Reis sentar-nos práça,
e armar-nos de bayonetas!

Sois vós, sois vós, ó despotas sublimes!
que tendes sempre as mãos tintas de crimes,
e fazeis batalhar as gerações! —
Que nos importa a nós vossas contendas?
Rasgae-vos entre vós, queimae as tendas,
familia de leões!

Rasgae-vos entre vós! Não fique ao Mundo
um resto só do vosso nome immundo!
— Semeastes bastantes vendavaes!
Rasgae-vos entre vós, velhas serpentes...
Ha muito envenenaes vossos parentes...
Sabeis matar de mais!

Ha muito que fazeis tinir espadas!
Soam no ar as vozes desgraçadas,
as lentas ladainhas da afflicção!...
— E escuta-se carpir. . peitos avaros:
— onde estaes? onde estaes? Ó filhos caros!
Morreste, meu irmão!?

E no entanto, ó viuvas consumidas!
cheias de luto e dôr, pombas perdidas,
toda a noite fugindo até cançar...
— elles, os Reis, os despotas dourados,
tem sempre achado servos e soldados,
e feito as mães chorar!

E bradam-nos que é lei! ó zombaria!
Sombras meigas, leaes! funda ironia!
Não devem leis de sangue vir d'um Rei!
— Segue a Lei e a justiça os mesmos trilhos;
E se ha lei que nos faz matar os filhos
Ó Mães! maldita Lei!

Ó mães, ó meigas mães, rollas chorosas,
Sois vós quem os criaes, hastes viçosas,
á luz do vosso olhar e ao sol dos céus!
— E lavadas em pranto, á despedida,
que vos trepaes á rocha mais erguida,
gritando ainda — Adeus!

Sois vós, sois vós, que lhes guiaes os passos!
Abris a cruz de amor dos vossos braços,
e nos seios, mais alvos de que o linho,
os embalaes á luz dos astros santos...
para os lavardes, uma noite, em prantos,
nos fossos d'um caminho.

Nós vemos-vos fugir entre gemidos,
cheias de dôr, rasgados os vestidos,
nos rytmos cortados da afflicção ..
Maldizendo os Heroes e a dura gloria —
— e indignadas apontar á historia:
Néro e Napoleão!

E no entanto, ó Heroes, nem sois soldados! —
Soldado — é o que abre a estrada aos desgraçados,
Soldado — é o que batalha pela luz!
Soldado — é o que combate o erro escuro.
Soldado — é o que constróe para o Futuro.
Soldado — foi Jesus!

Vós sois, sim, os mais infimos bandidos! —
— sois os cães esfaimados, foragidos,
nos atalhos da Historia — uns temporaes!
Caminhaes entre o pranto, o luto e os gritos.
Sois uns tigres, uns lobos, uns malditos.
Silencio! cannibaes!

Julgaes ter morto a Liberdade insana!
Cravastes n'uma cruz a alma Humaná.
Fuzilastes a Lei — e, ufanos d'isto,
andaes fazendo sentinella á Ideia,
como os guardas romanos da Judeia
ao tumulo de Christo!

Mas ella surgirá casta e sagrada!
— E então, n'essa limpida alvorada,
todos nós — já aberta a grande liça —
tomaremos da lança da Verdade,
e farêmos a ronda á Liberdade.
Soldados da Justiça!

AO CRISTO
DOS VENDILHÕES DO TEMPLO

Chore e grite a minha alma assim como os profétas,
erricem-se de pé os meus cabellos brancos,
revolte-se o meu peito e retalhem meus flancos
a ira e a indignação, como afiádas sétas.

Mirre-se a minha mão, tal como a dos ascétas,
cáia inerte o meu braço assim como o dos mancos,
se eu não marcar na testa, a fogo, os saltimbancos
que escarráram na Lei com as bocas abjectas!

Verta sangue a minha alma, entristeça, e dê brádos,
e peça ao Cristo o seu chicote dos malvados,
n'um canto de ira e fél como o algoz de Luiz Onze,

canto de ira e aflição, como cidade em peste,
que uive como o azorrague e o pranto do cipreste,
— lembre um tambor de luto e um badálo de bronze.

A UMAS FLORES OFFERECIDAS

Mimosas flôres pendidas,
que já brilhastes n'um seio,
hoje tendes tão perdidas
as côr's... que sinto receio
que tenhaes, rosas pendidas,
saudades d'aquelle seio!

Que formosa sepultura,
n'aquellas pômas mimosas!...
Dizei-me: — na jaspea alvura
d'essas pômas setinosas,
um ai tremeu de ternura?...
Ai quem dera, ó brancas rosas,
ter a vossa sepultura!

NO CALVARIO

Maria com seus olhos maguados,
Céus espirituaes, lavava em pranto
as largas chagas de Jesús, emquanto
ria ao pé um dos tres crucificados.

Semblantes de mulher mortificados
escondiam a dôr no casto manto;
uma mulher de Hennon chorava a um canto,
jogavam sobre a tunica os soldados.

Martha, os pingos de sangue, alva açucena,
dir-se-ia no bom seio recolhel-os;
alguns riam, brutaes, d'aquela pena!

Salomé tinha um mar nos olhos belos;
João fitava a cruz... Mas Magdalena
limpava a Christo os pés com seus cabelos!

PALAVRAS A UM ENFORCADO

Guinchava o carnaval nas ruas da Sodoma
plantada á beira mar. — N'uma deserta praça,
suja de lama vil, tremoço, e pós de gomma,
ecoáva a rouca voz da ébria populaça.

Farroupilhas foliões. mascarados pandilhas,
sálsas, *vegêtes*, reis, sensaborões *ché-chés*
— que tinham ao bordel talvez vendido as filhas, —
rebolavam, cantando, em mil chinfrins cafés.

Era deserta a praça. — As arvores já nuas,
mirradas e espectraes, cobertas de geáda,
eram tambem banaes como essas pulhas ruas,
sem vida, graça, e flôr — como a turba avinhada.

N'uma arvore mais alta, á chuva e á ventaneira,
baloiçava no ar um tragico Narciso.
Tinha a lingua pendente e a negra cabelleira
cheia de pós tambem... no labio um máu sorriso.

Amarello, da côr dos claustraes pergaminhos,
jejuára, talvez, como as magras cadellas,
soffrêra privações, trilhára máus caminhos...
— mas tinha botões de ouro e luvas amarellas.

Seu riso era medonho, e as maxillas, cavadas
dos brumosos jejuns, faziam um tregeito...
Tinha as calças em baixo immundas e esgarçadas.
— Ostentava, porém, uma camelia ao peito.

Espécado parei, suspendendo meus passos,
quasi prompto a chorar, quasi prompto a sorrir
d'esse enforcado atroz, dos corvos aos abraços,
que fazia talvez meditar Shakspeare.

E assim eu lhe bradei á rouca ventaneira,
e á chuva que molhava os pós dos seus cabellos,
e ao graniso mordaz que apedrejava a fria
carcassa do que fôra um dos doidos mais bellos;

« — Quem foste tu, ó filho original de uma era
egoista e chatim, um tempo pifio e falso?...
Ou marquez ou ladrão, tú trepaste como a hera,
do esgoto do lameiro a um banal cadafalso.

«Quem foste tu, inf'liz?... N'uma noite de entrudo,
empoado e a sorrir depois de larga ceia,
depois de haver's vendido ou empenhado tudo,
pref'riste a luz da lua á luz de uma candeia?...

«Mas que ruim luar!... O vento, ás casquinadas,
zomba de ti, e a lama ennodoou-te os botins!
Tua noiva talvez púla em salas douradas.
Tuas irmãs, quiçá, em salsifrés chinfrins!...

«Quem foste tu, inf'liz?... Foste o esturdio de fama,
que andaste de *landau* e em trem puxado a quatro,
e correste a empenhar os máus lençoes da cama,
para ires de casaca e camelia ao theatro?...

«Ou serias — quem sabe! o malogrado artista,
que procura trepar com gaudio e gentileza,
pela escada immoral de um século egoista,
— sem ter o audaz valor de uma estoica pobreza?...

«Muitas vezes talvez disfarçaste a camisa
suja, em ricos *plastrons*. Empenhaste a agiótas
o aureo medalhão da tua noiva Elisa,
ou pintaste com tinta as tuas rôtas botas?...

«Escreveste, febril, rêsmas de branco almasso,
o olhar erguendo ao céu, na misera trapeira,
procurando escalar o alto Ideal no espaço?...
e ouvindo melodiar a alegre costureira?

«Quem foste tu, inf'liz?... Foste ladrão ou santo,
leitor de Michelet, ou bispo do Deboche?...
Semeaste o amôr, o riso, a ansiedade, o pranto?
Abandalhaste mais a loira Rigolboche?...

«Viste Veneza á lua, aos ais das barcarólas,
quando escorre o luar sobre as lagúnas frias?...
Jogaste na roleta... e, ao som das castanholas,
osculáste á *manóla* as tranças lusidias?...

«Quem foste tu, charada?... Ou Hamleto ou Tartufo?
Fadista, ou arlequim, ou salteador de estrada?
Quem és, ó morto atroz, grotesco como um buffo,
que serás, ámanhã, caveira esverdeáda?...

«A cabeça empoada, elegante e casquilho,
tregeiteando ao sabor dos tragicos nordestes,
— não sei se eu heide rir do teu faustoso brilho,
— não sei se heide chorar-te, ámanhã, nos cyprestes!...

«Tu és symbolo vão de uma época impura,
em que tudo é mentira e em que tudo é tregeito,
e revélam-me toda uma tragedia escura
a tua rôta calça e essa camelia ao peito.

Todavia, — máu grado essa horrenda carêta,
que te dá o esgar de um burlesco truão...
máu grado os pós de gomma e a lama da sargêta,
— adeus, ó desesp'rado!... adeus, ó meu irmão!

A REVOLUÇÃO

I

Homens que decifraes as charadas dos astros,
não prégueis que os mortaes sempre andarão de rastros,
como quem isto ouviu da boca de Jehovah...
por que, assim como o Céu cruzam raios e ventos,
submergem-se as regiões, chocam-se os elementos,
tambem um dia a Ira as multidões desperta,
e a Revolução é certa,
a Revolução virá!...

II

Cortesãos que passaes a vida, torpemente,
a intrigar nos salões com um riso impudente,
em busca de um brazão, uma fita, um *crachat*...
não cuideis conservar o pé sobre a escumalha,
a górja dos vilões, a que chamaes *canalha*,
por que um dia eis que a Ira a canalha desperta,
e a Revolução é certa,
a Revolução virá!...

III

Padre do *Deus vintem* e generaes galhardos,
que elogiaes a Força ás tropas, com alardos,
e a toques de clarins fusilareis tudo o que há ..
não cuideis que hoje a Plebe é vossa presa certa,
de grilheta nos pés e a carne em chaga aberta,
por que um dia á vingança a canalha desperta,
e a Revolução é certa,
a Revolução virá!..

IV

Tiranos que arrogaes o direito divino,
para a vida passar de ventre resupino,
libando vinhos bons n'uns braços de Naná...
atenção, atenção! que o sangue dos tributos
já chega até aos céus, entre gritos e lutos,
atenção, que a miseria a canalha desperta,
e a Revolução é certa,
a Revolução vem já!...

NOTA ORTOGRÁFICA (1)

A ortografia, que se impõe incontestavelmente como a *única racional* é, decerto, a ortografia sónica. Como porém a Razão léva sempre séculos a impôr-se, emquanto que o Absúrdo senhoreia e avassála tudo logo, o que é racional é que é menoscabádo como absurdo: em quanto o Absurdo soberanamente tripudía. Em taes casos, o que é sensáto é ir evolucionando pouco a pouco, sempre no caminho da verdade e da luz, a fim de não escandalisar, em demasia, os morcêgos. A lingua déve ser um instrumento facil e correntío, para uso da massa geral. Quem fáz uma lingua é o povo cheio de imaginação e pitoresco: são os poétas que de ordinario téem esses mesmos dótes peculiares: e depois, os escriptores geniaes, que impõem o seu estílo, a sua lingua, as suas idéas. Os académicos e eruditos véem depois, e em nada mais se deveriam intrometer decerto, senão em registar o que encontraram e a pôr em ordem o que lêram, isto é: — em *fazer gramáticas e dicionarios*. Sucéde porém que elles se não contentam com esse papel subalterno, e quérem tambem dar leis, e formular códigos. Então a lingua passa a ser uma coisa massante, sábia, erudita, académica e empalháda, que é preciso cem annos, — sem fazer mais coisa alguma — para se bem estudar, aprofundar, adormecer e escabecear. Inventa-se então a *phonologia*, a *morphologia*, a *etymologia*, ou a *glótica*: sciencias muito respeitaveis decerto, mas pelas quaes finalmente ninguem vem a regular-se nunca, por que afinal o *uso*, a *necessidade*, o *costume*, a *evolução* e o embate dos tempos e dos homens altéram constantemente o que essas venerandas régras legisláram.

Algumas vezes cáe no caminho, um *t*, um *o*, um *l*, ou um *v*, do meio, do principio, ou do fim de alguma d'essas sublimes palavras tão sábiamente comentadas pelos académicos: e com tanto recáto arquivádas. Os sabios então ficam embaraçados para explicar como taes desacatos e taes sacrilégios sucederam a vocabulos tão bem vigiados, e a expressões outrora tão comedidas e enclausuradas em tão boas regras. *Corolário final*: — Foi o povo, foram os poétas, foram os escritores de génio, que perpetráram taes violações, porque só elles téem o poder de fazer, ou de desfazer linguas. Em taes casos o que é logico é aproximar as linguas cada vez mais do povo: fazel-as correntias, fáceis, sem preocupações etymológicas — que são ridiculas sempre em linguas que ás vezes tem mil origens diversas — e ensinal-as a escrever *tal e qual, como se fála*. E' isto decerto o mais lógico, e que acabará por ser letra correntía qualquer dia, a despeito dos académicos e dos filólogos.

(1) Á 1.ª edição da *Mulher de Luto*.

Uma das cousas mais racionaes a fazer, portanto, é acabar de vez com as letras duplicádas, como já fizéram os nossos visinhos, os castelhanos, e deitar tambem para o cemitério, como inuteis o *ph*, o *th*, o *ch*, ou o chamado *y* grêgo. Foi o que nós pretendemos fazer n'este livro : e n'esta orientação nos guiámos como a mais lógica, e única racional.

Mau grádo, porém, a nossa boa vontade, varios erros contrarios a tal propósito, no texto se insinuáram.

Não insistiremos mais n'isto, portanto, visto que já fica conhecido aquí o nosso alvitre, a tal respeito. Oxalá seja comprehendido, e ainda mais, seguido!...

Na pagina XIII, linha 2.ª, deve lêr-se:

apercéções em vez de *apreciações.*

Na pagina XIV, no ultimo verso da 3ª estancia de «A Canalha»:

devoram-nos em vez de *devoraram-nos.*

Na pagina 7, linha 7:

religião em vez de *região.*

A FECHAR

Esta segunda edição de *A Mulher de Luto* representa uma homenagem á memoria do seu autor.

Mais do que os interesses materiaes, o que em vida poderia afagar a sua vaidade de homem e o seu orgulho de artista e de pensador seria ver glorificada a sua obra em publico e retumbante testemunho de admiração. Publico testemunho é esta homenagem; a retumbancia pertence ás Academias, aos escritores e artistas, ao povo portuguez que êle amou apaixonadamente.

A Camara Municipal de Lisboa, o jornal *O Mundo* e varias outras entidades oficiaes e particulares empenham-se numa grande homenagem ao grande poéta. A nossa contribuição aquí fica tambem. E' uma obra toda feita de carinho e de ternura. Colaboram néla três belos espiritos, aos quaes agradecemos mais esta prova de velha amisade: — Luís Cebola, o poéta e psiquiatra insigne; Fernando Reis, o fogoso panfletario; e Boavida Portugal, o escritôr e conferencista ilustre - todos amigos que tambem foram de Gomes Leal, o vibrante poeta da *Traição* (1).

Egualmente nos auxiliaram com inexcedivel boa vontade a realisar a obra, os Ex.^{mos} Srs.:

Alberto Bessa, Alfredo Augusto Fernandes, Alvaro Neves, Alves Corrêa, Antonio Tiberio de Carvalho, Caetano Barros, Cruz Magalhães, Dias de Oliveira, Ernesto Soares, Gomes Monteiro, Henrique Marques, Henrique Marques Junior, M. Cardoso Marta, Miguel Saraiva e Rafael Ferreira.

A todos patenteamos o nosso sincero e inolvidavel reconhecimento.

---

(1) *Nota bibliografica:*

Foi o maior sucesso literario da sua epoca As edições sucederam-se, trabalhando as maquinas de impressão ininterruptamente, durante alguns dias, sem conseguir vencer as exigencias do mercado. As capas, nas primeiras edições impressas a duas côres, acabaram por o ser apenas a preto, para abreviar. Trinta mil exemplares vendidos! Ataques pessoais ao autor e, por ultimo, a entrada na prisão!

Os editores, que haviam adquirido a propriedade por 30$000 réis, pagaram-lhe todas as despesas de carceragem e á saida da cadeia entregaram-lhe 300$000 réis que equivalem a 9.000$00 hoje.

Rara bizarria!

Nesta edição do poêma conserva-se tudo que foi da primeira edição, incluindo a ortografia e as nótas em prosa. Vão agora a mais as ilustrações, e a *Polyanthéa*. Aquelas não precisam referencia especial, pois todas são de consagrados artistas. Esta, obedece ao proposito de engrandecer a homenagem, recordando produções do glorioso poéta, hoje quasi desconhecidas.

Pena é que o extraordinario poéta, que aos 34 anos tinha já produzido o melhor e a maior parte da sua larga obra, não seja ainda vivo. Teria hoje 76 anos. Bom gracejador e boémio, podernos ir cantar á viola os seus formosissimos versos:

NOITE DE ESTIO (1)

Nas noites quentes d'estio,
é doce, n'uma falúa,
no azul macio de um rio,
embalar-se á luz da lua.

Mas mais me agrada e consóla
do que a falúa e o luar,
sobre o teu peito de rôla
dormir, sorrir, e sonhar...

Não quiz o destino inexoravel, ter em scena por mais tempo o drama duma existencia que o genio sublimára e o infortunio perseguira tanto como a indiferença dos homens. Que a posteridade, ao menos, lhe faça a devida justiça.

Nós, comovidamente, enternecidamente, terminaremos com o epitafio que êle proprio escreveu:

EPITAPHIO DE UM POÉTA POBRE (2)

Aqui, n'esta campa rasa,
jaz um meigo sonhador,
que viveu sempre sem casa!
Fitando as nuvens e a lua,
sonhava em myrthaes em flôr,
nas duras pedras da rua!...
Morreu de penas de amôr,
em manhã de névoas frias,
por joven de tranças pretas,
que vendia violetas,
e era irmã das cotovias...
Morreu de penas de amôr,
em manhã de névoas frias!...

Lisboa, 6-6-1924.

O Editor.

(1) De *A Chronica*. Janeiro de 1903.
(2) De *A Chronica*. Abril de 1900.

INDICE

INDICE

PREFACIOS

PAG.

Duas palavras, por Boavida Portugal V
Analise psicologica da obra de Gomes Leal, por Luis Cebola IX
Gomes Leal e a sua obra, por Fernando Reis XIX

MULHER DE LUTO

A' Memoria de minha irmã 3
Processo ruidoso e singular 7
Antes do meu Processo 11
A Mulher de Luto 14
Os Fantasmas Nóturnos 19
Vaticinios Maus 25
Os Espiritos 29
O Vaticinio enigmatico 32
O Sacrilégio 34
O Sermão de Lagrimas 40
A Batina Rasgada 48
O Diadema de papelão doirádo 55
As Ruinas de um Teátro 70
Carta á Mulher de Luto 74
Continuação das Ruinas de um Teátro 79
A minha noite de Noivado 84
O meu Processo Singular 93
Em que as Pedras clamam 105
A Morte do Corvo 116
Cartas á Mulher de Luto 123
A Sobrevivencia do Amôr 139

POLYANTHÉA

Requerimento ao Rei 149
A Mulher de Pilatos (da *Cronica*, n.º 77-3.º ano) 151
A' Morte de Alexandre Herculano — Preito á memoria do grande escriptor, por ocasião do seu obito, em 13 de setembro de 1877 152

PAG.

A Trindade Coelho (do *Mundo*, de 16-8-1908) 156
Carta ao Rei, impondo-lhe a expulsão dos jesuitas (As *Quadras do Povo*, n.º 2) 157
A Grande Marafôna (do *Mundo*, de 16-8-1908) 165
Moderna Aleluia, comemorativa do 2.º aniversario da «Escola infantil para os Filhos do Povo 166
As Éras Patriarchaes (da *Revista das Artes Graphicas*, n.º 21, tomo II) 167
A Filha de Milton 168
Tributo de sangue 172
Ao Cristo dos Vendilhões do Templo (do *Mundo*, de 16-8-1908 176
A umas flores offerecidas 177
No Calvario 178
Palavras a um enforcado 179
A Revolução (Oferta do autor ao *Gremio Montanha* em 20/12/1908, celebrando a admissão do dr. Antonio José d'Almeida) 182
Nota ortografica 185
A fechar. Palavras do editor 187

ICONOGRAFIA

I — Gomes Leal. Retrato de 1883, *fac-simile* da assinatura II
II — Ultimo retrato do glorioso Poéta III
III — Capa da 1.ª edição. Desenho de José Leite 1
IV — Ode e Odio. Desenho de Raphael Bordalo Pinheiro, do *Album de Glorias* 24
V — Na masmorra. Desenho de Raphael Bordalo Pinheiro, do *Antonio Maria* 1881 34
VI — Serenadas de Hylario no céu. Desenho de Leal da Camara. *(D. Quichote)* — 1896 48
VII — Poéta da meia noite. Desenho de Raphael Bordalo Pinheiro. Do *Antonio Maria* — 1881 54
VIII — Gomes Leal. Retrato de 1898 70
IX — «A Traição». Desenho de Raphael Bordalo Pinheiro, do *Antonio Maria*. — 1881 74
X — Gomes Leal. Desenho de Jaime Cortesão. *(Nova Silva)* 1807 .
XI — » » Candido Craveiro. *(Illustração Portuguesa)* 1920
XII — » » Rodrigues Castañé, publicado no jornal *A Republica*, em 1914 92
XIII — Gomes Leal. Desenho de Francisco Valença. Do *Chinelo* — 1900 105
XIV — Gomes Leal em 1921 105
XV — Autografo oferecido ao sr. Gomes Monteiro, dois dias antes de falecer 105
XVI — Gomes Leal no leito de morte 105
XVII — O Enterro: Os estudantes e o carro funerario na Rua Moraes Soares 137

COMPOSTO E IMPRESSO
NA
TIPOGRAFIA DO COMERCIO
RUA DA OLIVEIRA, AO CARMO, 8 - LISBOA
1924

EM PREPARAÇÃO:

NOVA POLYANTHÉA

(POESIA E PROSA)

APRECIAÇÕES LITERARIAS

PREFACIO DE DIAS DE OLIVEIRA

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00050744809